

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CULTURA E SOCIEDADE
MESTRADO INTERDISCIPLINAR

MILENA ALVES MOURÃO PEREIRA

O VALOR DA CULTURA: avaliação de projetos artístico-culturais no âmbito individual e coletivo

São Luís
2019

MILENA ALVES MOURÃO PEREIRA

O VALOR DA CULTURA: avaliação de projetos artístico-culturais no âmbito individual e coletivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade,

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kláutenys Dellene Guedes Cutrim

São Luís

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Milena Alves Mourao.

O valor da cultura : avaliação de projetos artístico-culturais no âmbito individual e coletivo / Milena Alves Mourao Pereira. - 2019.

129 f.

Orientador(a): Klautenys Dellene Guedes Cutrim.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, Sao Luis, 2019.

1. Arte. 2. Avaliação. 3. Cultura. 4. Projetos Artístico-Culturais. 5. Valor da Cultura. I. Dellene Guedes Cutrim, Klautenys. II. Título.

MILENA ALVES MOURÃO PEREIRA

O VALOR DA CULTURA: avaliação de projetos artístico-culturais no âmbito individual e coletivo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para a obtenção do título de Mestre em Cultura e Sociedade,

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Kláutenys Dellene Guedes Cutrim(Orientadora)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof.^a Dr.^a Conceição Maria Belfort Carvalho

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

Doutor em Ciências Sociais
Instituto Federal do Maranhão

“Cultura é cultivar com amor a plenitude da existência humana.”

João Loureiro

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, por todo apoio aos meus sonhos, e por sempre me incentivar a buscar o melhor de mim, sem eles, não teria ido tão longe, são exemplo de coragem e perseverança. Helena, Herbeth e Júnior, vocês são e sempre serão minha principal base, e a força pela qual sempre lutarei.

O programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (PGCULT), que sem dúvida foi uma fase marcante da vida da minha vida estudante, do qual sou eternamente grata, por ter a possibilidade de estar em um curso que possui tanta riqueza.

À minha orientadora Klautenys Dellene, pelo apoio e a confiança ao acatar à ideia da pesquisa, e não poderia deixar de citar o apoio da professora Conceição Belfort. E também, a todos os professores do mestrado, em especial os professores Luciano Façanha, João Batista e Mônica Costa, pela presteza e apoio no decorrer do curso.

Ao meu eterno mentor Gilson Martins, ao meu amigo e professor João Augusto, Antônio Roberto, Carlos Ronchi e Isis Monteles, pessoas queridas que me apoiaram nesta empreitada.

Aos meus colegas queridos que o mestrado trouxe, e que também fizeram parte desse percurso cheio de aprendizados.

A todos os participantes do projeto Coral e a coordenação pela presteza em fazer parte dessa pesquisa.

Por fim, agradeço ao órgão Fundação de Amparo da Pesquisa do Maranhão (FAPEMA), pelo subsídio e apoio à pesquisa.

RESUMO

O presente estudo, nasce da seguinte inquietação: qual o valor de se investir em arte e cultura nestes tempos? Nesse espectro, na qual a sociedade paulatinamente reconhece a cultura como recurso de desenvolvimento, há uma outra problemática fundamental a ser aprofundada, e diz respeito ao campo da avaliação da cultura. Medir a ressonância das iniciativas culturais e em que grau ela impacta os indivíduos e a sociedade, é um processo fundamental no reconhecimento do seu valor, e não apenas para enunciar a sua significância no âmbito da promoção social e econômica, mas também para evidenciar como é um mecanismo que enriquece e afeta os seres humanos subjetivamente. Por isso, especialistas da área alertam que avaliar a cultura, não pode ser feita sob a mesma dinâmica de outros setores, e trazem críticas pertinentes aos métodos que as instituições estão avaliando os seus investimentos no setor. Logo, para uma visão acurada sobre o fenômeno, a pesquisa qualitativa é a mais adequada em vista da sua especificidade intangível. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é identificar como um projeto artístico-cultural impacta no âmbito individual e coletivo, tomando como caso o Coral da Universidade Federal do Maranhão. Nesse cenário, como objetivo suplementar, visa-se situar o papel da universidade no sistema cultural e político, pois a extensão é um dos canais de oportunidades de acesso e fruição cultural na sociedade. Ancorada teoricamente em diversas abordagens da significância da cultura, escolheu-se o modelo com indicadores de impacto das artes de Guetzkow (2002) para a construção das categorias, outrossim a contribuição dos estudos de Holden (2004;2006) ao propor novos olhares à temática do valor da cultura. O percurso metodológico do estudo tem característica exploratória e descritiva. Além da revisão bibliográfica, houve a adoção de pesquisa de campo, valendo-se da entrevista semiestruturada. Revelou-se na pesquisa, após a análise de conteúdo, sentidos que refletem sobre os impactos a nível individual e coletivo, corroborando sobre como a arte e cultura contribui para o desenvolvimento artístico e no bem-estar pessoal, e na mesma medida, proporcionam oportunidades de inclusão, manifestações de cidadania e da expansão de visão do mundo dos participantes do projeto. Como contribuição, pretende-se que este método de trabalho possa ser utilizado em outros projetos de cunhos culturais, disseminando a discussão sobre o valor da cultura.

Palavras-chave: Cultura. Arte. Valor da Cultura. Avaliação. Projetos Artístico-Culturais.

ABSTRACT

The present study arises from the following question: what is the value of investing in art and culture in these times? In this spectrum, in which society gradually recognizes culture as a resource for development, there is another fundamental problem to be explored, and it concerns the field of culture evaluation. Measuring the resonance of cultural initiatives and at what level it impacts individuals and society is a fundamental process in the recognition of its value, not only to state its significance in the scope of social and economic promotion, but also to show how it is a mechanism that enriches and affects humans subjectively. Therefore, experts in the field warn that valuing culture cannot be done under the same dynamic of other sectors and bring relevant criticism to the methods that institutions are evaluating their investments in the sector. Therefore, for an accurate view of the phenomenon, the qualitative research is the most adequate due to the intangible specificity. In this sense, the objective of the research is to identify how an artistic-cultural project impacts on the individual and collective scope, taking as a case the Coral of the Federal University of Maranhão. In this scenario, as an additional objective, the aim is to situate the university's role in the cultural and political system, since extension is one of the channels of access and cultural enjoyment in society. An anchored theoretically in several approaches of the significance of the culture, the Guetzkow (2002) impact model of the arts for the construction of the categories was chosen, as well as the contribution of the studies of Holden (2004, 2006) when proposing new looks to the subject of the value of culture. The methodological course of the study has an exploratory and descriptive characteristic. In addition to the bibliographic review, there was the adoption of field research, using the semi-structured interview. The results reveal meanings that reflect on individual and collective impacts, corroborating how art and culture contribute to artistic development and personal well-being, and to the same extent, provide opportunities for inclusion, manifestations of citizenship and expansion vision of the project participants. As a contribution, it is intended that this method of work can be used in other cultural projects, disseminating the discussion about the value of culture.

Keywords: Culture. Art. Value of Culture. Evaluation. Artistic-Cultural Projects.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dimensões da Cultura.....	22
Figura 2 - Hélice Tríplice	43
Figura 3 - Dimensões do Valor da Cultura.....	59
Figura 4 - Área do Palacete Gentil Braga.....	74
Figura 5 - Cartaz do Coral UFMA 45 anos	75
Figura 6 - Apresentação solo de cântico e instrumental.....	76
Figura 7 - Cartaz do 38º Festival Maranhense de Coros.....	77
Figura 8 - Concerto de Fim de Ano.....	78
Figura 9 - Apresentação do Coral.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definições da Cultura	21
Quadro 2 - Tipos de Projetos Culturais	49
Quadro 3 - Benefícios da avaliação de projetos artísticos-culturais	51
Quadro 4 - Definição de Impacto Social e termos correlatos	52
Quadro 5 - Mecanismo do Impacto das artes	55
Quadro 6 - Guia de Referência Preliminar	65
Quadro 7 - Informações do sujeito de pesquisa	68
Quadro 8 – Dimensão Individual	81
Quadro 9 - Impacto Artístico	82
Quadro 10 – Categoria de Impactos Pessoais	88
Quadro 11 – Dimensão Coletiva	97
Quadro 12 – Conteúdo da categoria Impacto Social	98
Quadro 13 – Impacto Cultural.....	106
Quadro 14 – Impactos da arte do canto coral.....	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAC	Coordenação de Extensão e Assuntos Comunitários
CODAE	Coordenação de Atividades de Extensão
DAC	Departamento de Atividades Culturais
DAL	Divisão de Atividades Literárias
DAM	Divisão de Atividades Musicais
DAML	Divisão de Atividades Musicais e Literárias
DAV	Divisão de Atividades Visuais
FEMACO	Festival Maranhense de Coros
FORPROEX	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
GUT	Grupo Universitário de Teatro
NAML	Núcleo de Atividades Musicais
NAV	Núcleo de Atividades Visuais
ONU	Organização das Nações Unidas
PREXAE	Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis
PROEX	Pró-Reitoria de Extensão
PROEXCE	Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CULTURA: suas diversas abordagens e seu universo indefinível	18
2.1 A arte no campo da cultura	24
2.2 A especificidade da arte do canto coral	29
2.2 Cultura: discussões contemporâneas	30
3 INSTITUCIONALIDADE DA ARTE E CULTURA	35
3.1 As relações da cultura e a universidade	41
3.2 Política Cultural e Extensão	44
4 AVALIAÇÃO DE PROJETOS ARTÍSTICO-CULTURAIS: desafios em torno do valor intangível	47
4.1 Projetos artístico-culturais: da ação ao formato de projeto	48
4.2 Para que avaliar projetos	50
4.3 Modelos de Avaliação de Impactos	53
4.4 Avaliação da extensão: como olhar para o setor cultural?	56
4.5 O Valor da Cultura: novos olhares para avaliação de projetos artístico-culturais ...	58
5 PERCURSO METODOLÓGICO	62
5.1 Caracterização da Pesquisa	63
5.2 Definições constituintes nas categorias da análise	63
5.3 Universo e Amostra	65
5.4 Procedimentos adotados na coleta de dados	66
5.5 Sujeitos da Pesquisa	68
5.6 Procedimentos adotados na análise	69
6 CONHECENDO O UNIVERSO DO CORAL UFMA: dimensão institucional	71
6.1 Breve Histórico DAC e Coral	71
6.2 Objetivos do Coral UFMA: agente de transformação sociocultural	73
6.4 Espaço Cultural: Palacete Gentil Braga	74
6.5 Principais Eventos e apresentações do Coral UFMA	75
7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: os impactos da experiência artística na dimensão individual e coletiva	81
7.1 Dimensão Individual	81
7.1.1 Impacto Artístico	82
7.1.2 Impactos Pessoais	88

7.2 Dimensão Coletiva: sobre os impactos sociais e culturais.....	97
7.2.1 Impacto Social	98
7.2.2 Impacto Cultural	105
7.3 Conexões entre a dimensão individual e coletiva.....	111
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	116
APÊNDICE A – ENTREVISTA – DIMENSÃO INDIVIDUAL.....	125
APÊNDICE B – ENTREVISTA - DIMENSÃO COLETIVA	126
APÊNDICE C – ENTREVISTA – DIMENSÃO INSTITUCIONAL.....	127
ANEXO A – LISTA DOS REGENTES DO CORAL UFMA	129

1 INTRODUÇÃO

Para o início das discussões, apresenta-se o seguinte questionamento: qual o valor de se investir em arte e cultura nesses tempos? Reflete-se, de antemão que o homem nunca está pronto e, enquanto vive, absorve novas configurações. A arte por ser o principal canal de significação da cultura, seja no campo imagético ou sonoro, seja no campo cênico ou midiático, permite metamorfoses individuais ao promover experiências valiosas aos humanos.

Nesse espectro, as discussões sobre como a arte impacta os seres humanos é um estudo em evolução. Decerto, não existe uma finitude nas elucubrações desse campo, pois é uma dimensão repleta de imaterialidade e que, discute sobre características intrinsecamente humanas. A arte transfigura as questões humanas em obras materiais, assim como registra os acontecimentos históricos, e questiona o mundo. Logo, usufruir dos diversos formatos artísticos, talvez seja um dos principais meios de conhecimento da humanidade.

O desenvolvimento da pesquisa foi sendo guiado pela curiosidade da pesquisadora sobre como o referido fenômeno, pode ser um instrumento de melhoramento da vida dos seres humanos. Um outro pilar a ser considerado, diz respeito à sua formação em Administração. O âmbito da gestão é uma disciplina que visa aperfeiçoar estrategicamente os processos e ações do homem. Independentemente do campo de ação, a sua aplicação pelas instituições, sobretudo na organização de quaisquer projetos é fundamental. Nessa perspectiva, a referida ciência pode ser considerada uma ferramenta essencial para o aperfeiçoamento das inventividades do homem na sociedade.

Destarte, o ingresso no Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão, trouxe novas significações para o estudo, na medida em que novas abordagens teóricas foram sendo conhecidas, trazendo possibilidade de desenvolver um olhar acurado da problemática. Ademais, o contributo cerne do curso, foi de apresentar incursões nas diversas áreas sociais e humanas, formando uma noção interdisciplinar e sistêmica.

Na sistemática do estudo expressará como as ações no âmbito cultural trazem repercussões socioeconômicas inestimáveis e, por isso, têm sido pauta importante de diversos debates interligados ao desenvolvimento humano e social. Nesse entendimento, de acordo Reis (2003) a arte como principal canal da cultura traz possibilidades de expandir a capacidade humana, e de tornar os seres humanos mais conscientes.

Portanto, parte-se da premissa que um dos meios de cooperar na valorização da cultura é conhecer metodologias confiáveis que demonstrem os seus contributos para a

sociedade, pois um desafio que permeia a ação é que em épocas de crise, ainda é um dos primeiros setores a serem cortados os investimentos. Seja, por desconhecimento dos representantes da sociedade sobre os seus reais efeitos, ou mesmo que, guiados pela visão de que os seus retornos não são visíveis, até mesmo imprevisíveis, a cultura precisa estar em pauta democraticamente, e não deve ser considerado um investimento supérfluo. Nesse espectro, o ato de avaliar é um processo da gestão, que almeja conhecer os resultados, efeitos e impactos dos investimentos no âmbito cultural. Logo, é por meio de mecanismos adequados, que se conhece em que grau os projetos de arte e cultura vem produzindo tanto benefícios, quanto mudanças significativas para a sociedade.

No sistema cultural, existem diversas instituições que fornecem oportunidades de projetos culturais à variados grupos na sociedade. Singularmente, o ambiente universitário tem uma efervescência cultural, pois a interação entre campus, professores, alunos e artistas favorece a emersão de ideias e confluências para além dos seus espaços físicos. Dentre as oportunidades de se envolver com atividades artísticas, a instituição possui um papel fundamental, que vai além da dimensão educacional. Pois, no que tange a arte e cultura, caracteriza-se por ser um elo estratégico para com a comunidade, por meio de projetos extensionistas, contendo até mesmo departamentos especializados para o setor.

Diante desse contexto, a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) tem como um de seus objetivos, conforme seu Estatuto, “desencadear ações que promovam a cultura a partir da Universidade, difundindo-as para a sociedade.” Para este fim, o Departamento de Assuntos Culturais (DAC), foi criado em 1974, e desde então, desenvolve diversas ações culturais, abarcando o âmbito da música, das artes visuais, além da promoção de eventos e festivais.

Tratando-se de uma pesquisa sobre impactos, a determinação do projeto deveria ser estratégica para o alcance dos resultados. Por uma questão metodológica e de identificação da pesquisadora, denomina-se para investigação do presente estudo, um projeto de linguagem musical. O Coral UFMA, é uma iniciativa que completou 45 anos (em 2018) de atuação na comunidade. Assim, presumiu-se que diante a sua trajetória histórica e de vasta representatividade na comunidade maranhense, houvessem substâncias determinantes para analisar com aprofundamento a sua ressonância na sociedade.

Conforme expressado pela coordenadora do projeto, o objetivo do Coral¹UFMA no nível social é: promover o intercâmbio de pessoas dentro do coral canto coletivo, integrando-

¹ Informações concedidas em entrevista

as e permitindo a inclusão social. Quanto ao nível individual: objetiva-se desenvolver a questão artística, o despertar cultural para ter uma apreciação musical, bem como promover uma ação para a formação de plateias. Desse modo, outra possibilidade complementar da pesquisa será de situar a universidade no conjunto da dinâmica cultural, além de mensurar os resultados alcançados, perceber o valor dessas ações. Outra perspectiva da investigação, será de investigar se a função social da universidade alcança a comunidade e de que forma alcança pelo canal da extensão.

Para tanto, a aplicação de um método para compreender os resultados dos projetos, tem o intuito de não se limitar apenas aos critérios pré-estabelecidos pela gestão do projeto, mas descobrir se existe algo além do plano traçado, algum impacto que, até então, não foi desenhado ou delimitado na construção do próprio projeto extensionista. Por isso, entende-se a relevância de se aprofundar na investigação de métodos, sobre os principais indicadores de impacto de projetos de arte e cultura para o desenvolvimento do percurso metodológico.

Teoricamente, o desenvolvimento da pesquisa teve influências do autor Guetzkow (2002), com o artigo “*How arts impact on communities*”, o qual propõe um modelo de indicadores no impacto do envolvimento como mundo das artes. O autor reuniu sinteticamente estudos empíricos, sobre como a arte impacta os seres humanos, subdividindo em dois universos, quais sejam: individual (cognitivo, saúde e interpessoal) e comunitário (econômico, social e cultural).

Outro pilar do estudo, é apresentado por Holden (2004, tradução nossa),² pois o valor da cultura não pode ser auferido apenas com informações estatísticas, como número de audiência de um espetáculo, por exemplo. Tal parâmetro, não demonstra como a cultura enriquece os seres humanos. Logo, revela-se a premência de se investir em análises com múltiplas perspectivas, especialmente que sejam dotadas de um viés qualitativo.

Nesse cenário, o processo de avaliação de um projeto cultural tem o intuito de valorar a trajetória e os resultados das suas ações, inclusive um sinônimo de avaliação seria a valoração (CEREZUELA, 2015). Diante disso, convém ressaltar a afirmação de Martinez, Rawlings e Vermeersch (2011), ao dissertarem que o cerne da avaliação de impactos é dar visibilidade à efetividade de qualquer objeto.

Desse modo, a questão cerne do estudo é: **como as ações de um projeto artístico-cultural impactam no nível individual e coletivo?** Para este fim, tendo como objeto de estudo, o Coral da Universidade Federal do Maranhão, sob a perspectiva dos seus integrantes, o

² “The value of culture cannot be expressed only with statistics. Audience numbers give us a poor picture of how culture enriches us” (HOLDEN, 2004, p.1)

objetivo geral do estudo será de - avaliar os impactos do projeto Coral UFMA no âmbito individual e coletivo. Para tanto, apresenta-se como objetivos específicos:

- a) Descrever as abordagens teóricas em torno do conceito de cultura;
- b) Identificar os contributos teóricos em torno da institucionalidade do campo da arte e cultura;
- c) Discutir sobre a construção de um modelo de avaliação de impactos de projetos artístico-culturais

Apresentam-se questões norteadoras consoantes aos objetivos específicos: (1) Quais os debates contemporâneos em torno do valor da cultura? (2) Como medir e avaliar os impactos de projetos de cunho cultural e artístico? (3) De que maneira os projetos artístico-culturais sob o âmbito universitário, contribuem para desencadear tais benefícios e de que forma pode ser ampliado?

Por uma escolha estratégica, a estrutura do trabalho segue uma ascendência entre as temáticas, de modo que o balizamento teórico, parte das discussões em torno do conceito de cultura, política cultural, e a avaliação do setor cultural até a análise da experiência empírica.

Nesse tópico, apresentou-se uma introdução sobre o estudo, contendo os objetivos, motivações e justificativas do trabalho. No segundo capítulo (Cultura: suas diversas abordagens e seu universo indefinível), trata-se do referencial teórico, onde será delineado, a imensidão dos conceitos de cultura, a sua relação com a arte, e por fim, os principais debates contemporâneos acerca do fenômeno. Já no terceiro capítulo, (Institucionalidade da arte e cultura: ação e política), refere-se sobre o entendimento de política cultural no contexto brasileiro, inserido a experiência da instituição universitária. Enquanto, no quarto capítulo, (Avaliação de projetos artístico-culturais: desafios em torno do valor do intangível) aborda-se sobre a problemática da avaliação, contendo tópicos acerca da importância de se avaliar projetos, dando bases para a construção da metodologia de avaliação do campo da arte e cultura. Por conseguinte, no quinto capítulo (Percurso metodológico) trata-se da metodologia da pesquisa, incluindo os instrumentos e os critérios adotados nas construções de categorias. Já no sexto capítulo, apresenta-se a dimensão institucional, a qual disserta, sobre as informações do projeto Coral). Por fim, no sétimo e último capítulo, há a exposição (análise e interpretação dos dados: conhecendo os impactos do projeto Coral) do tratamento dos dados, discutindo sobre as dimensões dos impactos no âmbito individual e coletivo.

Sucintamente, este estudo visa entender se existem significados importantes, que permitem o enriquecimento individual e coletivo, à medida que se há envolvimento com projetos artístico-culturais. Nesse intuito, reitera-se a pretensão de contribuir na construção de valorização do segmento, pois entende-se que o contato com o campo cultural necessita ser considerado um processo de aprendizagem entre diversos interlocutores.

Nesse sentido, a experiência em cultura sob o viés artístico, tem uma série de amplitudes a serem notadas. No que tange a este estudo visa-se explorar histórias, confluências, aprendizados e perspectivas de impactos no contexto individual e coletivo, especificamente sob a ótica dos participantes da arte do canto coral.

2 CULTURA: suas diversas abordagens e seu universo indefinível

Neste capítulo, são apresentadas as formulações teóricas do fenômeno cultura, bem como apresenta as suas diversas abordagens. O intuito será de apresentar teóricos que sistematizem o conceito, e que permitam visualizar a complexidade do tema. Outro objetivo complementar, será de entender como se dá a inserção da arte no referido campo, apresentando os debates da contemporaneidade, e que consubstanciam sobre o seu papel transversal na sociedade.

Ao buscar a gênese do que significa cultura, percebe-se como o referido fenômeno, tem experimentado mutações em sua significação desde a sua origem. Diante disso, presume-se, então, que definir cultura é um exercício que parece não ter finitude. Nesse espectro, Cuche, (1999) recomenda a busca de um entendimento que dão indícios de sua essência, tornando importante desconstruir a sua genealogia.

Advindo do latim *cultura*, o vocábulo já era utilizado desde o século XIII para se referir a uma parte da terra cultivada. Posteriormente, no século XVI, a sua noção foi expandida para a ação de cultivar terrenos, ou do trato com o gado. Por fim, no século XVIII, o seu sentido figurado se dissemina, especialmente ao fazer parte do “Dicionário da Academia Francesa”, em (1718). Pertencente às primeiras discussões do período Iluminista, apesar de não ser muito utilizada pelos estudiosos da época, o seu teor semântico, gradativamente, começava a estar atrelado à educação e formação do espírito (CUCHE, 1999). Nesse interim, pode ser considerado como o momento em que há uma construção do seu significado moderno.

Portanto, Eagleton (2011) explicita seu pensamento, que partindo de uma concepção de “cultivo da terra”, ao sentido de “cultivo de espírito”, no século XVIII, surge, concomitantemente, neste período a ideia de “civilização”. O homem cria e diante destas medidas há ressonâncias na natureza. Consonante a este intervir, modifica a si mesmo em um fluxo indeterminado. O que distingue ou aproxima essas relações é o trabalho do homem, uma cidade, por exemplo, é construída a partir de elementos que advém da natureza, como a água e areia. Isto ressalta a ideia de que na construção do mundo há sempre essa relação entre o natural e a cultural, entre o mundo e o homem. Por isso, a palavra combina com a ideia de um “[...] projeto consciente, mas também de um excedente não planejável [...]” (EAGLETON, 2011, p. 14).

A cultura é reflexo do corpóreo e extracorpóreo, pois é produto da existência e dos conteúdos criados entre o espectro natural e o artificial, entre “[...] o que fazemos ao mundo e

o que o mundo nos faz [...]” (EAGLETON, 2011, p. 11). Neste sentido, implica-se que diante das inter-relações entre o “eu” e o mundo, há um processo eterno de mudanças.

Refletindo historicamente sobre o conceito, Caldas (1986) aponta que o homem desde o seu surgimento produzia, consonantemente a isso, criava-se cultura. A saber que do ambiente das cavernas eram feitos de abrigos, nas paredes eram ilustradas representações do cotidiano em pinturas, bem como aos poucos foram sendo ornamentos instrumentos rudimentares que auxiliavam na caça. Nesse sentido, desde a “[...] construção de antigas pirâmides, a realização de uma grande obra literária, a nave que vai ao espaço, o coração, o rim, o fígado e a córnea transplantados, a criação da democracia, o telefone, a televisão e o livro são algumas das realizações do homem.” (CALDAS, 1986, p. 9), são reflexos culturais feitos pelo homem ao longo da sua existência.

Cultura então, é reflexo da profundidade humana, do mistério e requinte, entre a relação do natural e do artificial, que permeia a vida terrestre. Em outras palavras, a cultura é produto da criatividade humana e, diante do fluxo moderno, o homem se depara constantemente com novas formas de viver e se reinventar em uma relação sem fronteiras, a partir das conexões entre o local e o global. Do ambiente singular humano às dimensões diversas e plurais da globalidade, a cultura é algo essencialmente feito pelo humano na medida em que este se encontra em processos sociais, que as suas ações e as subsequentes reverberações convergem com outras culturas e que, por vezes, tomam novas formas, retornando àquele homem em um ciclo infinito.

Sob um viés poético, para Loureiro (1999, p. 19), “[...] a cultura é cultivar com amor a plenitude da existência humana [...]”. Enquanto para Mathew Arnold, poeta e ensaísta inglês, resgatado por Thiery-Cherques (2006, p. 16), a cultura se relaciona com a “[...] paixão pela suavidade e luz.” Em outra obra, esta acepção também é mencionada e comentada por Coelho (2012), o qual explica que esta alusão representa a ideia de ver as coisas como são, em um processo que permite a dinamicidade e o não egoísmo, e, neste sentido, propõe que o perceber e distinguir devem ser intrínsecos ao próprio ato cultural. A relação do conceito da cultura com luz, como uma metáfora, além do valor estético, dá-se uma ideia de um valor ético, pois tal luz é uma referência ao discernimento de valores. A luz que permeia o homem é a luz que trazem as boas inventividades e criam soluções, modificando a forma do homem se relacionar e conviver.

Papel fundamental da cultura é “[...] destilar nossa humanidade comum a partir dos nossos eus políticos sectários, resgatando dos sentidos e espírito, arrebatando do temporal o imutável [...]” (EAGLETON, 2011, p. 39). Para Eagleton (2011), o papel intrínseco da cultura

é retirar da diversidade a unicidade. Nesse mesmo entendimento, Cuche (1999, p. 11) explica que a noção de cultura “[...] é necessária, de certa maneira, para pensar a unidade da humanidade na diversidade além dos termos biológicos.” Mediante a estes sentidos é que os estudos dos diferentes povos são possíveis por meio da cultura.

Por isso, entende-se que o modo de viver esteja conectado ao seu próprio ambiente, de maneira que os sistemas, como política, economia e estética orientam as relações na sociedade. A inventividade humana ajuda a compor o que é natural, dando novos significados e valores. “Do material ao intangível. Do arqueológico ao contemporâneo.” (PINHO; MARTINEZ, 2012, p. 22). A cultura é composta pelas características de tais territórios, que influenciam na atualidade e na história, como “[...] recursos naturais, saberes tradicionais, imaginário coletivo, monumentos, lendas, festas, medicina, templos, etc.” (PINHO; MARTINEZ, 2012, p. 22).

A cultura é a maneira mais estratégica para pensar a sociedade. Evidência disto é que cada realidade cultural possui uma lógica interna e para que faça sentido se faz necessário conhecer as práticas, costumes, tradições, modos de ser, viver, bem como os fatos que trouxeram transformações impactantes em dado ambiente. Além do mais, a análise deve ser bem mais aprofundada quando pensamos que é necessária, também, a compreensão e a constante interação dos vários povos, nações e dos grupos humanos em geral ao redor do globo (SANTOS, 2006).

É consentâneo a noção de cultura como os modos de viver, os costumes e tradições de um povo (CUCHE, 1999). Muito embora, Coelho (2008) critique uma noção generalizada de cultura, considerando a impossibilidade de se discutir sua conceituação e seus sentidos sob apenas uma ótica geral. A respeito disso explica que cultura é uma parte de um todo, ainda neste mesmo raciocínio disserta que “[...] quando tudo é cultura [...] nada é cultura [...]” (COELHO, 2008, p. 20). Dentre todas essas discussões a “[...] a cultura ferve como um magma de ambiguidades, contradições e paradoxo [...]” (COELHO, 2008, p. 12). Nessa perspectiva complexa, será árduo discutir a cultura apenas sob um viés, sem conhecer a sua totalidade e especificidade, por isso vê-la apenas sob uma perspectiva simplificada ou de forma abrangente sem critérios, não dará uma dimensão acurada para o desenvolvimento dos estudos em seu campo.

No quadro de definições abaixo, pode-se fazer notar as principais tipologias encontradas para a definição de cultura.

Quadro 1 - Definições da cultura

Definições da Cultura	
Tipo	Exemplo
Antropológico	As redes de significados que o ser homem constrói e na qual também se insere (adaptado de Geertz, 1973)
Arqueológico	Os vestígios materiais de um determinado grupo
Comportamental	- Comportamento humano (modo de vida) compartilhado e aprendido. - Uma abstração a partir do comportamento. - Comportamento aprendido
Estrutural	Ideias, símbolos ou comportamentos padronizados e inter-relacionados
Funcional	- O modo como os seres humanos resolvem problemas de adaptação ou da vida em comum. - Um conjunto de técnicas para ajustar o ser humano a outros seres humanos e ao ambiente
Histórico	O acervo social que passa às gerações futuras
Mental	- Complexo de ideias ou hábitos apreendidos, que inibem os impulsos e distinguem as pessoas dos animais. - O modo de pensar, sentir e viver. - Um conjunto de orientações padronizadas para problemas recorrentes.
Normativo	Ideais, valores ou regras de vida
Romântico	As coisas mais nobres (...) luz e doçura (...) para a qual tendem os homens” (Arnold, 1869, apud Bodley, 1994).
Simbólico	Consumo de significados arbitrários compartilhados por uma sociedade.
Sociológico	- Formas de organização das sociedades. - Uma sociedade e o seu modo de vida
Tecnológico	As técnicas, tecnologias e produtos de um grupo
Topico	Tudo que está incluído em uma lista de tópicos, como organizações sociais, religião etc.
Vago genérico	O complexo de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Inclui não só as artes e letras, mas também os modos de vida, os direitos fundamentais do homem, o sistema de valores, tradições e crenças.

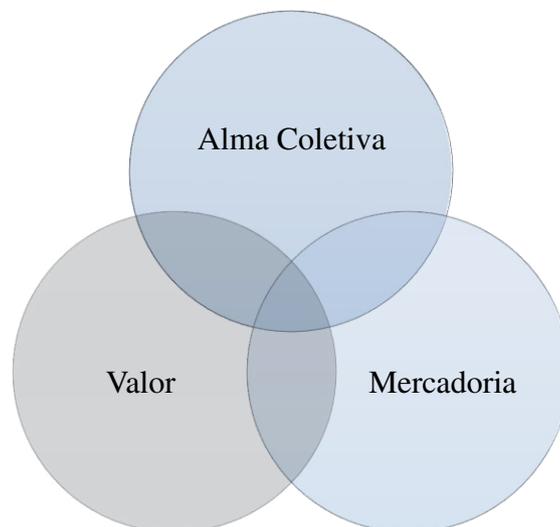
Fonte: Thiery-Cherques (2001)

Das diversas abordagens encontradas sobre cultura, os autores Guattari e Rolnik (1996) as sintetizam em três dimensões. A primeira delas, diz respeito à concepção de “cultivar o espírito”, sendo esta designada como “cultura-valor”. Significando, portanto, a concepção sobre quem possui ou não cultura, isto é, em outras palavras significa a aproximação da relação do conhecimento com o desenvolvimento estético e espiritual.

A segunda dimensão sugere a cultura como “cultura-alma coletiva”, apresentando-se como sinônimo de civilização. Nesta configuração, a cultura é democratizada, de modo que todos possuem alguma cultura, por exemplo, a cultura africana, chinesa, *underground*, etc. Essa perspectiva, se caracteriza por ser uma noção de alma mais vaga, pois ela se dispersa em todas as camadas sociais.

A terceira dimensão, por sua vez, seria a cultura de massa ou, como propõe os autores, a “cultura-mercadoria”. Guiada por uma lógica monetária e estatal, a cultura são todos os bens, tais como equipamentos culturais, as pessoas que trabalham nestes ambientes, as teorias relacionadas ao tópico e as ideologias discutidas em tais sistemáticas. Além, também, de produtos culturais, como filmes e livros e discos. Nesse sentido, a cultura se destaca por sua rentabilidade econômica, sendo difundida como qualquer mercadoria.

Figura 1 - Dimensões da Cultura



Fonte: Guattari e Rolnik (1996)

Para Guattari e Rolnik (1996), os três aspectos apresentados estão inter-relacionados e formam as estruturas da sociedade. Ou seja, no produto cultural, como um filme, carrega-se tanto o valor individual do diretor quanto da alma coletiva ao retratar uma série de características de um determinado país ou comunidade, por exemplo. Atrelado a isto, tem-se que a produção e circulação dessa obra em materiais de *streaming* ou pela distribuição nos

cinemas do mundo, geram uma série de renda e empregos diretos e indiretos, configurando-o na categoria de mercadoria.

Porém, mesmo diante dessa diversidade de conceitos, em todas as acepções de cultura pode se perceber uma noção de desenvolvimento, formação e realização (COTRIM, 1996). Uma nova cultura é reflexo de uma nova construção de mundos, comportamentos e, essencialmente, da mudança de valores sociais, sendo este último um dado essencial e componente da cultura (RUBIM, 2011). Neste sentido, a música, a moda, as artes de modo geral e o avanço tecnológico estão entre os elementos que mais modificam a cultura, criando concepções e novas visões de mundo (CALDAS, 1986, p.17).

Diante essa perspectiva transversal da cultura, Pesavento (2006) explica que a assertiva do seu conceito como “sorriso da sociedade” e da fruição espiritual transmutou para uma noção no último século de pensar a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo.” (PESAVENTO, 2006, p. 49). Diante disto, outra acepção deve ser destacada, qual seja: o sentido de representações. A ação do homem de representar o seu meio, em termos linguísticos ou em objetos, ou mesmo pelas manifestações artísticas, revela o ser e o não ser. As representações são construídas a partir desse senso ambiguidade, entre a objetificação do real e, ao mesmo tempo, a sua ausência. Uma linha tênue entre o distanciamento e a aproximação. O mundo, então, é reflexo desse imaginário composto de representações, o qual tateia a realidade e, ao mesmo tempo, cria um cenário ideal sobre o mundo. (PESAVENTO, 2006).

Uma faceta adicional a este constructo, consiste no fato de que “[...] nesse processo de investimento no mundo, de contato do homem com a realidade, um outro conceito impõe-se em termos culturais e se situa no âmago da construção social das representações: o das sensibilidades[...].” (PESAVENTO, 2006, p. 50). A caracterização de “[...] sensibilidade é considerada uma forma de apreensão e compreensão do mundo para além do conhecimento científico [...]” (PESAVENTO, 2006 p. 50). A sensibilidade, portanto, nessa perspectiva de representação do imaginário, evoca sentimentos, estados sensoriais à medida que o homem entra em contato com o mundo.

Com base nesses argumentos, percebe-se que existem vários modos de conceituar a palavra cultura, entretanto, encontra-se na abordagem de Guatari e Rolnik (1996) um sentido transversal e holístico que representa a cultura em três dimensões. A outra acepção, a qual se fundamenta o presente trabalho é proferida por Eagleton (2011), para o autor, a cultura pode ser entendida como a reverberação das inter-relações do “eu” com o mundo. Por fim, a seguinte reflexão expressa algo importante para a discussão desta dissertação: “[...] o papel da cultura é

fulcral. Assim, a cultura pode ser entendida como um instrumento ao serviço do alcance de graus de desenvolvimento, mas também, como um fim desejável, dando sentido à própria existência humana.” (GUERRA; QUINTELA, 2007, p. 2).

A cultura, então, é a luz que direciona, mas há mistérios nos seus percalços. São os grandes enigmas da humanidade, os quais o homem se inquieta em desvendar, desde os modos de viver, à dinâmica das galáxias. Desta forma, o presente estudo compreende a arte no campo da cultura, como um dos principais meios de confluência do homem como seu meio, bem como pela sua possibilidade de fazer com que o homem possa refletir sobre o seu entorno e revelar profundidades sobre si.

2.1 A arte no campo da cultura

—*O que vocês pretendem?*
 —*Reinventar o mundo, colocando a arte a serviço dessa mudança. Mudança que é, antes de tudo, afirmação da vida.*
 —*Não é uma utopia, no sentido do irrealizável...?*
 — *Talvez. Mas é necessário desejar o impossível para que se amplie o campo do possível. [...].* (FARIA; GARCIA, 2003, p. 16)

Os alicerces criativos da cultura são construídos a partir da confluência do homem com o mundo. Talvez, uma das maneiras mais criativas de construir cultura seja por meio da criação artística. Nesse sentido, Loureiro (1999) explica que a arte nas suas mais diversas expressões, torna a conjuntura cultural da humanidade real, pois transforma o invisível em visível, ao efetivar a fisionomia dos sentimentos intrínsecos em formato inteligível.

Alguns breves conceitos, refletem sobre este universo. Na visão de Coli (1995, p. 8) a arte são “[...] manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo.” Enquanto para Reis (2003), a arte é o principal canal de comunicação da cultura.

O sentimento de absorção do mundo, o anseio de que tais fluxos sejam parte da vida, faz emergir o espírito aventureiro que acomete o homem em áreas como a ciência e tecnologia. Movido pela necessidade de descobrir, desde os aspectos estelares aos mistérios das substâncias atômicas, tais aspirações revelam a mesma magnitude para a criação artística, ao

tentar unir no “eu” singular uma experiência diversificada e, dessa forma, de tornar a individualidade parte do espectro social (FISCHER, 1987).

Outro ensinamento dado por Fischer (1987) é que a arte revela a competência humana de realizar conexões, preenchidos por conteúdos que refletem tanto experiências quanto ideias. Acrescenta, ainda, que há algo na arte que comunica verdades permanentes. Desta forma, dialoga com Loureiro (1999) ao dizer que arte é um ato de criatividade, que, por conseguinte, geram valores inestimáveis, como as premissas realísticas da humanidade. A cultura faz parte do mundo tangível e intangível da vida. Nesse sentido, o imaginário é necessário pois faz o homem sonhar. O talento criativo do artista, que parte de uma ação individual é consonantemente coletivo, pois as obras artísticas não partem do nada. Estão baseadas de acordo a temporalidade e a vivência do universo cultural existente. Assim, “[...] cada artista criador, seja onde quer que atue, atualiza e enriquece a arte da humanidade [...]” (LOUREIRO, 1999, p. 20). Em face disto, torna-se importante, então, destacar a relação da arte e cultura:

A arte em cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre indivíduos e sociedade. Solicita a visão, a escuta os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais e da cultura que se faz. A arte, como forma de comunicação e apreensão da realidade, é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese da explicação dos fatos. (CASCÃO *et al*, 2007, p. 24).

Diante dessas reflexões, surgem inquietações: Qual a função da arte em uma cultura? De que forma ela é necessária para pensar a unicidade do homem e ao mesmo tempo sendo uma obra originada da dialética com a diversidade? A arte tem sido necessária e que sempre será ansiada pela humanidade. O homem quer ser além do que ele é no presente e anseia por uma inteireza. Nesse sentido, parte em busca e aspira por significados plenos da sua existência (FISCHER, 1983).

O homem movido pela necessidade de transgredir, encontra na arte um meio de transbordar os limites postos pelas próprias culturas, não tendo regras, representa a sua criatividade sob diversos formatos, com conteúdo que reflete tanto a harmonia e beleza, direcionado pela sua noção de ordem e perfeição, mas como também, expressa significados chocantes, vulgares ou que emanam tristezas.

Nesse ponto, Fischer (1987) coloca que por meio da arte há imersão nos distúrbios humanos, mas também em suas profundidades, por isso critica o fato de que o fenômeno de acesso cultural, como a leitura, ouvir canções ir a peças de teatro ou cinema, é associado a um consenso de ser uma espécie de distração e lazer. Com efeito, o autor esboça as seguintes

reflexões: “Por que reagimos em face dessas ‘irrealidades’ como elas fossem a realidade intensificada? Que estranho misterioso divertimento é esse?” (FISCHER, 1987, p. 12). Ainda sobre essa assertiva, o autor explica que a razão de existir uma necessidade por distração, seja reflexo das próprias insatisfações humanas. Logo, distrair-se pelo meio da arte é um caminho menos arriscado de experimentação da vida. Dessa maneira, surgem outras questões:

Por que a nossa própria existência não basta? Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas? Porque, da penumbra do auditório fixamos o nosso olhar admirado em um palco iluminado, onde acontece algo que é fictício e que tão completamente absorve a nossa atenção? (FISCHER, 1987, p. 12).

No infinito mundo das artes, o homem lida com suas insatisfações, inquietações, sonhos e imaginários, simbolizando as nuances de uma cultura. Nesse cenário, entre o enlaço do aspecto mágico e bárbaro que a arte representa, retira o homem do seu cotidiano, e faz-o peregrinar em outros planos. Portanto, seja por distração ou por forma de rebuscamento pessoal, a arte causa impacto nos sentimentos mais profundos do homem, assim como também exorta os seus instintos, encontrando ali uma maneira de reconhecer a si mesmo e aos outros. Em outras palavras, o referido campo permite emergir a sensação de um mundo maior do que existe à frente, trazendo incursões em âmbitos inexplorados de si e de outros cosmos.

Ademais, Travassos (2014) utiliza da seguinte argumentação, estabelecendo uma conexão entre a cultura, a arte e o entretenimento. Primeiramente, a cultura pode ser entendida como o legado histórico-emotivo-social de um povo, secundamente, a arte como significado da reconstrução da cultura, por fim, o entretenimento é um instrumento no qual a arte é reenviada à cultura, soma-se a isto também um estímulo de reciclagem do próprio sistema cultural. O interessante, é que todos estes elementos estão interconectados, por isso não existe arte sem estar embasada por uma cultura, mesmo que ela esteja híbrida com diversas fontes culturais. Ou seja, o entretenimento visto aqui de uma forma otimista, permite influência ao homem, sendo o meio de transportar o conhecimento artístico para o sujeito, que, por conseguinte, permite o encorajamento de referências imaginativas, trazendo possibilidades de retorno à cultura sob formato artístico ou não.

Para Eagleton (2011, p. 76), “[...] nenhuma forma cognitiva seja mais apta em mapear as complexidades do coração do que a cultura artística [...]”. Por isso ela pode ser um instrumento tanto na busca da transcendência quanto na imposição de poder, pois os governos para compreender a sociedade não devem apenas entender os objetivos sociais, sobretudo os desejos humanos mais profundos (EAGLETON, 2011).

A narrativa traçada na obra “Tudo que é sólido desmancha no ar”, de Berman, retrata o que aconteceu com o modernismo do século XIX em relação ao século XX e como as artes prosperaram nesta época, especialmente por esse complemento tecnológico:

O que aconteceu, no século XX, ao modernismo do século XIX? De vários modos, prosperou e cresceu para além de suas próprias esperanças selvagens. Na pintura e na escultura, na poesia e no romance, no teatro e na dança, na arquitetura e no design, em todo um setor de média eletrônica e em um vasto conjunto de disciplinas científicas que nem sequer existiam um século atrás, nosso século produziu uma assombrosa quantidade de obras e ideias da mais alta qualidade. O século XX talvez seja o período mais brilhante e criativo da história da humanidade, quando menos porque sua energia criativa se espalhou por todas as partes do mundo. (BERMAN, 2007, p. 22).

Nesse sentido, o autor Loureiro (1999, p. 30) dialoga com Berman ao escrever que: “[...] a arte como expressão simbólica de uma cultura põe em evidência a maravilhosa criatividade do espírito humano. A criatividade é uma das mais importantes qualidades do homem moderno. O homem moderno é acometido da volúpia da criatividade.” Por isso, destaca-se como a partir do século XX ascendeu sob diversos meios o acesso à arte e cultura na sociedade, por conseguinte floriu a capacidade imaginativa e criadora do homem, pois à medida que se há uma abertura maior de conteúdos culturais há maiores oportunidades de referências.

Por fim, é fundamental compreender que a cultura não seja apenas arte. É um universo inteiro a ser contemplado, visto ser reflexo da ação humana. Mas, após todos os apontamentos supracitados, para o arcabouço conceitual deste trabalho, entende-se que a cultura é um conjunto, sendo a arte parte dele. Em outras palavras, a arte é um instrumento que procura decifrar uma cultura e que revela aspectos intrínsecos fundamentais da existência humana. Segundo Loureiro (1999), a arte comunica sentimentos de uma época, enquanto o artista dá significação a partir dessa universalidade que permeia toda formação humana. É, portanto, é considerado um campo de significações da cultura, assim como um instrumento imprescindível na confluência dos indivíduos com a coletividade.

As invenções são, antes de tudo, reflexos do processo criativo. O homem dotado de capacidade cognitivas, modifica a natureza, ou retira a matéria do seu próprio ambiente, transformando-o em objetos úteis à sociedade. Nessa dinâmica, as valorações de tais materiais ganham novos significados, concebendo assim, novos patrimônios.

Para aproximar essa sensibilidade que a arte permite e tentar desvendar o seu universo, toma-se como exemplo o que Rousseau expressou para descrever as sensações que a música pode emitir ao campo intrínseco:

[...] A natureza toda pode estar adormecida, mas aquele que a contempla não dorme, consistindo a arte do músico em substituir a imagem insensível do objeto pela dos

movimentos que sua presença excita no coração do contemplador. Não somente agitará o mar, animará as chamas do incêndio, fará os rios correrem, cair a chuva e aumentarem as torrentes, como também pintará o horror de um deserto tremendo, enegrecerá as paredes de uma prisão subterrânea, acalmará a tempestade, tornará o ar tranquilo e sereno, e, da orquestra, lançará uma nova frescura nos bosques. Não representará diretamente tais coisas, mas excitará na alma os mesmos sentimentos se experimenta vendo-as. (ROUSSEAU, 1999, p. 321).

A possibilidade de criar, de despertar sensações interiores, de transformar sentimentos em forma de sons ou poesia. O artista observa a natureza e a cria sob um novo olhar, “consistindo a arte do músico em substituir a imagem insensível do objeto pela dos movimentos que sua presença excita no coração do contemplador.” (ROUSSEAU, 1999, p. 321). Os efeitos são diversos naquele que o contempla, pois incitará, sugerirá, experiências e impressões por meio da sua obra, pintando universos únicos naquele que o contempla. Enseja a abertura a novas leituras, podendo ter um ciclo infinito de emoções. Na passagem final da citação (“não representará diretamente tais coisas, mas excitará na alma os mesmos sentimentos se experimenta vendo-as”), percebe-se a sutileza da arte, tendo em vista a possibilidade de transformar o que é intangível e, talvez, invisível aos olhos de outras pessoas, por meio da vivência de mundo e sensibilidade espiritual do artista.

Uma perspectiva significativa a ser tocada, diz respeito a relação enigmática do artista com a sociedade, notadamente porque acontece de algumas obras não serem entendida no tempo corrente à sua constituição. A mentalidade do criador, volita no decurso, trazendo ao seu presente, uma criação que representa um futuro quimérico. Nessa dinâmica, o criador ao envolver-se no campo criativo, concebem seus inventos, causam rupturas sociais, de forma que acabam sendo reconhecidos apenas em tempos vindouros.

Nessa dinâmica, embora as teorias façam distinções ou aproximações, entre a relação da arte e cultura, é necessário entender a arte como um elemento que evoca nuances singulares de uma dada cultura. Atenta-se que a cultura não pode significar apenas o campo da arte, todavia é por esta faceta que carrega na memória significados fundamentais da humanidade. É também é pela arte que se permite a libertação da criatividade do homem a qual o mesmo cria seu futuro. Outro entendimento cerne, é enxergar a arte como um meio de expressão e, à medida que o homem interpreta seu conteúdo, tem a chance de se reconhecer e se transformar.

2. 2 A especificidade da arte do canto coral

Considerando o âmbito pictórico, sonoro, performático e, até mesmo, tecnológico, existem diversas abordagens artísticas. As artes, como colocado na seção anterior, têm como uma de suas funções retratar uma ou diversas culturas, tendo em cada uma de suas perspectivas um sentido único, demonstrando o universo vastíssimo da subjetividade humana, principalmente ao fazer registros sobre como o homem se relaciona com o mundo.

O presente estudo aprofunda os impactos de experiências artísticas a partir da modalidade do canto coral. Para tanto, esta seção tem o intuito de situá-lo como uma expressão que detém de características fundamentais para o desenvolvimento humano e social. Antes, porém, fala-se um pouco da música.

O âmbito musical é um campo da arte, que envolve os corações, desperta sentimentos e move economias. As canções são resultado da confluência dos diversos contextos do seu criador. Repleta de significados, sejam elas locais ou universais, o artista decifra os códigos da cultura, tornando material a sua criatividade, permitindo que chegue a outros indivíduos, mesmo em ambientes longínquos de sua origem.

Nesse espectro, de acordo Soboll (2012), a música é um mecanismo de difusão cultural, a qual permite o alargamento da visão de mundo. Por tal conceito, Phipps (2014) disserta que significa a lente que os indivíduos utilizam para interpretar as suas vidas. Dito de outro modo, a música é um dos instrumentos que alargam a ótica sobre o mundo, contendo um conjunto das percepções e valores que os homens se baseiam para interagir com a sociedade.

A música, talvez, seja uma das linguagens artísticas mais populares da face da Terra. Quando se atém aos impactos da sua experimentação, é importantíssimo acentuar as suas diversas possibilidades. Seja ouvindo, cantando, tocando um instrumento ou, até mesmo, dançando, a música desperta novos registros internos, criando e tornando vivas as diversas memórias, expandindo a visão do mundo do seu receptor. Dentro de cada âmbito de experimentação, é um fenômeno com inúmeras potencialidades, pois pode causar efeitos emocionais, intelectuais e sociais. Por isso, é um instrumento essencial em diversos contextos, seja nos palcos de um show, em rituais religiosos, nas trilhas do cinema e nos fones de ouvido conectados aos dispositivos móveis.

Existem diversas expressões no âmbito musical e uma dessas formas, feita coletivamente, é o canto coral. De acordo com Junker (1999), o canto coral pode ser analisado sob dois vieses: educacional e o social. Tendo em vista o foco deste trabalho, adota-se especialmente a segunda característica, visto que se tem o intuito de descobrir os impactos

sociais. Todavia, sabe-se da importância do aspecto educacional para esse contexto, mas esta não é uma prioridade a ser discutida. Conforme Junker (1999):

O canto coral tem acontecido como uma manifestação cultural onde pessoas de vários seguimentos da sociedade se reúnem com um fim comum, em busca de realização cultural pessoal que será manifesta através de experiência ou vivência da sensibilidade estética. (JUNKER, 1999, p. 1).

As origens do canto coral estão associadas à trajetória da própria música e da história da humanidade. As primeiras elaborações melódicas foram emitidas por grupos primitivos em rituais considerados religiosos, utilizando diversas vozes para a composição do canto coletivo. No período considerado clássico e auge da cultura grega, começaram a ser definidas as premissas dessa modalidade. Nessa época, estabeleceu-se a denominação *choros* para o conjunto de cantantes e dançantes na conexão de suas vozes e performances. Nos períodos procedentes, tal arte estava associada às bases religiosas, de maneira que a igreja a utilizava para disseminar as suas mensagens e aumentar a quantidade de seguidores. O canto coral era propagado especialmente em templos, tendo uma das primeiras iniciativas registradas no século IV pelo papa Silvestre I (USP, 2005).

No decurso do canto coral, a sua composição foi sendo descentralizada por diversos grupos, semeando a sua prática em outras áreas, além do ambiente eclesiástico. No que concerne à realidade brasileira, tal modalidade começou a ter visibilidade no espaço escolar, a partir do projeto do músico Villa-Lobos, com o chamado Canto Orfeônico. Nos tempos presentes, tal categoria de canto é praticada em diversos âmbitos, como empresas, associações, escolas, igrejas e universidades (UFRB, 2019).

Sendo uma forma artística, sem muita evidência na realidade brasileira, é um âmbito riquíssimo a ser explorado, e que somente acontece pela formação de um conjunto. Primeiro é preciso que vozes diferentes se conectem, como o soprano, tenor, vibrato, baixo; segundo, deve-se priorizar um trabalho em grupo para que funcione a sincronização em público. Desse modo, uma de suas singularidades é a diversidade nas emissões vocais em uníssono sonoro. Para além disso, cabe ressaltar que o canto coral é uma relevante manifestação educacional musical e uma significativa ferramenta de integração social (AMATO, 2007).

2.3 Cultura e arte: discussões contemporâneas

No panorama do século XX, é clarividente que a cultura passa para um plano vital das discussões sociais. Antes desse período, existiam noções sobre cultura, todavia ela estava

presente em aspectos secundários, como nos estudos históricos e, ainda, geralmente associados ao conteúdo artístico. Ou seja, na era da globalização, a cultura assume outros sentidos. Começando, portanto, a ser vista como um produto, produzida para a massa, da mesma forma que o mecanismo da fabricação dos automóveis (DENNING, 2005).

A revelação de que a cultura se dispersou em forma de produtos ou debates por todas as camadas sociais é explicitada pelo seguinte dizer, “[...] o estudo da cultura e a crítica da cultura passaram a ser uma parte cada vez mais central da vida política e intelectual. Em anos recentes a isso se passou ser chamado de a “virada cultural” [...]” (DENNING, 2005, p. 10).

Reflexos das mudanças organizacionais na modernidade, podem ser detectados pelo marco da *internet* e a difusão de aparatos tecnológicos. Com as crescentes facilidades da tecnologia, tem-se que a arte, em formatos de produtos culturais possam ser acessados com maior irradiação, além das possibilidades de se adquirir instrumentos, onde tais aparelhos maximizam tanto o acesso às diversas fontes culturais do planeta, quanto de criação amadora.

As estruturas sociais mudaram. Neste fluxo, os homens são influenciados pelas novas tecnologias, que, por sua vez, mudam os modos de vida e comportamento. De acordo Thompson (2017), as tecnologias se transformam mais rápido que os seres humanos. Pelo dizer de Leite (2015), o uso de aparatos tecnológicos amplifica os instrumentos dos agentes culturais. Toma-se como exemplo - o ouvir música, em algumas décadas atrás, tal ato era apenas possível em discos, rádios ou em aparelhos de reprodução de fitas. Pouco a pouco, houve a inserção de novos aparatos, como a invenção do *walkman*, do *mp3*, até chegar na época de *streaming*, onde se pode ouvir qualquer música, de qualquer lugar.

Desse modo, os homens na modernidade, tendem a ser consumidores de diversas modalidades culturais, de uma maneira intensa e particular. Diante disto, deve-se levar em conta o que Loureiro (1999, p. 44) escreve, pois, “a obra de arte não é simetricamente completa em si própria, mas antes, como qualquer produto social, completa-se apenas no ato de ser utilizada.” No seu dizer uma obra cultural ou artística, apenas cria real significado à medida que a sociedade obtém seu acesso.

Se um dia cultura teve como significado cultivo, hoje ela se exterioriza em várias vertentes sociais. Do âmbito individual ao coletivo, ela é necessária para pensar a humanidade, mas, também, para disseminar valores simbólicos encontrados em produtos e serviços culturais, como: livros, *CDs*, nas séries da *Netflix*, nas telas do cinema e em diversos canais do *Youtube*. Desse modo, denota-se que a cultura como um recurso, seja no âmbito social ou econômico, traz significados e gera renda.

Nesse seguimento, a cultura na contemporaneidade, assume diversas roupagens, seja como mecanismo de espetacularização, seja para a resolução de problemas sociais (COELHO, 2012). Nesse ângulo, o papel vinculado à cultura na inclusão social, em formatos de projetos artístico-culturais são implementados nas comunidades a fim de tornar aquele ambiente mais coeso socialmente (BARBALHO, 2013). Isto é, a difusão da cultura para bairros violentos, pode revelar uma “luz” na vida de pessoas, que por efeito concebem novas perspectivas de suas existências. Outra corroboração a tais assertivas é que os, “[...] financiadores e instituições culturais correm atrás da utilidade da cultura entendida como investimento (no) social [...]” (BARBALHO, 2013, p. 8).

Coelho (2008) escreve que a noção de cultura na contemporaneidade, passa a ser vista de um mecanismo de desenvolvimento espiritual sem certo compromisso, a ser enxergada sob o viés da sua positividade social. De acordo o mesmo autor, não seria tão incorreto pressupor que a cultura tem poder de atingir os diversos âmbitos da sociedade, assim, “[...] a cultura seria a mola predileta da inclusão social e do preparo do bom cidadão para o desenvolvimento do país [...]” (COELHO, 2008, p. 10).

No entanto, Coelho (2008) apresenta um contraponto sobre a utilidade da cultura, de modo que ela não se destacou apenas por sua positividade. Para o autor, a ideia de cultura no século XX “[...] serviu também como instrumento ideológico de expansão imperial e de agressão econômica, política e social [...]” (COELHO, 2008, p. 8). Diante disso, é importante perceber a noção da sua dualidade, fazendo o uso das palavras de Eagleton (2011, p.61) seja, “[...] na Bósnia ou em Belfast, cultura não é apenas o que se coloca no toca-fitas; é aquilo por que se mata. O que a cultura perde em sublimidade, ela ganha em praticabilidade [...]”.

A cultura como fim instrumental pode manipular uma sociedade, assim como pode ser utilizada para um ganho social. Pela arte, podem ser representados os lados mais obscuros da humanidade e, por outro viés, ela pode ser uma forma de obter elevação espiritual. A mesma noção pode ser vista, quando na ciência, criam-se medicamentos que tratam doenças, mas, por outro lado, tem algum efeito colateral nocivo. Uma perspectiva similar a esta noção entre as extremidades, a qual se move o mundo e sobre como a cultura humana se movimenta, é dada por Giddens (2002), ao explicar que na medida que os homens criam a solução para algo, tem-se como efeito a geração de algum outro problema.

Pode-se refletir, portanto, como se houvesse um pêndulo basilar na sociedade, pois se a cultura é paradoxal, se a formação dos indivíduos está inserida neste contexto sistêmico, onde no mundo há sempre uma versão entre o bem e o mal, a cultura, então, é feita de paradoxos porque é reflexo da própria estrutura do homem.

Nas palavras de Giddens (2002, p. 11), “[...] a modernidade é a cultura do risco [...]”, como se não houvesse limitações para as intervenções do homem na sociedade em busca de premeditar o futuro ou até mesmo da intermitência dos instrumentos das técnicas na vida humana. Não que estas interferências não eram feitas em outros períodos, mas na vida social moderna há sempre uma maior profundidade de mudanças e de uma forma muito mais densa e veloz, tendo o homem de se ajustar ou procurar seu posicionamento, sua identidade. Nessa perspectiva, onde não há uma zona do conforto, há sempre riscos a serem tomados.

Cultura, então, pode ser pensada por esse viés da necessidade que o homem tem de desbravar e dominar o seu entorno, desbravar os mares, conhecer novas terras, premeditar o futuro, conhecer a organização do universo. Nessa perspectiva, navegar pelos mares profundos há suas surpresas, e mesmo que exista uma previsão do tempo, que haja instrumentos acurados de planejamento dos planos, pode haver riscos que não serão calculados ou previstos anteriormente, como, por exemplo, uma tempestade ou uma avalanche inesperada. A força da natureza que sobrepõem um caminho traçado. Um acidente no percurso. É neste ponto que existe a relação de que a cultura tenha na sua formação uma íntima ligação entre a efetivação dos projetos humanos e ao mesmo tempo a imprevisibilidade das suas intermitências no mundo (EAGLETON, 2011).

Logo, faz-se refletir que a vida social é estar neste magma de ambiguidades e parece que o homem tem sempre de se reinventar para buscar uma melhor forma de viver. Se o futuro é um projeto, é, também, uma surpresa. Se a cultura é paradoxo, parece que o homem procura a forma de equilíbrio na própria cultura, é pela cultura que se cria e se destrói. Dois pesos e duas medidas.

A partir desses parâmetros, torna-se necessário refletir sobre o papel da arte na cultura. Assim, de acordo Barros (2013, n.p.), “[...] pensar a arte como instrumento de desenvolvimento é pensar a arte na sua complexidade, onde fazem parte o artista, a obra de arte, a cultura e a sociedade.” O mesmo autor, defende a tese da importância de pensar sobre a arte e cultura em uma visão sistêmica e não apenas reconhecê-la de forma utilitária, como forma de lazer, entretenimento ou propulsor do turismo. Por isso, esse debate reconhece a indispensabilidade de discernir, sobre como a cultura dialoga com outros setores sociais, ou de que forma ela se integra com outras dimensões sociopolíticas. Alguns questionamentos são propostos pelo pesquisador, quais sejam: “o quanto há de cultura na saúde? no trabalho? na limpeza urbana?” Nesse sentido, o seguinte dizer coaduna sobre a visão holística da cultura nestes tempos:

As artes e as atividades culturais não são mais requisitadas apenas por visitantes ou espectadores, mas por empresas de confecções que querem melhorar a qualidade das

roupas vendidas, por empresas de móveis para melhorar o design de seus produtos, por hospitais para acalmar a ansiedade das crianças doentes, por prisões para preparar seus detentos para a reinserção social por meio de atividades de desenho ou da palavra escrita etc. As artes e a cultura são, então, consideradas como alavancas da criatividade econômica, social e ambiental. (GREFFE, 2016, p. 143-144).

Os homens fazem a cultura e por meio dela se transformam. Outro olhar sobre o tema é dito que, “[...] a cultura é uma criação contínua, assim como é a nossa existência individual [...]” (LIMA, 1963, p. 9). Nesse universo, a arte é apenas um dos elementos da cultura, mas se constitui como aspecto essencial dela. Utilizando das palavras de Barbosa (2004), é impossível conhecer um país sem conhecer as suas obras de arte, por conseguinte é impossível conhecer profundamente sobre os sentimentos humanos.

Por esse valor intangível, a arte e cultura são inestimáveis e, por isso, é árdua a conversação de ambas nos planos econômicos e suas valorações em termos estatísticos, mas, ainda assim, os seus setores se integram em uma nova economia. Nessa perspectiva, trazem empregos e geram rendimentos para uma série de artistas e criativos de vários cantos do mundo, bem como é um instrumento propulsor na transformação de comunidades e cidades.

Nesse contexto, vale destacar que, de acordo Rubim (2011, p. 58), “[...] nada mais atual que falar e reivindicar a transversalidade da cultura: consubstanciada em práticas, políticas e em estudos da sociedade contemporânea. A cultura adquire, dessa maneira, um lugar singular e relevante na atualidade.” Dessa forma, pode-se observar que a cultura perpassa não apenas nas questões intrínsecas da arte, mas se encontra nos processos socioeconômicos, o que explica a sua dimensão sistêmica. Todavia, utilizando-se das palavras de Greffe (2016, p.789), para a concepção deste trabalho, “[...] o que importa, aqui, não é a arte em si, mas a arte como cultura.”

Por outro lado, julga-se ser essencial, ter uma visão holística sobre os discursos direcionados à dimensão da cultura. Mesmo que complexa, é necessário tratar as conexões, e enxergar a necessidade da dimensão transversal e interdisciplinar. Tal perspectiva é tratada por Barros (2013), quando oferece a possibilidade de explorar a universalidade e a singularidade da temática, na medida em que se entende que toda parte está no todo.

Nesse cenário, foi demonstrado não somente a complexidade da cultura em níveis teóricos e práticos, mas, também, a sua essencialidade para a construção do futuro, e são estes tópicos que refletem sobre o valor da cultura no século XXI. A arte é parte intrínseca de cada cultura, ou melhor, talvez a arte seja o coração da cultura. Sem ela, não se pulsa as veias sociais, a vida humana se desvaloriza e não permite ao homem dar sentido à sua capacidade imaginativa e sonhadora.

3 INSTITUCIONALIDADE DA ARTE E CULTURA

O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito de política cultural, assim como delinear o surgimento da ação cultural no Brasil. Destacam-se os desafios da efetivação da democratização do âmbito cultural e, nessa conjuntura, traz aproximações teóricas do papel da universidade nesse campo.

A concepção de Porto (2010) acerca do que significa a política cultural tem características poéticas, representando o desígnio de expandir as possibilidades de percepções dos seres humanos, sobretudo no que concerne à subjetividade dos indivíduos, e a abertura de caminhos para os elementos simbólicos que compõem as relações do mundo e do “eu”. Nesse sentido, entende-se por subjetividade “[...] todo o campo que ativa a imaginação, a criatividade, o sonho e a sensibilidade diante de experiências estéticas e de dilemas éticos [...]” (PORTO, 2010, p. 40). Então, quais seriam os critérios de uma boa política cultural? Na sua visão, é aquela que entrelaça dois campos da vida pública: o de desenvolvimento estético e ético (valores) de uma sociedade.

A política cultural tem o propósito de lidar com a imaginação do homem, processo fundamental para a criatividade e inovação, cujo principal vetor é a subjetividade. Desse modo, o dizer de Cunha (2010, p. 13) explica que a “[...] ampliação de repertório altera a forma de relacionamento com a cultura; de maneira que ao entretenimento – uma das formas de lazer – venha se aliar um processo de desenvolvimento pessoal e a aquisição de novos valores”.

Uma assertiva que contribui para essas discussões é apresentada por Faria e Garcia (2003, p. 15), ao proferirem que “[...] a arte não se dá em um espaço vazio”. Como todo recurso, ela está envolvida em um sistema. Nessa conjuntura moderna, os aspectos tanto econômicos quanto políticos irão interferir nos campos artístico-culturais. Outrossim, existe a possibilidade da relação reversa, pela qual a própria arte interfere de volta nos sistemas sociais (FARIA; GARCIA, 2003).

Refletindo sobre esse contexto, as políticas culturais podem afetar como a sociedade criam as suas representações humanas, sendo um aspecto fundamental da criatividade do homem. As premissas dos autores citados estão concordes de que o planejamento do referido setor, deve visar o seu principal foco: o imaginário do homem. Todavia, vale citar que os seus processos, estão para além da arte, pois incluem todas as manifestações culturais e patrimoniais de uma sociedade.

Nessa perspectiva, traça-se um pouco do histórico do investimento em cultura, especialmente a partir do século XX. Em 1948 um dos destaques essenciais para o planejamento da cultura, foi a promulgação da Declaração dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas (ONU), referindo a cultura como um direito (SALATINI, 2016).

Reflexos dessas intermitências podem ser detectados pela reunião de vários países em um fórum formado pela Unesco, o qual debateu sobre aspectos institucionais, administrativos e financeiros da política cultural. No que concerne ao Brasil, em meados da década de 70, foi organizado pela referida instituição e o MEC (Ministério da Educação e da Cultura) uma conferência para debater sobre os principais problemas relacionados à temática. Nesse fluxo, a preocupação da Unesco perpassa as décadas até os anos 90 com o tópico “Década mundial do desenvolvimento cultural (1988- 1997)”. Outro impulso no setor foi dado a partir da parceria com as Nações Unidas, com a criação da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (BARBALHO, 2013).

No século XXI, especificamente no ano de 2002, foi estabelecida a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural. Em linhas gerais, seu conteúdo diz respeito às recordações, às reafirmações, às aspirações sobre a relevância da cultura, rebuscando tanto as afirmações passadas quanto analisando o presente e projetando novos trilhos para o setor. Com efeito, tal documento proclama princípios em torno da Identidade, Diversidade e Pluralismo, da Diversidade e Direitos Humanos e da Diversidade cultural e criatividade (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2002). Já no ano de 2015, foram traçados novos objetivos no âmbito do Desenvolvimento Sustentável (LEITE, 2015).

Para compreender essa formação na dimensão política, o art. 215 da Constituição Brasileira de 1988 dispõe que o Estado deve garantir a todos o pleno exercício dos direitos culturais. Sendo assim, a promulgação da cultura como um direito é uma base legítima para a formação das políticas culturais do país. Nesse sentido, Thiery-Cheques argumenta que “ao Estado tem sido dado não só o encargo de preservar o patrimônio e fomentar a criação, como também a responsabilidade de afiançar a liberdade dos indivíduos e grupos de fruir, manifestar e empreender culturalmente” (THIERY-CHEQUES, 2011, p. 9).

Essa dinâmica remete a algumas discussões, como: cultura é um tema a ser discutido por todos, pois quando políticas são determinadas por uma minoria, os valores podem ser impostados. Quem decide o que todos escutam nas rádios? De onde vêm as influências e a formação com as vertentes culturais? Por mais que o Estado tenha a responsabilidade de garantir

o atendimento dos direitos culturais, o indivíduo moderno encontra-se em uma fase de liberdade cultural, a partir da acessibilidade de alguns instrumentos tecnológicos.

Ao desenvolver esses argumentos para a formação de uma política cultural, deve ser analisado pelos planejadores os seguintes questionamentos: como se desperta esse desejo em cultura? Como se introduz a arte e a cultura na formação humana? De que forma ela pode ser desenvolvida para valorizar a identidade local sem que, ao mesmo tempo, não interfira no conhecimento de outras manifestações universais?

Com base nesses entendimentos, destaca-se a importância de se discutir a referida temática, pois as políticas culturais possuem um papel essencial ao desenvolvimento da sociedade. Por essa razão, a importância do seu planejamento e avaliação. Diante de tantas proposições conceituais, a formação da cultura é reflexo das decisões dos que estão no presente. Com efeito, essa dinâmica está atrelada ao dirigismo político e econômico, bem como possui uma lógica espontânea.

Destarte, as políticas culturais devem ter como premissa o interesse democrático, assim como a garantia do bem comum e coletivo. Sobre isso, Cunha (2010, p. 44) destaca que as políticas culturais correspondem ao “conjunto de iniciativas, tomadas por agentes que visam incentivar tanto a produção, distribuição, bem como a preservação e a difusão dos patrimônios históricos”. As práticas dessa política podem, de acordo com Coelho (2004, p. 293), ser feitas a partir das seguintes formas de intervenção:

- a) Normas jurídicas, no caso do Estado, ou procedimentos tipificados, em relação aos demais agentes, que regem as relações entre os diversos sujeitos e objetos culturais; e
- b) Intervenções diretas de ação cultural no processo cultural propriamente dito (construção de centros de cultura, apoio às manifestações artísticas, etc).

Sob essas denominações e outras colocações apresentadas, a política cultural tem no seu âmago a valorização do intangível, fluxo do processo criativo do sistema cultural. Outra assertiva é apresentada por Coelho (2004), que entende a política cultural como um programa de intervenção estatal, cujo intuito é atender às necessidades de cultura da sociedade e impulsionar as representações simbólicas. Nessa perspectiva, a ação cultural, geralmente, está interligada a algum tipo de política.

Buscando a historicidade do tema, um dos primeiros incentivos estatais diretos na área cultural foi concebido por intelectuais, que, mais tarde, fizeram parte do movimento

modernista. Para ilustrar, uma das primeiras ações do Estado foi o incentivo à formação de músicos eruditos e das artes visuais na Europa, a partir de um decreto homologado no ano de 1912 (CUNHA, 2010).

As relações entre o Estado e o investimento na cultura possui um maior destaque no Brasil, a partir da década de 30 e 40, justamente quando se identificou o pontapé inicial da elaboração de políticas para o setor cultural (CALABRE, 2007). No ano de 1935 foi criado em São Paulo o Departamento da Cultura e Recreação. Sob a direção de Mário de Andrade, houve a criação de setores de expansão cultural, como as Bibliotecas de Educação e Recreio e Documentação Histórica e Social. Entre outros projetos do departamento tem-se a iniciativa de realização de festivais, concursos de música e literatura.

Nas palavras de Coelho (2012), em meados dos anos de 1940, o poeta e literário Mario de Andrade utilizou o termo “arte-ação”, dando significância para o fazer cultural a partir de uma concepção aproximada de projeto transformador. A proposta simbolizava a intenção de conduzir os investimentos na arte e cultura como mecanismo de transformações sociais e estéticas. Apesar de tal termo não ser acatado, a aspiração dada ao campo artístico-cultural se desenrolou na década seguinte, com o título de “ação cultural”. Porém, foi apenas no final da década de 1970 que começaram a surgir centros culturais que davam ênfase sobre a importância da discussão do tema para a sociedade, concretizando, então, os planos predecessores dos seus pensadores.

A esse respeito, Coelho (2012) coloca que, de certa forma, tais ações foram tardias na sua propagação, porém, ainda nos primeiros estágios houve uma rápida absorção da comunidade. Ao se popularizar facilmente, surgiram, cada vez mais, pessoas desejosas por cultura. Nesse cenário, “[...] todas as cidades e cidadezinhas brasileiras sonharam primeiro com uma biblioteca. Depois, com um teatro e, mais tarde, um cinema. Em seguida foi a vez dos museus – e pôr fim a vez dos centros de cultura” (COELHO, 2012, p. 9).

Como resultado, os governos começam a se sentir cada vez mais impelidos a abrirem discussões sobre o tema, bem como direcionarem investimentos ao setor. Em decorrência disso, experimentam a transição de uma abordagem empírica do campo artístico e cultural para a prática em gestão da cultura, manifestando a necessidade de uma organização diferenciada ao setor (COELHO, 2012). Para Coelho (2012, p. 11, grifo nosso), a ação cultural surge para responder ao seguinte questionamento **“O que fazer com a cultura e arte hoje, neste tipo de sociedade a que chegamos.?”**

Coelho tece alguns pensamentos críticos para refletir sobre como a cultura tem sido retratada de modo utilitário e capitalista. Para o autor, “[...] a cultura aparentemente prolifera

[...], mas que cultura é essa que está sendo multiplicada?” (COELHO, 2012, p. 9). Nas realidades das grandes cidades, é comum que tanto pela iniciativa privada quanto estatal ocorra a oferta de peças teatrais para atrair espectadores. Desse modo, o principal objetivo concerne à construção de plateia em detrimento da formação de criadores culturais. Por essa ótica, vale trazer à tona o quanto uma comunidade deixa de enriquecer se não possuir bases para a sua população criativa (COELHO, 2012).

Sobre essa questão, Cunha (2010) observa ser necessário:

[...] um encaminhamento que permite tornar as ações e políticas culturais mais amplas e inclusivas, dotando-as de uma natureza que incentiva a formação e a informação, para além da oferta e difusão de uma cultura (estética e simbólica) socialmente legitimada. Ou seja, a ação encaminha-se no sentido de propiciar incentivo a interação social, ao acesso e consumo de produtos e objetos do universo cultural (possibilidades de ir a museus ou concertos, e, também meios de apoio para apresentações musicais comunitárias etc.) e ao mesmo tempo de oferecer condições para o aumento do repertório da informação cultural das pessoas (possibilidade de ampliar o repertório e as fronteiras simbólicas, de conhecer ou adquirir novos valores. (CUNHA, 2010, p. 12).

Por isso, é preciso pensar a ação cultural de maneira a democratizá-la em todos os formatos. Para Reis (2003), remanesce a necessidade de ampliação da base de participação para que haja democratização cultural, tanto no que diz respeito à oportunidade de criação quanto ao acesso às obras culturais.

Denota-se, a partir do que foi exposto, a relação de quanto mais se expande as oportunidades de acesso, criação e colaboração, mais se amplifica o enriquecimento cultural. Para corroborar essa ideia, Danilo Santos, na apresentação do livro *Cultura e Ação Cultural*, do autor Newton Cunha (2010), escreve que agir em prol da democratização cultural recoloca a importância de se avançar nos propósitos da ação e das políticas culturais.

Cunha (2010 p. 25) ainda destaca que a ação cultural é definida por uma intervenção técnica, política, social e econômica, conduzida por órgãos do setor público ou por entes da sociedade civil, os quais irão realizar o planejamento e a coordenação das ações. Em suma, irão realizar a gestão dos programas, projetos e atividades. Para conhecimento, na listagem abaixo são destacadas algumas formas de ação cultural:

- a) Formação ou aprendizado de técnicas/e ou conhecimentos artesanais, artísticos, científicos;
- b) Difusão de obras simbólicas e de experiências estéticas por meio de espetáculos, festivais, exposições, debates, seminários;

- c) Formação e desenvolvimento de grupos sociais, com objetivos específicos e os gerais de melhoria de vida, em defesa de direitos civis ou de cidadania – grupos de idosos, de adolescentes, de mulheres, etc.;
- d) Educação popular, vinculada aos temas delimitados, mas de tratamento informal e adesão voluntária; dinamização da biblioteca, habilidades artesanais;
- e) Formação ou aprendizado de habilidades corporais e desportivas – cursos e treinamentos;
- f) Difusão de modalidades recreativas;
- g) Turismo social;
- h) Conservação e popularização do acesso e do conhecimento a patrimônios, acervos históricos, científicos e artísticos;
- i) Criação ou estímulo à formação de centros ou de movimentos de informação e de formação culturais em pequenas e médias comunidades;
- j) Treinamento de quadros voluntários, semiprofissionais ou profissionais de agentes ou animadores.

Pelo que foi destacado nos exemplos elencados acima, nota-se a diversidade de atividades que se inserem em categorias de ação cultural. Um dos pilares da democracia se efetiva na criação desse leque de oportunidades culturais, permitindo aos indivíduos entender com qual atividade mais se identifica. Com efeito, emergem valores éticos e de apreciação, criando um universo de conexões, no qual as fontes são o imaginário, os sentimentos e as ideias. Nessa dinâmica, torna-se indispensável “[...] o hábito do aprendizado e da convivência com expressões.

Como já discutido, a política cultural é um tema complexo. Ela visa refletir sobre aspectos intangíveis que fazem parte do desenvolvimento social e criativo da sociedade. Atualmente, muitas manifestações culturais eazedores de cultura estão encontrando as suas próprias formas de se permanecerem vivos. Por isso, a dinâmica cultural atual precisa ser constantemente inovadora, pois deve acompanhar os processos da sociedade moderna.

Como escreve Rubim (2011), os estudos teórico-conceituais das políticas culturais ainda têm sido pouco explorados no mundo e no Brasil. Outro objeto bastante acentuado nos estudos é o tema do financiamento da cultura, sendo que boa parte das análises está sob o viés das leis de incentivo. Fundamentando essa discussão, percebe-se:

[...]a amplitude do conceito de cultura utilizado não apenas delinea a extensão do objeto das políticas culturais, mas indica as questões a serem enfrentadas por tais políticas, como as conexões pretendidas e realizadas entre as modalidades de cultura, sejam elas: erudita, popular e midiática ou local, regional, nacional, macrorregional e global. Em um estágio societário em que as conexões entre modalidades de cultura tornam-se recorrentes, a concepção de cultura inscrita nas políticas culturais adquire um lugar analítico relevante. (RUBIM, 2011, p. 67).

O sistema político estatal interfere de algum modo em toda a sociedade e, conseqüentemente, na construção da cultura, quer seja nas relações de produção quer seja na estrutura social, e, em decorrência disso, no fluxo e na forma de participação cultural. Desse modo, é importante mostrar a participação do Estado na produção e na organização da cultura (CALDAS,1986).

A política cultural é um processo que deve ser discutido em transversalidade com outros setores da sociedade. Para tanto, é necessária a busca de um equilíbrio entre memória e criatividade, entre tradição e inovação na concepção dos projetos. Nesse caso, é fundamental que o planejamento do sistema cultural seja feito por todos os públicos, desde os pensadores, artistas, comunidades e instituições até a audiência.

3.1 As relações da cultura e a universidade

A universidade respira e transborda o sentimento de cultura. Segundo Furtado (1984), tal instituição é uma das mais célebres invenções da humanidade em qualquer cultura, pois “[...] ela cristaliza a percepção de que o conhecimento pode ser utilizado para iluminar, disciplinar e ampliar o poder, sendo, portanto, ela mesma, uma forma superior de poder capaz de tomar consciência de sua responsabilidade social [...]” (FURTADO, 1984, p. 55). Para além do seu papel educacional, é um espaço para articular sob diversos ângulos a composição criativa da sociedade. Produz-se cultura por meio do aprendizado e conhecimento e é através dela que se reflete sobre questões científicas e sociais. Além das discussões atuais, sobre os modos do ensino da arte, a universidade oferece a oportunidade de conhecimento e capital cultural para a sociedade, mediante seus cursos, eventos, seminários e convenções.

Quanto ao campo da formação cultural, há uma preocupação com a formação de gestores culturais e produtores, já que esses atores atuam diretamente no segmento com mais conhecimento técnico aplicado, levando em consideração o valor simbólico cultural e a abordagem organizacional da cultura. Todo processo criativo, para se tornar um produto ou serviço, necessita de recursos financeiros e técnicas de gerenciamento.

Diante do foco deste trabalho, ter como objeto um projeto de extensão para análise do aspecto cultural, verificou-se uma aproximação escassa e pouco investigada na literatura. A instituição universitária, por exemplo, tem missão pedagógica e de formação, porém, por meio de ações culturais, a criação de departamentos em atividades culturais e a presença de movimentos artísticos e grupos culturais contribuem para o acesso e fruição cultural, viabilizando o seu papel social.

Para além da formação educacional e científica, as universidades fazem parte desse fluxo cultural e permite que o público não acadêmico tenha acesso e experiência no campo artístico-cultural. Nos dizeres de Furtado (1984), é exatamente nessa dinâmica entre a formação do conhecimento e a convergência desses saberes, em formatos que servirão para a sociedade, que se encontrará a singularidade da instituição universitária.

Furtado (1984) disserta que as universidades mais antigas – Paris e Bolonha - tiveram origem, respectivamente, a partir de um grupo de professores, mas a segunda também teve sua origem por meio de um grupo de estudantes. Isso explica que, na história, a universidade não foi concebida por uma organização, clerical ou estatal, mas emergiu de uma comunidade que exercia práticas do saber.

Nas palavras de Fávero (2006, p. 18), as discussões sobre “o fenômeno universitário não devem ser analisadas fora de uma realidade concreta, mas como parte de uma totalidade, de um processo social amplo, de uma problemática mais geral do país”. Por isso, a interligação de todo o referencial teórico é tentar estabelecer uma visão macro sobre os fenômenos, de forma que todos os processos culturais estejam inseridos em um contexto, onde existem pessoas, comunidades e instituições confluindo e influenciando na formação dos significados.

Para corroborar a discussão da relação da cultura e universidade, Ramos complementa à luz da teoria de Patriat:

Neste contexto, e com este fito de investimento cultural, à Universidade fica um papel único de mediação original, que a sua riqueza permite. Incumbe-lhe formar pessoas abertas, seres pensantes, críticos e operativos, no seio e fora dela. Para consumir tal projeto, exige-se uma volitiva formação de responsabilidade de ação cultural na cidade, partilhada com profissionais da cultura, artistas e animadores da comunidade, aceites como parceiros, como cooperantes seus de parte inteira. Julgar que a universidade tomará a iniciativa nesta área é porventura um mito; vê-la participar é bem possível e deveras necessário. (RAMOS, 2012, p. 18).

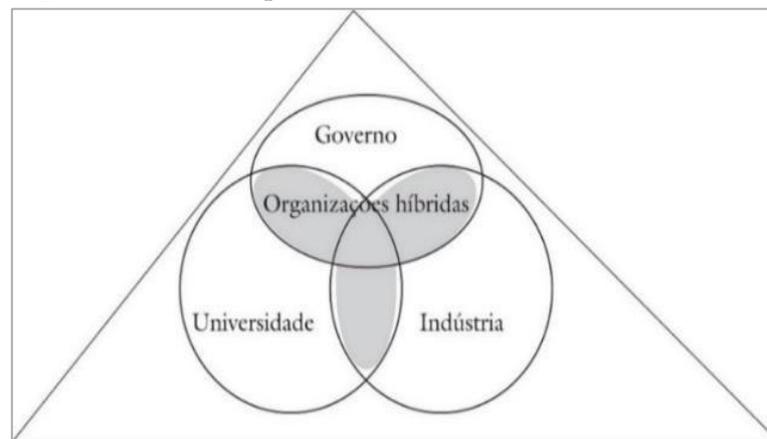
Nesse diálogo, reflete-se o modo como a universidade tem tido um papel no provimento da ação cultural. Mas, ainda que não esteja em papel de destaque no planejamento cultural, existe na sua essencialidade uma responsabilidade com as funções sociais, visto que

cria conexões em torno do diálogo entre a arte e a cultura, especialmente pela ação da extensão universitária.

Uma reflexão importante sobre esse contexto é colocada por Furtado (1984), pois não seria certo que a sociedade apenas dependesse da ação universitária para engrandecer o seu nível de senso do mundo ou alcançar a realização dos seus projetos. Todavia, a comunidade universitária não deve estar apartada dos outros setores sociais e a construção de conhecimentos deve se conectar com as questões procriadas pela sociedade.

Para ilustrar, uma forma inovadora de se enxergar a interação da universidade com outros campos sociais está ilustrada no diagrama abaixo, que corresponde ao modelo de inovação intitulado hélice tríplice:

Figura 2 - Hélice Tríplice



Fonte: Etzkowitz e Zhou (2017)

A hélice tríplice é um modelo universal de inovação. Significa que as inter-relações entre Estado, indústria e universidade devem ter uma abordagem sistêmica, fundamental ao desenvolvimento socioeconômico. O modelo indica que a universidade assume outros papéis, além do ensino e da pesquisa, especialmente as questões empreendedoras. Nesse sentido, “[...] a hélice tríplice foca a universidade como fonte de empreendedorismo, tecnologia e inovação, bem como de pesquisa crítica, educação e preservação e renovação do patrimônio cultural [...]” (ETZKOWITZ; ZHOU 2017, p. 25).

Reflete-se, a partir dessa teoria, a existência de uma tendência no século XXI de que a universidade deve estar inserida além das questões acadêmicas, ou seja, em discussões econômicas e políticas, interagindo com todos os setores sociais. Assim como a cultura, a universidade se insere em um contexto sistêmico e transversal, como polo de formação de pessoas e espaço de possibilidades culturais.

3.2 Política Cultural e Extensão

Foi no início do século XX que a extensão universitária do Brasil teve seus primeiros passos. Concomitantemente, houve a implementação do ensino superior. Em uma breve linha do tempo de sua ascendência, as primeiras iniciativas nesse âmbito estavam voltadas aos cursos e seminários realizados pela Universidade de São Paulo, no ano de 1911. A partir dos anos 1950, estudantes se organizaram em movimentos políticos e culturais, engajados com o compromisso em torno das reflexões da teoria e prática. Todavia, não houve tanta repercussão na área extensionista, visto que havia forte repressão estatal.

Em 1966, houve ações mais concretas em torno da relação da universidade com a comunidade, especialmente na área rural, trazendo novas dimensões e melhorias na qualidade de vida do meio. A terceira iniciativa foi marcada pela Lei Básica da Reforma Universitária (Lei nº 5.540/68). Em decorrência disso, houve a criação da Coordenação de Atividades de Extensão (CODAE), uma conexão entre o MEC e o Ministério do Interior. A partir de 1980, consolidavam-se as ações extensionistas ao ter seu intuito direcionado ao diálogo entre ensino e pesquisa, assim como instrumento de interação com movimentos sociais. Seu reconhecimento legal veio no ano de 1986, no fórum nacional FORPROEX (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS, 2012).

O Plano Nacional de Extensão, define o campo extensionista universitário como “[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade.” (FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2007, p. 1). Em outras palavras, realizar a extensão “[...] pressupõe a ação propriamente dita, pois esta não se enquadra em mera perspectiva contemplativa da realidade.” (MELO NETO, 2014, p. 91).

Em suma, a extensão torna possível voltar à sabedoria comum e interagir na prática, enxergar os efeitos das ações propostas. Baseado nas concepções dos fóruns dos Pró-Reitores, é apresentada uma noção acerca dos objetivos e princípios extensionistas.

[...] extensão busca atender as multiplicidades de perspectivas em consonância com os seguintes princípios: a ciência, a arte e a tecnologia devem alicerçar-se nas prioridades da região; a universidade não pode entender-se como detentora de um saber pronto e acabado; a universidade precisa participar de movimentos sociais, visando à construção da cidadania. (MELO NETO, 2014, p. 40).

Assim, além dos princípios apresentados, outros aspectos podem ser desenvolvidos no âmbito extensionista, tais como: a impulsão de troca de conhecimentos, atividades em torno da cultura, discussões sobre questões econômicas, responsabilidade, direitos, inclusão social, entre outros aspectos que fortalecem as interações comunitárias e solidárias (MELO NETO, 2014).

De acordo com Santos (2004), a extensão é responsável por fornecer uma vasta produção de serviços a públicos diversificados, nomeadamente: grupos populares, organizações, comunidades, governos e setor privado. Dentre esses serviços, estão em destaque as incubadoras de inovação, a promoção da cultura, serviços de saúde à população. Todos, de alguma forma, tendem a trazer benefícios à sociedade, além de gerar a fortificação da cientificidade e pesquisa.

Convém reiterar que, neste trabalho, a extensão universitária é enxergada sob o viés cultural. Por isso, não se adentra com profundidade diante dos paradoxos e complexidades que acompanham a temática. Todavia, por mais que se tenha um olhar diferenciado em torno da extensão, é válido situar a relação da universidade dentro desse diálogo. Sob à luz das reflexões de Frantz, Costa e Santos, a seguinte citação apresenta o papel da extensão e seu diálogo na sociedade:

Esta dimensão propunha que a função social da universidade deveria ser cumprida por meio da extensão cujo papel seria de contribuir para o desenvolvimento harmônico da sociedade envolvendo-se com as comunidades carentes assistindo as políticas sociais do governo em combater a pobreza, produzindo e difundindo tecnologia, formando recursos humanos para a solução de problemas sociais de forma a auxiliar no desenvolvimento das comunidades. (COSTA; SANTOS; GRISPUN, 2009, p. 355).

A multiplicidade de abordagens associadas à extensão demonstra a necessidade de uma busca pela solidez dos seus preceitos, visto que suas ações atingem as diversas camadas sociais. Diante dessa dinâmica, percebe-se que, para o estudo de tal fenômeno, existem diversas óticas a serem levadas em consideração (COSTA; SANTOS; GRISPUN, 2009), visto que, para além do seu sentido educacional e formador, provêm ações sociais à comunidade. Uma dessas abordagens é o provimento de ações culturais com incursões da arte para o público.

A mesma dinâmica é conferida à relevância de aprofundamentos nos debates das políticas culturais, no âmbito universitário. Como citado, essa relação é ainda escassa de referências literárias. Tal contexto é expresso na citação abaixo:

[...] trata-se de compreender como as políticas públicas de cultura e de universidade se tangenciam, e se a universidade está ou não tratando deste assunto com propriedade prática no cotidiano das ações e atividades propostas. Como vem se desenhando a tendência desta proposta? Como se compreende o que cabe à Extensão em suas propostas do fazer da política cultural é justamente pela ação dos atores envolvidos nos processos políticos, administrativos que se desdobram em regulamentações, que

mobilizam inclusive financiamentos para recursos alocados em programas e projetos. (COSTA; SANTOS; GRISPUN, 2009, p. 357).

Há uma consensualidade na importância da cultura no diálogo atual em diversos níveis de organização. Nesse contexto, na universidade não poderia ser diferente. Sobre esse cenário, Irley Machado, diretora de Cultura da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), critica que, geralmente, os orçamentos para as Pró-Reitorias de Cultura e Extensão são verbas menores em relação aos outros setores. Outro ponto que deve ser colocado em questão é o fato de a cultura estar condicionada à extensão. Por conta dessa interligação, ela explica sobre como isso deveria ser visto, pois “[...] a cultura é o quarto elemento da universidade pública, juntamente com o tripé ‘ensino-pesquisa-extensão’ [...]” (MONIZ, 2012, n.p.).

Outra assertiva sobre o papel da extensão é dada por Nogueira *et al* (2013, p. 13): “[...] se compreendermos que a extensão representa os “olhos e os ouvidos” da universidade, passamos para os extensionistas uma grande responsabilidade, que se trata de contribuir decisivamente com a transformação social”.

4 AVALIAÇÃO DE PROJETOS ARTÍSTICO-CULTURAIS: desafios em torno do valor intangível

Este capítulo trata da temática da avaliação de projetos e apresenta os seguintes tópicos: o que significa projetos artístico-culturais; a razão de se avaliar tais iniciativas; e a importância dos modelos de avaliação que servirão de base para a construção do modelo de análise.

A partir do século XVI, o modelo de racionalidade das ciências da natureza foi adotado na organização da ciência moderna. No século XIX, tal sistemática foi incorporada às ciências sociais, emergindo uma lógica matemática aos campos de conhecimentos humanos. A problemática é que o rigor científico adequado para esse pensamento matemático, ao tentar quantificar, pode perder informações que seriam úteis a qualquer fenômeno (SANTOS, 2008).

Deste lugar central da matemática na ciência moderna derivam duas consequências principais. Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. (SANTOS, 2008, p. 27).

Da dimensão científica à lógica organizacional, a avaliação é reflexo desse pensamento racional, na qual emerge a necessidade de medir os retornos ao se fazer determinado investimento. Nesse ínterim, frisa-se a colocação a respeito de que números estatísticos não refletem a riqueza de como a cultura pode enriquecer a sociedade (HOLDEN, 2004). Quando se avalia a quantidade de pessoas que visitam um museu, ou o número de pessoas que vão a uma peça no teatro, está se fazendo uma avaliação estatística, reduzindo os resultados alcançados pela própria cultura (ITAÚ CULTURAL, 2017).

A problemática da abordagem da racionalidade científica, em que se priorizam modelos com dados quantitativos, sobretudo no âmbito organizacional, tem a pretensão de medir os retornos financeiros gerados por seus projetos. Nesse sentido, tal priorização por indicadores que auferem quantitativamente pode deixar dados submersos, especialmente aquelas questões que remetem às questões intrínsecas da experiência com a arte. Quando esses pontos são invisíveis não se tem conhecimento sobre os reais efeitos de determinado fenômeno

A avaliação surge no campo da política cultural como forma de medir se o objetivo final dos projetos financiados pelas leis culturais fora concretizado em suas propostas. Quando a produção era de uma obra ou evento, o que se mensurava era o resultado e se o produto em si tinha sido realizado, e não necessariamente seus aspectos imateriais, ao incentivar a cultura.

Inicialmente, a avaliação nada tinha relação com o aspecto do conteúdo cultural. Nesse sentido, a avaliação do substancial da cultura deve medir os objetivos artísticos, de cidadania, de democratização e o avanço da criatividade humana (ITAÚ CULTURAL, 2017).

A decisão recorrente da racionalidade funcional leva em conta fatores econômicos, enquanto que a racionalidade substancial induz a uma decisão qualitativa, algo que se enquadra no domínio da cultura (COELHO, 2008). A ferramenta que realiza a medição tanto quantitativa, de forma consistente, quanto qualitativa dos fenômenos culturais costuma “[...] ser reconhecida como uma das condições para a elaboração de políticas públicas consistentes, o que coloca o tema dos indicadores culturais como uma das principais problemáticas de pesquisa no campo da cultura” (ALCKMIN *et al*, 2008, p. 6).

4.1 Projetos artístico-culturais: da ação ao formato de projeto

A sociedade no século XXI é caracterizada por uma vastidão de instituições nas quais provêm serviços e produtos a todas as partes do globo, satisfazendo tanto as necessidades materiais quanto imateriais dos homens. Quanto à cultura, é especialmente esse valor imaterial, espiritual, artístico ou intangível que faz com que uma série de instituições ofereçam iniciativas com seus projetos culturais, ou de outros modos, e organizações de cunho cultural, como o museu, cinema e espetáculos musicais, que concedem experiências culturais.

A palavra projeto é uma denominação muito usual nesses dias, especialmente quando se fala de projetos pessoais, mas pode significar uma dimensão bem maior, como projetos de festivais, produtos ou serviços (THIERY-CHERQUES, 2006). O projeto, de forma sintética, é uma trajetória que se deseja percorrer para alcançar aspectos da realidade.

Por mais que os projetos tenham como característica a temporalidade, há casos de projetos que se estendem por vários anos. Nesse sentido, o que acontece quando o projeto se estende por muito tempo? Ele pode ser dividido em fases temporais que vão se desenvolvendo à medida que o projeto é realizado, bem como pode se propor “[...] um esquema geral para todo o projeto e depois desenvolver, a cada ano, aplicações anuais com seus próprios objetivos e atividades.” (CEREZUELA, 2015, p. 48).

Em outros casos, há projetos que, muitas vezes, se perpetuam, sendo integrados às instituições formadoras. Essa é “uma situação muito comum na gestão cultural. Os projetos, com suas atualizações, perpetuam-se no tempo [...]” (CEREZUELA, 2015 p. 48). A continuidade, quando bem planejada, é a chave do sucesso de muitos projetos. Em administração, há uma distinção entre cada uma das denominações. Todavia, muitas vezes se

enxerga as denominações com o mesmo sentido, ação e atividade, ações e projetos, mas é importante discerni-las.

Entende-se como projetos culturais no presente trabalho a seguinte concepção de Thiery-Cherques (2006, p. 28): “[...] iniciativas voltadas para a ação sobre objetos reais e ideias que expressam valores espirituais – sentimentos e conhecimentos – significativos para determinado grupo social”. Outra assertiva do mesmo autor é que projetos culturais diferem de outros tipos de projetos, sobretudo por envolver insumos de alta qualidade, difíceis de gerir, e por terem um retorno financeiro imprevisível, reduzido ou inexistente. Sob tal especificidade do campo cultural, para a elaboração do projeto deve-se considerar alguns pontos básicos, levar em conta o público que pretende beneficiar; compreender o contexto social, histórico e cultural no qual está inserido; possuir um percurso lógico próprio. Logo, cada projeto terá sua unicidade ao ser delineado todas as suas intenções.

Uma classificação apresentada no artigo de Barba (2009), acerca dos tipos de projetos culturais, contribui com essa discussão:

Quadro 2 - Tipos de Projetos Culturais

Natureza	governamentais, universitários, organismos da sociedade civil, comunitários, empresariais.
Linguagem Expressiva	música, literatura, dança, teatro, artes plásticas e visuais, multimídia.
Público	trabalhadores, adultos, terceira idade, crianças, jovens, professores, pessoas e grupos com necessidades especiais, estudantes, emigrantes, comunidades rurais ou urbanas etc
Espaço Cultural	casas de cultura, bibliotecas, museus, auditórios, praças públicas, ciberespaço etc.

Fonte: Chaves e Andrea (*apud* BARBA, 2009)

De acordo com Barba (2009), essa classificação dos tipos projetos foi desenvolvida por Patrício Chaves e Andrea Barrios, que culminou na seguinte obra: “Planejamento de projetos culturais – Uma abordagem participativa rumo à construção da criatividade”. Como pode ser observado, as características dos projetos são diversas, pois a fonte de origem da iniciativa, a linguagem, o tipo de público e o espaço cultural trabalhado fornecem configurações e estratégias diferenciadas em cada um destes.

Utilizando-se da nomenclatura apresentada, dos tipos de projetos culturais, explora-se neste trabalho um projeto de natureza universitária³, cuja linguagem expressiva é a música e a participação é aberta a toda comunidade.

Apesar de ser usual ter a denominação de projetos culturais, este trabalho se caracteriza pela denominação de projetos artístico-culturais, com base em duas razões conceituais, as quais são apresentadas por Carasso (2012). Para tanto, é preciso entender o que ação artística significa. De acordo o autor supracitado, a arte é uma atividade intrinsecamente humana, pois apenas os homens podem se expressar artisticamente. Ainda que pássaros cantem e isso seja belo, apenas o ser humano age intencionalmente para a criação da arte. Logo, só existe arte com esse intuito de criação.

De tal forma, é preciso entender que, para acontecer arte, desde o ato do desenho infantil até as grandes produções de artistas profissionais, é necessário que ocorra a ação criativa. A outra expressão explicada pelo autor é a ação cultural, que se refere exatamente às ações cujo intuito é desenvolver cultura nos seres humanos, ou seja, desenvolver estratégias para que o indivíduo se relacione para além do universo artístico, com formas, símbolos e ideias. Nesse âmbito, para alargar as condições culturais, são requeridos trabalhos educativos e de mediação.

De acordo com as concepções expostas, Carasso (2012) explica que o projeto ideal é aquele que traz a conexão efetiva dessas duas denominações, que tenha tanto essa dimensão artística quanto cultural. O autor explana ainda, que a associação entre essas duas concepções representa uma possibilidade de completude e enriquecimento. Por isso, destaca-se a adoção do termo projeto artístico-cultural no desenvolvimento deste trabalho.

4.2 Para que avaliar projetos

Para medir os resultados e impactos, um dos instrumentos possíveis é a avaliação. Nogueira (2002, p. 142) explica que “[...] é um elemento básico do planejamento e traduz a possibilidade de se tomar decisões que superem soluções erráticas e não fundamentadas, elevando-se o grau de racionalidade de tais decisões”.

Em complemento, Loureiro (1999) resgata a opinião da UNESCO (MESA REDONDA MONACO, 1967), que afirma que para elaborar uma política cultural eficiente importa conhecer a realidade e o que existe de necessidade a avaliar. Tal opinião reflete os

³ O Projeto Coral UFMA há de ser detalhado e discorrido a partir da metodologia.

apontamentos apresentados anteriormente e desafia a construção de um arcabouço informacional sobre os investimentos na cultura: a) Qual a população atingida? b) Quais as ofertas a serem feitas? c) Por qual tipo de instituição? d) Por que equipamento? e) Com que pessoal? A que custo? f) Quais são, por cada setor, as atividades e as despesas do Estado, das comunidades locais, das associações privadas, dos particulares? g) Quais são os beneficiários da ação cultural) h) Qual a importância do não público? Quais são os diversos efeitos produzidos pelos diferentes meios de ação?

Nesse contexto, observa-se que as ações culturais inseridas em uma política cultural ou não também apresentam a necessidade de serem avaliadas. Mediante tal entendimento, denota-se a importância de avaliar os investimentos em cultura, independente da sua fonte de originária. Os benefícios de avaliar estão não somente em nível macro, enviesado em um programa ou política, mas em níveis gerenciais, dando retornos significativos acerca da ressonância dos projetos.

Existem diversos modelos de avaliação, os quais podem ser adaptados conforme o objetivo e o interesse da organização do projeto ou de quem avalia. Nesses tempos, de acordo com Cerezuela (2015), é consensual que se avalie os projetos, independentemente de sua natureza. Uma boa avaliação inclusive pode guiar uma próxima intervenção. Ainda assim, o autor coloca que essa é uma área inexplorada dentro do planejamento dos projetos.

Em consequência, existe uma impressão errônea sobre o que significa a avaliação, já que este “[...] é um processo que se faz sobre a equipe e não para a equipe” (CEREZUELA, 2015, p. 205). Diante disso, torna-se essencial entender o motivo da avaliação, de entender como o documento pode ser próspero em diversos sentidos da atuação do projeto.

Quadro 3 - Benefícios da avaliação de projetos artísticos-culturais

Participantes/Grupo	Projeto/Organização	Comunidades
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Documento com avanços no desenvolvimento dos indivíduos ou do grupo ▪ Oportunidade para refletir sobre o processo ▪ Documento de habilidades alcançadas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Oportunidade de refletir e melhorar a organização dos projetos ▪ Planejamento Estratégico ▪ Concepção de novas ideias para os projetos ▪ Oportunidades maiores de fomento e 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Evidência documental da contribuição do projeto ▪ Registro Histórico ▪ Inspiração para outras comunidades/ Estudos/ Pesquisas ▪ Oportunidade de relacionar com parceiros

	recrutamento de participantes criativos	
--	--	--

Fonte: adaptado de Keating (2002, tradução nossa)

A avaliação é um processo que visa valorar tanto a trajetória quanto os resultados de um projeto cultural. Em uma primeira dimensão, esse processo possibilita investigar em que grau os objetivos do projeto foram alcançados. Já em uma segunda dimensão, a técnica é aplicada para saber em que medida as ações e os procedimentos adotados foram os melhores. Por outro lado, em uma terceira dimensão, a ferramenta é de utilidade dos gestores sobre as decisões dos futuros planejamentos do projeto (CEREZUELA, 2015). Nessa dinâmica, para fins deste estudo, a avaliação transborda a mensuração dos objetivos definidos pelo projeto, mas, para além disso, visa descobrir holisticamente as outras substâncias culturais alcançadas por suas ações.

Loureiro (1999, p. 37-38) coloca que os estudos de impacto em arte e cultura vêm sendo a principal forma de avaliar e, por isso, divide-os em duas dimensões:

- a) No sistema econômico, provoca repercussão, pela ampliação do conhecimento integrado, no aperfeiçoamento da comunidade de inovação, na produtividade, etc.;
- b) No sistema social, provoca enriquecimento intelectual, a conservação e desenvolvimento do patrimônio, a incitação à criatividade, melhoria da qualidade de vida, a diminuição da criminalidade. É difícil (quase impossível) quantificação. Revela elementos intangíveis para uma análise de custo-benefício.

Nesse sentido, o presente estudo coaduna com o impacto no sistema social, e compreende todas as repercussões de um projeto cultural. Com efeito, avaliar significa medir elementos intangíveis, que são difíceis de quantificar. Por isso, o método mais apropriado para a dimensão social, é o estudo qualitativo. A justificativa para analisar especialmente a vertente social requer o entendimento em torno do que significa impacto social. O quadro abaixo refere-se aos vários conceitos sobre o tema.

Quadro 4 - Definição de Impacto Social e termos correlatos

Termo	Definição
Social impact (Burdge and Vanclay 1996)	São as consequências para as populações humanas de quaisquer ações públicas ou privadas que alterem as maneiras pelas quais as pessoas vivem, trabalham, se relacionam e se organizam para atender às suas necessidades. Geralmente atuam como membros da sociedade.
Social impact (Latané 1981)	Por impacto social entende-se qualquer grande variedade de mudanças nos estados fisiológicos e sentimentos subjetivos, motivos e emoções, cognições e crenças, valores e comportamento, os quais ocorrem em um indivíduo, humano ou animal, como resultado do real, implícito, ou da presença ou ações de outros indivíduos.
Impact (Clark et al. 2004)	Por impacto entende-se a parcela do resultado total que aconteceu como resultado da atividade do empreendimento, acima e além do que teria acontecido de qualquer maneira.
Social Value (Emerson et al. 2000)	O valor social é criado quando recursos, insumos, processos ou políticas são combinados para gerar melhorias na vida dos indivíduos ou da sociedade como um todo.
Social Impact (Freudenburg 1986)	O impacto social refere-se aos impactos (ou efeitos, ou consequências) que provavelmente serão experimentados por uma gama igualmente ampla de grupos sociais como resultado de algum curso de ação.
Social Impact (Gentile 2000)	Impactos sociais são as preocupações sociais mais amplas que refletem e respeitam a complexa interdependência entre a prática empresarial e a sociedade..
Social Impact (IAIA ⁴ by Wikipedia 2009)	Os impactos sociais são consequências sociais intencionais e não intencionais, tanto positivas quanto negativas, de intervenções planejadas (políticas, programas, planos, projetos) e quaisquer processos de mudança social invocados por essas intervenções.

Fonte: Maas e Liket (2011, tradução nossa)

Utilizando-se dos conceitos de *Social impact* (LATANÉ, 1981) e *Social Impact* (IAIA by Wikipedia 2009), citados no referido quadro, optou-se pela adaptação dessas duas conceituações. Logo, compreende-se por **impacto em nível individual** qualquer variação e mudança dos estados fisiológicos, dos sentimentos, das motivações e emoções, assim como das cognições e crenças, dos valores e comportamentos que acometem o indivíduo; já no **impacto em nível coletivo**, tais efeitos refletem uma maior dimensão, seja no âmbito social ou cultural, como resultado de intervenções planejadas (políticas, programas, planos e projetos).

4.3 Modelos de Avaliação de Impactos

A partir deste momento são apresentados os levantamentos dos estudos empíricos sobre impactos em nível individual e social das artes. O intuito é aprofundar o entendimento de

tais questões em manifestações reais, as quais identificam os indicadores dos modelos teóricos defendidos no modelo de pesquisa deste trabalho. Ao elaborar a entrevista para a análise, foi realizada uma busca na literatura por modelos que identifiquem impactos proporcionados pelos projetos artístico-culturais.

Após essa referência, teve-se contato com os estudos de programas e artes, especialmente os documentos de governos, feitos por consultores especializados na temática. Na revisão de literatura, encontrou-se um número relativamente pequeno de publicações que promovessem estudos de critérios para a medição de projetos artístico-culturais em nível qualitativo. Todavia, há publicações que revelam categorias, níveis em relação aos impactos, benefícios e efeitos que a experiência em artes pode proporcionar em nível individual, comunitário e social.

Os modelos são instrumentos que podem ser utilizados como critérios para a avaliação de projetos. Um dos estudos em relação ao impacto das artes é o documento de Guetzkow (2002), intitulado “*How the arts impact on communities*”. Nesse estudo é sistematizado uma série de outros estudos empíricos a partir de um quadro condensativo, o qual procura indicar categorias que tornem possível a medição dos impactos trazidos pelas artes.

O quadro condensativo apresenta dois tipos de impacto entre os níveis individuais e comunitários. No que se refere ao nível individual, o autor cita três níveis diferentes de envolvimento com arte. O primeiro diz respeito aos envolvidos diretamente, pois não há uma distinção entre os que são participantes ativos e os profissionais envolvidos na iniciativa. Esse nível reflete sobre a questão de que os profissionais (como educadores, ou artistas), por mais que exerçam um papel de atuação, estão imersos diretamente na experiência de fruição artística. O segundo corresponde à participação do público em torno da audiência de qualquer espetáculo, e o terceiro seria presença de artistas e organizações.

Quadro 5 - Mecanismo do Impacto das artes

	Individual			Comunitário		
	Saúde	Cognitivo	Interpessoal	Econômico	Cultural	Social
Envolvimento Direto	<p>*Constrói laços interpessoais e promove o voluntariado, o que melhora a saúde.</p> <p>*Aumento de oportunidades para autoexpressão e prazer.</p> <p>*Reduz a delinquência em jovens de alto risco</p>	<p>Aumenta a sensação de eficácia e autoestima.</p> <p>Melhora o sentido de pertencimento.</p> <p>Melhora o capital humano: competências e habilidades criativas.</p>	<p>Constrói redes sociais para o indivíduo.</p> <p>Melhora a capacidade de trabalhar com os outros e comunicar ideias.</p>	Os salários pagos aos funcionários	Aumenta sentido do coletivo e da identidade	Constrói capital social ao envolver pessoas e organizações, assim como proporciona aos participantes a experiência de trabalhar com as autoridades locais, governo e organizações sem fins lucrativos.
Audiência	<p>Oportunidade de de diversão.</p> <p>Alívio estresse.</p>	<p>Aumento do capital cultural.</p> <p>Melhoria do raciocínio visuo-espacial (Efeito Mozart).</p> <p>Melhora o desempenho na escola.</p>	Aumenta a tolerância sobre os outros	Turistas/ visitantes gastam dinheiro ao assistir espetáculos e em negócios locais.	*Constrói identidade comunitária e orgulho. Leva a normas comunitárias positivas, como a diversidade, tolerância e livre expressão.	* Aproxima pessoas que, de outra forma, não entrariam em contato.
Presença de Artistas,	Oportunidade e a propensão ao envolvimento com as artes			<p>Aumenta a propensão dos membros comunitários em participar das artes</p> <p>Melhora a possibilidade de atração turística</p>	Melhora a imagem na comunidade e status	<p>Promove a diversidade cultural no entorno da vizinhança</p> <p>Reduz o crime</p>

Fonte: Guetzkow (2002, tradução nossa)⁵

Sinteticamente, a base da abordagem de Guetzkow (2002) é a indicação de três tipos de impactos na dimensão individual, a saber: cognitivos, psicológicos e interpessoais. No que

⁵ Esse quadro possui referências na tipologia de Kevin McCarthy citado por (GUETZKOW, 2002)

tange ao nível comunitário, os tipos de efeitos são econômicos, culturais e sociais. O referido autor explana que quanto maior a repercussão das ações do projeto ou do grau de envolvimento direto pelos seus membros, maior será o impacto proporcionado.

Quanto ao aspecto do envolvimento direto, esta é uma categoria que possui maior intensidade na experimentação das atividades artísticas do que a participação do indivíduo como audiência. Nesse sentido, tais denominações podem indicar estudos de impactos diferentes. Todavia, é por meio da participação do público como audiência que o projeto ou programa poderá ter uma maior visibilidade social (esse quesito poderá ser efetivado na medida em que as iniciativas artísticas estejam voltadas à produção de show, espetáculos, festivais, etc.). Então, recomenda-se que no planejamento das atividades culturais haja a inclusão de ambos os públicos nas efetividades dos projetos artísticos, tanto na manutenção e criação de engajamento dos participantes ativos, quanto na criação do público espectador (GUETZKOW, 2002). Com efeito, percebe-se que existem diversos níveis de impacto e estes podem ter diferentes formas de mensuração, sendo necessário delimitar o público a ser investigado.

Uma teoria adicional a esse constructo é apresentada por Carnwath e Brown (2014, tradução nossa), que delimitam indicadores sobre o envolvimento repetido de atividades culturais ao longo do tempo, a saber: memória do evento; senso social de pertencimento; capacidade cultural; melhoria da empatia; expansão da visão de mundo; benefícios na saúde; e bem-estar subjetivo. Tais indicadores são elementos que corroboram a metodologia da pesquisa, quando se observa uma busca por sistematização da experiência em arte e dos seus impactos.

As afirmações de Guerra e Quintela (2007), corroboram com o conteúdo dos indicadores apresentados, pois a organização do setor cultural e a fortificação da dimensão artística têm um papel fundamental para a qualidade de vida e para o desenvolvimento de aperfeiçoamento pessoal. Sobre o nível social, este permite oportunidades de cidadania e inclusão. Ademais, a composição desses elementos culturais, de forma holística e integrada, pode proporcionar uma maior coesão na sociedade.

4.4 Avaliação da extensão: como olhar para o setor cultural?

Como visto, a medição dos resultados de projetos geralmente está interligada a um programa ou política institucional. Por isso, tal processo é requisitado em diversos âmbitos organizacionais, pois aponta para a assertividade, assim como para as insuficiências de quaisquer iniciativas. De todo modo, independentemente da natureza das ações, avaliar é obter

de forma estratégica os conhecimentos que servirão de base para um diagnóstico realista dos empreendimentos.

Diante da conjuntura deste trabalho, o intuito deste tópico é apresentar a complexidade da relação entre a extensão, avaliação e cultura. Destarte, observa-se que o ponto crítico da avaliação da extensão diz respeito às suas atividades de fruição cultural, que estão inseridas, primordialmente, no campo das políticas educacionais. Logo, os métodos de avaliação de projetos dessa esfera tendem a ser escolhidos pelas diretrizes de tais domínios, as quais foram preconcebidas. Sobre isso, Meirelles e Santos (2013, p. 102) ressaltam que “[...] a indissociabilidade do ensino-pesquisa-extensão é um exemplo da complexidade e da dificuldade de implantar-se esse processo avaliativo sem uma preparação prévia da instituição para isso”.

Ainda sobre essa assertiva, Meirelles e Santos (2013, p. 102) apontam que as “[...] dimensões de avaliação são as partes principais do problema que deve ser resolvido ou tratado pela ação de extensão”. Por conseguinte, os indicadores selecionados para o processo avaliativo terminarão por ser reflexo de qual dimensão se está falando.

A avaliação tende a ser feita a partir de uma necessidade programada pela instituição. Então, na medida em que a extensão está sob uma diretriz educacional, a cultura não é posta em seu devido patamar. Logo, os resultados, os efeitos, os impactos serão medidos sob uma perspectiva micro, e não macro ou sistêmica, em conformidade com a sua natureza.

Considerando essa propositiva, a extensão, por conta dessa característica plurivalente, transita entre várias esferas da sociedade. Desse modo, urge a necessidade de pensar a sua complexidade para desconstruir essas múltiplas camadas e aproximar, como também trazer distinções, sobre o seu real campo de ação nas comunidades. Para compreender essa formação, Nogueira *et al.* (2013) complementam esse pensamento:

O papel transformador da extensão é complexo e multidimensional, ou seja, a transformação social proporcionada pela presença da extensão se dá na reflexão permanente em vários aspectos e dimensões diferentes. Avaliar e como avaliar precisam ser compreendidos como etapas do “fazer complexo. (NOGUEIRA *et al.*, 2013, p. 15).

Uma faceta adicional a esse entendimento é que os projetos extensionistas do campo da arte e cultura também são elegíveis à arrecadação de recursos provenientes das políticas culturais estatais ou patrocínios privados. Como a extensão perpassa por outros campos políticos, nessa dinâmica, é fundamental uma discussão crítica do papel da extensão e da relação da universidade com outros setores. Por esse motivo, este trabalho circunscreve o projeto extensionista, sob o viés cultural, artístico e social, para reconhecer pertinentemente os

seus impactos enquanto experiência cultural. Outrossim, lança-se um novo olhar sobre esse contexto, já que são ínfimas as produções literárias acerca dessas referidas temáticas.

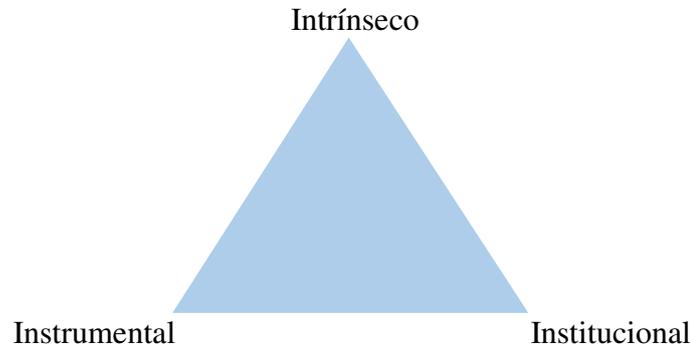
Refletindo sobre todos esses conceitos apresentados, **o que significa um projeto artístico-cultural no âmbito de um projeto de extensão universitária?** São iniciativas que têm a arte enquanto canal para despertar o enriquecimento cultural da comunidade, ajudando-os a expressar os seus valores espirituais, sentimentais e simbólicos, e promover melhorias e transformações sociais.

Reitera-se que a avaliação da cultura na extensão não será promulgada enquanto não houver direcionamento institucional. Nesse sentido, segue à tona acerca da necessidade de se avaliar a cultura pela cultura, de conhecer seus reais resultados e impactos. Desse modo, mesmo a extensão perpassando por múltiplas faces, pode-se dizer, que o referido campo é um dos principais canais de comunicação da universidade com a sociedade. Para além disso, ao contribuir com esse fluir do indivíduo pela arte, torna-se premente a sua atuação no planejamento das políticas de cunho cultural.

4.5 O Valor da Cultura: novos olhares para avaliação de projetos artístico-culturais

Considerando a premência de se avaliar a cultura qualitativamente, autores contemporâneos, instituições sociais e diversos governos ao redor do globo têm proposto novos debates para contribuir com as estratégias de medição dos efeitos da cultura no homem e na sociedade. Nesse sentido, Holden, em diversos trabalhos (2004, 2006, 2014), propõe reflexões sobre o valor da cultura, sendo uma das principais luzes teóricas para o desenvolvimento da investigação metodológica. Por essa razão, suas ideias serão expostas preponderantemente no decorrer desta seção.

Na visão do referido autor, de forma sintética, há três vertentes essenciais a serem analisadas, seja no planejamento ou na avaliação de propostas culturais. Na Figura 3, abaixo, apresenta-se o diagrama que contém tais dimensões:

Figura 3 - Dimensões do Valor da Cultura

Fonte: Holden (2004)

As definições até aqui apresentadas sobre cultura e sua relação com o âmbito artístico não deixam de lado o seu principal elemento, o homem e a subjetividade. Ao tratar desse tópico, Holden (2006, 2014) defende que a dimensão intrínseca se relaciona com o âmbito particular do indivíduo, explicando que tal valor é usado para descrever o modo como as artes afetam subjetivamente cada um dos seres humanos. Assim, contribuindo com essa noção, “quando falamos sobre o valor das artes e cultura, devemos sempre começar com o intrínseco - como artes e cultura iluminam nossa vida interior e enriquecer nosso mundo emocional” (ARTS COUNCIL ENGLAND, 2014, p. 4, tradução nossa)⁶.

Na prática, a característica intrínseca pode ser percebida a partir dos seguintes dizeres, quando as pessoas expressam “eu amo dançar” ou eu “eu preciso escrever para me expressar” (HOLDEN, 2014, p.130, tradução nossa)⁷. Nessa perspectiva, todos os tipos de arte podem expressar a sua unicidade intrínseca de forma singular.

Coelho (2008) traz uma tessitura que corrobora essa reflexão ao dizer que a própria ideia de cultura já carrega um valor intrínseco, de modo que o ser humano, enquanto ser cultural, terá que, continuamente, fazer a cultura. Desse modo, para o ser humano criar valor ele precisa de fontes constantes para se reinventar.

A outra base do triângulo se refere ao valor instrumental, tendo como significado os efeitos auxiliares da cultura, dado que ela é usada para atingir algum fim, seja social ou

⁶ When we talk about the value of arts and culture, we should always start with the intrinsic – how arts and culture illuminate our inner lives and enrich our emotional world (ARTS COUNCIL ENGLAND, 2014, p. 4)

⁷ “But the term intrinsic value is also used to describe the way that art forms have individual, subjective effects on each of us. Intrinsic value is what people are talking about when they say “I love to dance” or “that painting’s rubbish” or “I need to write poems to express myself” (HOLDEN, 2014, p. 130).

econômico (HOLDEN, 2006). Tal perspectiva está em conformidade com o dizer de Yúdice e Silva (2013), pois a cultura, sob o viés de recurso, tem como características finais - econômicas ou sociais.

A arte é cada vez mais requisitada em diversos usos instrumentais. É também utilizada para o *marketing* das cidades, para alavancar a visita em um determinado local, ou mesmo para trazer um efeito estético aos espaços públicos. Neste ínterim, o valor instrumental da cultura tem sido amplamente requerido nas últimas décadas, especialmente pela noção acerca da sua positividade social e econômica. Em um tempo que se preza cada vez mais pela especialidade, a arte percorre um caminho transdisciplinar, onde diversas disciplinas estudam sua função de forma aplicada. A noção de cultura como luz, sagrada, intocável, intelectual se desmancha em diversos sentidos, tornando-se um mecanismo de desenvolvimento humano e social.

Por fim, a terceira base do triângulo trata da dimensão institucional. Holden (2006) explica que não será a criação de uma biblioteca ou teatro, ou mesmo a instalação de museus que produzirão valor e reconhecimento cultural. Será muito mais sobre como a instituição conduz seus projetos e lida com o seu público que causará efeitos satisfatórios. O autor propõe que tal dimensão seja entendida como “[...] a retórica da organização encontra a realidade [...]” (2006, p. 18, tradução nossa⁸), ou seja, a organização está alinhada em diversos contextos para alcançar a missão institucional e as propostas dos seus projetos. Assim, uma das formas pelas quais o valor institucional se manifesta é através da avaliação dos *stakeholders* envolvidos no processo, bem como pelo *feedback* do público-alvo.

Refletindo sobre tais premissas, as três dimensões corroboram as discussões acerca da transversalidade da cultura, além de viabilizar novas luzes para uma avaliação sustentável dos projetos artístico-culturais. A ponderação entre cada uma dessas bases se torna pertinente em diversos contextos de planejamento e criação das atividades culturais. Ademais, uma avaliação adequada auferirá qual ponto precisa ser melhorado, sendo a base institucional o elo principal entre a arte e o seu público. Ainda que haja muitas incongruências a serem desconstruídas, sobretudo no âmbito das políticas, as luzes teóricas apresentadas propiciam pensar sobre os impactos da arte de uma forma sistêmica.

A significação da palavra valor⁹ carrega muitos sentidos em si, e o seu conteúdo deve ser dado pelo próprio indivíduo. Quanto às artes e cultura, essa compreensão de “valor”

⁸ [...] and where organisational rhetoric meets reality [...] (HOLDEN, 2006, p. 18).

⁹ Value carries many different meanings on its own and in combination with other terms. All of the authors considered here agree that ‘value’ is not inherent in objects or events but is attributed to them by the beholder. In

está intimamente relacionada com as noções de “benefícios” e “impactos”, embora os termos não sejam inteiramente sinônimos (CARNWATH; BROWN, 2014, p. 9-10, tradução nossa). Tais nomenclaturas podem ser vistas de modo símile no desenvolvimento deste estudo.

Parte-se da premissa de que métodos de avaliação de projetos no âmbito da cultura permitem trazer o senso da importância sobre o investimento em artes na sociedade. Por isso, entende-se que o sentido de avaliação deve trazer essa relação com o valor, pois se propõe medir aspectos das representações humanas. Logo, a avaliação corresponde a uma relação direta das percepções dos indivíduos ou de um grupo sobre determinado campo de ação.

relation to arts and culture, this understanding of ‘value’ is closely related to notions of ‘benefits’ and ‘impacts’ though the terms are not entirely synonymous.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Desde o início da trajetória histórica da vida até os tempos da contemporaneidade, tanto a filosofia quanto a religião surgiam com o objetivo de explicar sobre a consciência do homem e as suas implicações na coletividade. A arte e as suas diversas abordagens de linguagens almejam revelar aspectos da psiquê humana e coletiva, bem como os aspectos diários e do futuro. A ciência, ao contrário, visa construir aspectos tangíveis diante da subjetividade humana, criando máximas sobre o mundo real ao designar conceituações, metodologias e instrumentos que possam interpretar a realidade, os eventos, os processos e as relações envolvidas nesses contextos (MINAYO, 1994).

O processo criativo do pesquisador aproxima-se ao do artista, pois ambos buscam uma problemática para discutir em suas produções. Contudo, o pesquisador trabalha para entender o campo teórico motivado por questões subjetivas ou utilitárias. Mesmo assim, guiado por suas crenças e valores, reflete sobre um problema do coletivo dando cientificidade. O artista, por sua vez, tendo mais liberdade em sua atividade, reflete sobre a questão individual (problema) e, mesmo sendo um assunto subjetivo, pode alcançar o sentimento do coletivo.

Diante dessas relações, vale destacar que tanto as ciências quanto as artes, filosofia e religião são formas de acessar o conhecimento. Em alguns aspectos, essas ciências podem interagir, porém cada um tem seu eixo fundamental (VERGARA, 2013).

Uma luz sobre esse contexto é apresentada por Minayo (1994), quando diz que ciência, diferentemente da arte, concretiza-se a partir da fundamentação conceitual, metodológica e técnica, dentro do que se denomina ciclo de pesquisa. O campo da ciência possui intempéries no seu percalço, pois o estudo da realidade é permeado por contradições e paradoxos, refletindo o desafio de dar cientificidade a esses aspectos sociais.

Nesse sentido, um dos principais embates da construção de conhecimento científico é a objetividade da ciência natural em relação à especificidade subjetivada da ciência social. Ou seja, na busca por substantificar a ciência social, conforme as noções da ciência natural, não se estaria deixando de lado aspectos intrínsecos fundamentais dos humanos? Que metodologias são responsáveis em assimilar as particularidades dos sujeitos? Em consequência, a medida que se dá também a cientificidade (MINAYO, 1994).

5.1 Caracterização da Pesquisa

O objeto das ciências sociais é essencialmente qualitativo, por isso justifica-se a sua adesão enquanto estudo. Para tanto, propõe-se nesta seção tratar do percurso metodológico, que, conforme Vergara (2013), é a noção de que o método é um caminho a ser percorrido, uma forma que possui uma lógica de pensamentos.

A abordagem do problema se insere na categoria de pesquisa qualitativa, pois este estudo busca auferir retratos da realidade que apenas em aspectos numéricos seriam incapazes de traduzir. Dito isso, em outras palavras, Minayo (1994) cita que a pesquisa qualitativa adentra no universo dos significados.

Para tanto, adotou-se a nomenclatura do tipo de pesquisa indicada por Vergara (2013), cujas características fundamentais são: quanto aos **fins** e quanto aos **meios**. No que concerne aos fins, ela é caracterizada como **exploratória**, tendo em vista que o escopo deste trabalho se insere em uma problemática que necessita de aprofundamento nas discussões de campo teórico cultural. Além disso, é **descritiva**, já que descreve um fenômeno e revela informes subjetivos dos entrevistados.

Quanto aos **meios ou procedimentos técnicos**, a pesquisa se caracteriza como **bibliográfica, documental e pesquisa de campo**. A pesquisa bibliográfica corresponde a um trabalho sistematizado, embasado por uma revisão literária em fontes, como livros, artigos e notícias eletrônicas, tanto em língua portuguesa quanto estrangeira. Já a pesquisa documental está relacionada à composição da análise de dados que possam contribuir para um estudo, incluindo matérias em meio eletrônico e jornais da universidade, documentos históricos, fotografias ou materiais audiovisuais. Por fim, devido à relevância empírica, a pesquisa de campo prevê a necessidade de visita ao local onde acontece as ações do objeto estudado, bem como a inserção de entrevistas feitas em profundidade.

5.2 Definições constituintes nas categorias da análise

A partir da problemática estabelecida neste estudo, a qual visa entender os impactos em nível individual e coletivo do projeto Coral da Universidade Federal do Maranhão, a definição das categorias de análise para esta pesquisa foi estabelecida de acordo com as dimensões **individual e coletiva**.

a) Individual: a dimensão foi constituída a partir das tabelas de impacto das artes descritas por Guetzkow (2002) e teve como uma das suas constituintes a categoria intrínseca apresentada por Holden (2006), que simboliza uma característica intangível da experiência com a arte.

b) Coletivo: a operacionalização dessa dimensão foi construída a partir de uma adaptação do quadro de Guetzkow (2002), no qual se determina os indicadores em nível comunitário do impacto da experiência artística. Por isso, adapta-se a nomenclatura “comunitário” para “coletivo”.

De forma mais detalhada e ainda sob à luz das pesquisas de Holden (2006), Guetzkow (2002) e da pesquisa empírica de Melo (2014), intencionou-se em nível individual:

a) Identificar o nível de relação dos participantes com o mundo das artes, de forma a descrever em que grau o sujeito da pesquisa estava envolvido com a arte antes da entrada do coral e o que mudou após essa inserção;

b) Identificar de que modo a relação das artes traz um significado pessoal, especialmente pela experiência com o coral, como plateia, ou como protagonistas dos espetáculos, se os mesmos se consideram artistas. Em consequência, entender de que forma isso impacta em suas vidas;

c) Identificar a percepção, em nível individual, de melhorias artísticas e habilidades pessoais e interpessoais. Dessa forma, perceber em que grau o projeto é responsável pela sua ascendência não só musical, mas de transformação pessoal.

No que tange, à dimensão coletiva, as estratégias foram:

a) Compreender o nível de impacto atingido no âmbito social, ao proporcionar conexões sociais e alargar a visão de mundo dos integrantes.

b) No que concerne ao sentido cultural, de uma forma geral, buscou-se entender como o projeto aproxima os participantes com a cultura local, e quais suas percepções acerca da importância de se investir no campo cultural.

Guiada pela referência de Holden (2006) sobre a essencialidade da composição da visão **institucional** na avaliação de um projeto em cultura, outro dado pertinente à constituição dessa análise foi a ótica da coordenação do projeto Coral, além da apresentação de um breve

histórico, objetivos e principais eventos. Ao explorar essa trajetória, apresenta-se a relevância comunitária do projeto e suas perspectivas.

O quadro de referência preliminar abaixo sintetiza o conjunto das dimensões e os respectivos componentes para o conceito de Avaliação da Cultura. Como complemento, tem-se a articulação dos autores referenciados na construção das categorias, cuja intenção é proporcionar uma visão geral do fenômeno a ser investigado:

Quadro 6 - Guia de Referência Preliminar

CONCEITO	DIMENSÕES	COMPONENTES
AVALIAÇÃO (Valor da cultura)	Individual	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Relação com a arte ▪ Significados Intrínsecos ▪ Relações Interpessoais
	Coletivo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Sentido de Inclusão ▪ Impacto visão social ▪ Impacto visão cultural
	Institucional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetivos do Projeto ▪ Breve Histórico ▪ Descrição das atividades ▪ Principais Eventos e Ações

Fonte: modelo adaptado de Campenhoudt e Quivy (2008).

Após o delineamento sintético do quadro, o passo seguinte foi a construção das interrogativas da entrevista. Outra informação pertinente diz respeito à dimensão institucional, pois o tratamento dos seus dados representa a descrição de informações sobre o projeto Coral. Já as outras dimensões (individual e coletiva) são os âmbitos considerados cernes do estudo, logo estão desenvolvidas com maior aprofundamento.

5.3 Universo e amostra

O universo desta pesquisa é circunscrito pelos projetos artístico-culturais da Universidade Federal do Maranhão. Para a amostra, escolheu-se o projeto Coral, considerando a experiência empírica de representatividade institucional e comunitária do projeto. Para Vergara (2013, p. 46), “[...] a população amostral é uma parte do universo escolhida segundo algum critério de representatividade [...]”. Com efeito, a população amostral do projeto Coral é composta por dois públicos diferentes: público do âmbito institucional (coordenador do projeto e regente) e participantes do projeto.

Ainda de acordo Vergara (2011), a amostra não probabilística pode ser caracterizada por dois tipos: por acessibilidade, que indica a predisposição dos entrevistados; e por tipicidade, que significa alguns critérios preestabelecidos diante da escolha dos sujeitos da pesquisa. De início e para a representatividade da amostra, será demarcada a porcentagem de 30% dos participantes para a entrevista. Para tanto, o critério da amostra foi constituído de duas maneiras conjugadas:

- a) Indicação do coordenador, a quem se escutou os relatos;
- b) Participantes que estejam envolvidos diretamente no projeto e que sejam frequentes, assíduos.

Para a seleção dessa amostra, adotou-se o percentual de 30% dos componentes do projeto. De acordo com a informação dada pela coordenadora de Divisão de Atividades Literárias e Musicais, responsável pelo Coral, atualmente existe na faixa de 30 participantes ativos. Logo, a expectativa quanto ao número de sujeitos da pesquisa foi atendida, pois foram entrevistados dez integrantes ativos do projeto Coral.

5.4 Procedimentos adotados na coleta de dados

Utilizando a classificação de Vergara (2011), os dados coletados estão subdivididos em *primários* e *secundários*. Os dados primários correspondem a um conjunto de informações originais da pesquisa, enquanto que os secundários estão relacionados aos dados preexistentes, encontrados em diversos tipos de documentos e estudos pré-elaborados.

Após o universo de pesquisa ter sido escolhido, foi necessário selecionar o microambiente dessa totalidade. Inicialmente houve uma coleta de informações acerca dos projetos em arte e cultura da UFMA, cujas fontes foram a PROEXCE, o DAC e os departamentos de cada curso. Diante da escassa produção de pesquisas empíricas nesse âmbito e no intuito de entender a relevância de projetos desenvolvidos no campo universitário, foram elaboradas as seguintes questões: qual seria o projeto ideal para o contexto deste estudo? Quais habilidades artísticas deveriam ser exploradas?

Após o contato inicial com professores e alguns profissionais da UFMA, houve a noção geral de alguns dos projetos que já estavam mais consolidados. Dessa forma, realizou-se um filtro dos projetos que são realizados há algum tempo e dois se destacaram: o Grupo

Universitário de Teatro (GUT), com mais de duas décadas de atuação, e o Coral Universitário, o então projeto escolhido, com mais de quatro décadas de existência.

Durante a coleta de dados primários, adotou-se o conjunto de duas técnicas, a observação e a entrevista. Nos dados secundários, foram adotados os levantamentos documentais. Segundo Minayo (1994, p. 59), o procedimento de observação é realizado “[...] através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores em seus próprios contextos [...]”, enquanto a entrevista se caracteriza por ser um meio verbal. Por meio desse método é possível que se tenha dados tanto objetivos quanto subjetivos. O primeiro é referente aos dados numéricos, e o segundo demarca a essencialidade deste estudo, pois são as percepções que emergem a partir dos discursos recolhidos (MINAYO, 1994).

Houve uma apresentação inicial à coordenadora da Divisão de Atividades Musicais e Literárias acerca da intenção desta pesquisa, estabelecendo uma primeira abertura ao campo. Desse modo, seguindo o direcionamento de Beaud e Weber (2007), nessa fase inicial da pesquisa de campo, fez-se uma observação total: lugares, objetos, interações, apresentações. Essa observação auxilia no vislumbamento da tangibilidade de toda a ideia do presente estudo.

Então, a estratégia adotada na pesquisa de campo, além da observação não participante, foi a observação participante em dois momentos. A pesquisadora foi convidada a participar de dois ensaios. Na ocasião, obteve-se todo o apoio de alguns dos participantes, que também foram entrevistados. Esses membros mostraram as suas folhas com partituras para que a pesquisadora pudesse participar do ensaio.

Para a elaboração da entrevista, considerou-se estratégica a adoção da entrevista semiestruturada, que é a combinação de perguntas abertas e fechadas (MINAYO, 1994). Nesse tipo de entrevista, o sujeito da pesquisa tem a liberdade de relatar a sua perspectiva, mesmo com o embasamento de questões formuladas anteriormente. Também emergem aspectos que não estavam planejados para a realização da pesquisa, mas que podem ser considerados como um ponto importante para a discussão da temática

Outra técnica que pode compor a entrevista é a história de vida dos participantes do projeto. De acordo com Minayo (1994), essa modalidade pode direcionar a um determinado tempo ou esfera da vivência do entrevistado. O objetivo aqui será, então, de focalizar como começou o interesse por artes, entender de que maneira ele estaria envolvido com o campo artístico antes da presença do projeto. Com esse encaminhamento será possível discernir a marca da experiência do coral e o seu envolvimento com o mundo das artes.

5.5 Sujeitos da pesquisa

A aplicação das entrevistas semiestruturadas foi realizada paulatinamente. Todas elas aconteceram no ambiente de ensaio do Coral, no Palacete Gentil Braga, com exceção de uma das entrevistas, que foi realizada em um ambiente perto da casa da entrevistada. De forma a facilitar a realização das entrevistas, algumas ocorreram antes do horário previsto do ensaio e, em alguns casos, depois das 20 horas.

Depois da primeira entrevista, os demais depoimentos foram acontecendo fluidamente, pois, diante da presença da pesquisadora no ambiente de ensaio, concomitantemente houve uma familiaridade com a proposta da pesquisa. A partir do primeiro entrevistado, houve um ciclo fluido, sendo o primeiro um ponto de conexão da pesquisadora com as outras pessoas. Ademais, houve o apoio da coordenadora, que indicou as pessoas que estavam há mais tempo no Coral.

Mediante a mudança de critério, observou-se, portanto, uma diversidade de olhares. Logo, uma profundidade maior era requerida na interpretação, visto que houve a escuta do ponto de vista de pessoas de diferentes épocas e idades. Outra informação captada foram as suas formações ou áreas de estudo. Por fim, o quadro apresenta o tempo de entrevista de cada um.

Outro fator que deve ser observado está na última coluna do Quadro 7 e diz respeito à variedade de tempo. Há, por exemplo, entrevista com 12 minutos e outra com 2 horas e 6 minutos. Houve, então, a captação de mais de 8 horas e 40 minutos de entrevistas do público participante do coral. No mesmo quadro também pode ser visto o elenco de todos os sujeitos da pesquisa, mas, por uma adoção ética e por haver histórias de vida, resolveu-se não os nomear, até mesmo para que pudessem ficar à vontade em seus relatos.

Quadro 7 - Informações do sujeito de pesquisa

Entrevistado	Ano de Entrada	Tempo de Entrevista
Entrevistado (E1)	2017	49 m 04 s
Entrevistado (E2)	2018	54 m 22 s
Entrevistado (E3)	1996	34 m 14 s
Entrevistado (E4)	2016	12 m 15 s
Entrevistado (E5)	2017	31 m 26 s
Entrevistado (E6)	2012	34 m 14 s

Entrevistado	Ano de Entrada	Tempo de Entrevista
Entrevistado (E7)	1988	47 m 03 s
Entrevistado (E8)	2008	1 h e 7 m
Entrevistado (E9)	2014	53 m 54 s
Entrevistado (E10)	2007	2 h 6 m

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Conforme demonstrado no Quadro 7, há uma organização em torno da nomenclatura dos entrevistados, pois a numeração está relacionada ao relato de cada um no *corpus* da análise. Na segunda coluna está exposto o ano de entrada dos participantes. Diante dessa informação, observa-se que existem no grupo pessoas com mais de 30 anos de participação e pessoas que possuem menos que um ano de ingresso.

A projeção inicial quanto aos critérios da amostragem era a escuta dos depoimentos de pessoas que estavam no projeto há, pelo menos, dois anos. Depois de um contato inicial com um dos integrantes que estava há menos de um ano, houve a mudança na seleção dos sujeitos da pesquisa, já que houve a percepção por parte da pesquisadora de como o projeto já tinha impactado esse indivíduo em específico, em vários sentidos de sua vida. No seu dizer, foi possível constatar o quanto a experiência com o coral já tinha sido de grande impacto em diversos âmbitos de sua trajetória, e em menos de um ano.

Logo, a pesquisa foi reformulada para abranger os diversos públicos, desde os participantes que tivessem pelo menos um ano até aqueles que já tinham uma longa data de tempo no coral. Outro fator, a escolha do projeto Coral foi pertinente, pois permitiu esse leque de opções de participantes, a diversidade entre pessoas com menos e mais experiências ou que possuíam origem em diversas formações.

Dessa forma, o critério de escolher os participantes que estivessem a mais tempo foi reformulado e assim foi ampliado o nível de percepção ao ter essa característica da diversidade de opiniões sob diferentes perspectivas, de estudantes de músicas à pessoas que acabaram de se aposentar. Em cada realidade é possível denotar como o coral faz parte de suas vidas e como ele é um instrumento de crescimento pessoal e artístico.

5.6 Procedimentos adotados na análise

Segundo Gil (2008), após a coleta de dados, a próxima fase a ser elaborada é a análise e interpretação. A primeira tem o intuito de organizar os relatos recolhidos, enquanto o

segundo propõe dar um sentido maior aos dados, por meio de interconexões com os materiais de referências absorvidos previamente. O mesmo autor adverte que ambas as etapas estão intrinsecamente relacionadas e caminham conforme o avanço da pesquisa.

Seguindo essas orientações, foi feita a gravação de todas as entrevistas e, posteriormente, a transcrição do material para dar o devido prosseguimento à pesquisa. Ao se aprofundar nos dizeres de cada respondente para conhecer suas realidades, bem como captar as sutilezas em suas mensagens, adotou-se como técnica a análise de conteúdo. O que significa, então, essa técnica? De acordo com Bardin (2016) é um conjunto de instrumentos metodológicos que estão em melhoramento contínuo. Referência unânime, Bardin (2016) explica que, para proceder à análise, é fundamental a existência de quatro fases: a pré-análise, que concerne na organização dos dados obtidos; a descrição analítica, que envolve a codificação, classificação e categorização dos dados; e, por fim, o tratamento dos resultados, cujo objetivo é a interpretação, tendo como uma das suas características a inferência.

Para tanto, a análise de conteúdo categorial foi realizada a partir da reunião do conteúdo dos relatos, dando corpo tanto às categorias quanto à formação das subcategorias. Desde o momento da entrevista, havia certos discursos que estavam interagindo entre si. Por isso, a análise de conteúdo, de alguma forma, teve início durante a própria audição dos relatos dos entrevistados, quando a pesquisadora percebeu que os discursos se interconectavam.

Dito isso, a análise de conteúdo categorial foi realizada a partir da reunião e conexão dos relatos, confirmando as categorias pré-definidas e, ao mesmo tempo, construindo as subcategorias. No que concerne à nomenclatura dada em cada subcategoria, em essência foram sendo criadas no decorrer da análise, conforme os ditos dos interlocutores; palavras que trouxessem confirmações de um conjunto acerca de um sentido.

6 CONHECENDO O UNIVERSO DO CORAL UFMA: dimensão institucional

Neste espaço do presente estudo, verifica-se quais os caminhos que a UFMA por meio do Departamento de Atividades Culturais (DAC) e Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo (PROEXCE) tem percorrido no campo cultural, apresentando um breve histórico. Para a composição da análise, discorre-se sobre a visão do coordenador do projeto em questão, para perceber os principais objetivos e estratégias de organização da iniciativa, e assim compor o diálogo da visão institucional.

No PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional) da instituição, demarca-se o objetivo da PROEXCE:

A PROEXCE tem como função articular, desenvolver, coordenar e apoiar as ações de extensão, junto à sociedade e à comunidade universitária. Estabelece o vínculo com o ensino e a pesquisa, interagindo com diversos segmentos sociais, como: órgãos governamentais, entidades filantrópicas, setor privado, movimentos sociais e público consumidor de conhecimentos, artes e serviços, com a finalidade de contribuir na busca de resposta inovadora aos desafios locais, regionais e nacionais. Suas ações estão alicerçadas no conceito de Extensão Universitária, estabelecido no Plano Nacional de Extensão. (UFMA, 2017, p. 67).

No que concerne a área cultural, o objetivo estratégico da instituição é: “Desenvolver projetos de extensão na área da cultura, promovendo as diversas linguagens artísticas, no âmbito da UFMA e junto à comunidade externa.” (UFMA, 2017, p. 71). Dito isso, no próximo tópico será discorrido sobre o Departamento de Atividades Culturais da UFMA.

6.1 Breve Histórico DAC e Coral UFMA¹⁰

Descreve-se aqui um breve histórico da trajetória do Coral UFMA, bem como a sua relação com o Departamento de Atividades Culturais (DAC) e Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo (PROEXCE). Em sua trajetória de quatro décadas o Departamento de Assuntos Culturais sempre desenvolveu suas atividades no âmbito da literatura, música, artes visuais e na cultura popular.

O (DAC) foi criado em 1974, inicialmente como Divisão Artístico Cultural vinculada à Coordenação de Extensão e Assuntos Comunitários (CEAC), que em 1976 deu origem a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis (PREXAE), depois Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e atualmente Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo da Universidade Federal do Maranhão (PROEXCE).

¹⁰ Informações obtidas pela Coordenadora da Divisão de Atividades Literárias e Musicais do DAC.

O coral da Universidade Federal do Maranhão teve início de suas ações no ano de 1973, tendo como coordenador o professor, e ex-padre Mario Cella, e como regente Giovanni Pellela, ambos de origem italiana. O apoio institucional foi exercido pelo atual reitor da época, além de poeta e escritor, chamado Josué Montello (MARQUES, 2016). Ao longo dos anos, o Coral UFMA teve várias regências, sendo que a atual regente se chama Angélica Vieira da Silva Marques.

Outra data importante da trajetória do Coral UFMA, foi em 15 de agosto de 1974, na qual é institucionalizado como órgão de extensão criado pela resolução nº 283, do Conselho Diretor da UFMA, tendo vínculo ao Departamento de Assuntos Culturais (DAC) da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). Porém a data de aniversário foi mantida em 28/07/1973 (MARQUES, 2016).

Na época foi a primeira iniciativa no âmbito cultural da UFMA. E por não ter um curso de música, naquele momento, esta seria uma das poucas universidades que foi criado um cargo de regente como técnico, para conduzir as ações do projeto.

Ainda na década de setenta, houve reestruturação administrativa da Universidade Federal do Maranhão e o Departamento de Assuntos Culturais (DAC) como Departamento ganhou três divisões: Divisão de Atividades Literárias (DAL), Divisão de Atividades Musicais (DAM) e Divisão de Atividades Visuais (DAV). A partir da experiência com o Coral¹¹, outros grupos artísticos foram formados por universitários e pessoas da comunidade em diversas áreas culturais do teatro, da dança popular e folclórica, da música popular.

Nos meados, da década de setenta, também houve início da oferta de eventos, e alguns permaneceram na tradição cultura da Universidade como o: Festival Maranhense de Coros (FEMACO) e o Festival Guarnicê de Cinema. Em 1991, quando todo o serviço público federal passou por um processo de enxugamento da estrutura administrativa e econômica, o DAC perdeu as suas três divisões e passou a conter dois núcleos: Núcleo de Atividades Musicais (NAML) o que hoje se chama Divisão de Atividades Musicais e Literárias (DAML) e Núcleo de Atividades Visuais (NAV), hoje Divisão de Atividades Visuais (DAV).

Na história do canto coletivo no Maranhão, houve uma série de iniciativas isoladas, e que propulsiona a música neste território. Marques (2016) citando o pesquisador Carvalho Sobrinho explana que o cenário da música no Maranhão, desde a sua gênese estava especialmente atrelado a aspectos políticos ou sacros.

¹¹ Destes, apenas o Coral se tornou órgão de extensão cultural com Regimento Interno aprovado pela Resolução nº 283 do Conselho Diretor de 14/08/1974

No ano de 1972, houve a fundação do canto coral da UFMA, objeto desta pesquisa. Nesse motim, o canto coral da UFMA passa a ser reconhecido como uma escola, e que pessoas de diferentes níveis se integram e produzem sua musicalidade. Com mais de 45 anos de atuação, já formou maestros, cantores e regentes. Utilizando as palavras de uma das integrantes acerca do seu envolvimento com esta expressão artística, reflete que: “Participar do coral é desenvolver uma arte que a gente tem que as vezes nem sabia” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2018a, n.p.).

A arte do canto coral começou a ter uma maior visibilidade e tornou-se por meio da UFMA um exercício cultural que se propagou à comunidade de São Luís, especialmente pelo Festival Maranhense de Coros (FEMACO), evento este que conseguiu conectar diversos corais, bem como apresentações de outros grupos em outras frentes e estados diversos.

6.2 Objetivos do Coral UFMA: agente de transformação sociocultural ¹²

O objetivo do projeto coral a **nível social** é: promover o intercâmbio de pessoas, integrando-as, e permitindo a inclusão social. No que respeita ao **nível individual** - desenvolver a questão artística, o despertar cultural para ter uma apreciação musical, bem como uma ação para a formação de plateias para outros gêneros. Nesse ponto, relembra-se que as dimensões criadas no âmbito individual e coletivo estão de alguma forma, consoantes com os objetivos citados pela coordenadora do projeto.

No que concerne ao processo de entrada do Coral, as inscrições todo início do ano é aberto, podendo ser feito na página *web* do DAC ou em uma ficha tradicional. Seguindo a regra de ser aberto tanto para a comunidade universitária quanto para comunidade externa, onde os interessados podem encontrar no Palacete Gentil Braga no Centro, local de funcionamento das atividades culturais do Departamento. Dentre os critérios para a seleção de entrada, é requisitado que o participante tenha disponibilidade de pelo menos dois dias na semana para ensaiar, no horário noturno e que seja maior de dezoito anos.

São oferecidas entre as suas principais ações: a educação e leitura musical, bem como o exercício do canto coletivo, dentre as oportunidades de se apresentar em concertos. Atualmente, existem dois grupos em andamento no projeto Coral, o primeiro foi subdividido a partir da percepção de que muitos participantes são graduandos do curso de música e já possuíam certo nível de conhecimento musical, o outro grupo é composto por iniciantes ou que

¹² Informação concedida em entrevista pela coordenadora.

ainda estão aprendendo noções básicas. A estratégia criada foi que esse primeiro grupo viesse um dia a mais na semana para treinar com repertório mais avançado e, interagissem com o outro grupo de iniciantes, tendo os dias específicos para a integração de todos os participantes.

6.3 Espaço Cultural: Palacete Gentil Braga

O Palacete Gentil Braga é um monumento nacional tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e se encontra na zona considerada Patrimônio Cultural Mundial em São Luís. As suas origens arquitetônicas são influenciadas especialmente pela época colonial. Os azulejos que ali estão contido permitem identificar a relação com a colônia portuguesa. Outro codinome dado ao espaço é Sobrado do Canto da Viração (IPHAN, 2018). Uma curiosidade que vale ser citada, é que além de ter sido residência do escritor maranhense Gentil Braga, foi ambiente de saraus, eventos literários de poetas e artistas como Gonçalves Dias e Sousândrade, dentre outros renomados no século XIX (IBGE, 2018).

O Departamento de Assuntos Culturais (DAC) da UFMA funciona nesse espaço histórico, onde desenvolvem os seus principais projetos, concertos, eventos e exposições, além dos ensaios do projeto Coral.

Figura 4 - Área do Palacete Gentil Braga



Fonte: Marcus Elicius (UFMA, 2018)

De forma, a conhecer a opinião dos participantes sobre o ambiente em qual estão instalados para os ensaios e apresentação, na dimensão coletiva irá ser exposto seus dizeres

sobre como o coral também permitiu essa aproximação com o patrimônio local, chegando a despertar o olhar para essas riquezas culturais.

6.4 Principais Eventos e apresentações do Coral UFMA

Explora-se as principais apresentações do Coral UFMA, os cartazes e fotos a serem expostos são especialmente deste ano corrente de 2018. A primeira atração deu-se início no dia 02 de agosto com exposições de fotografias raras da trajetória do coral, bem como as principais formações realizadas pelo projeto. No dia 09 de agosto, dando início a programação musical foi realizado concerto de abertura pelo grupo do Coral, no Cine Teatro Aldo Leite, e no dia 10 de agosto houve a apresentação do musical A saga do Zé Curió, e para quem não teve a chance de ver neste dia, houve uma reprise no dia 11 de agosto (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2018b).

Na Figura 5, abaixo, pode ser observado o cartaz do último aniversário comemorado pelo Coral em 2018, na qual ouve a celebração dos 45 anos, tendo à sua programação aberta ao público, no Palacete Gentil Braga.

Figura 5 - Cartaz do Coral UFMA 45 anos



Fonte: DAC/UFMA (2018)

Na ocasião, a pesquisadora esteve presente no evento, e pôde perceber a emoção de assistir um espetáculo como esse, onde pessoas de todas as idades, incluindo familiares e amigos, foram prestigiar. Um fato memorável ocorrido, foi quando uma jovem na plateia, captura o momento com o celular e posta um *storie* em seu *Instagram* – “um dia quero cantar assim”, demonstrando a sua admiração pelo espetáculo.

No início, ao chegar no ambiente do Palacete, ouvia-se uma música de fundo, de um instrumento de sopro, enquanto os participantes se preparavam para a sua apresentação, deixando um clima artístico e suave na noite. Na ocasião, houve um contato inicial com um dos participantes que iriam se apresentar e que inclusive, contribuiu posteriormente ao aceitar ser entrevistado.

Na primeira imagem acima, uma das integrantes do coral apresenta um solo cântico, na segunda foto um integrante com seu violão roxo, apresenta seu primeiro concerto solo instrumental. Nesse sentido, apesar de normalmente haver apresentações coletivamente, a partir das apresentações solo, se destacava o talento de cada um, e que além de cantar tivesse outra habilidade artística. Após cada apresentação, havia aplausos saudosos tanto de quem estava na plateia quanto dos outros integrantes que assistiam em uma vista especial do teatro. Nas figuras abaixo, pode ser visto a visão da plateia para o palco, onde teve uma programação vasta de músicas clássicas e populares.

Figura 6 - Apresentação solo de cântico e instrumental

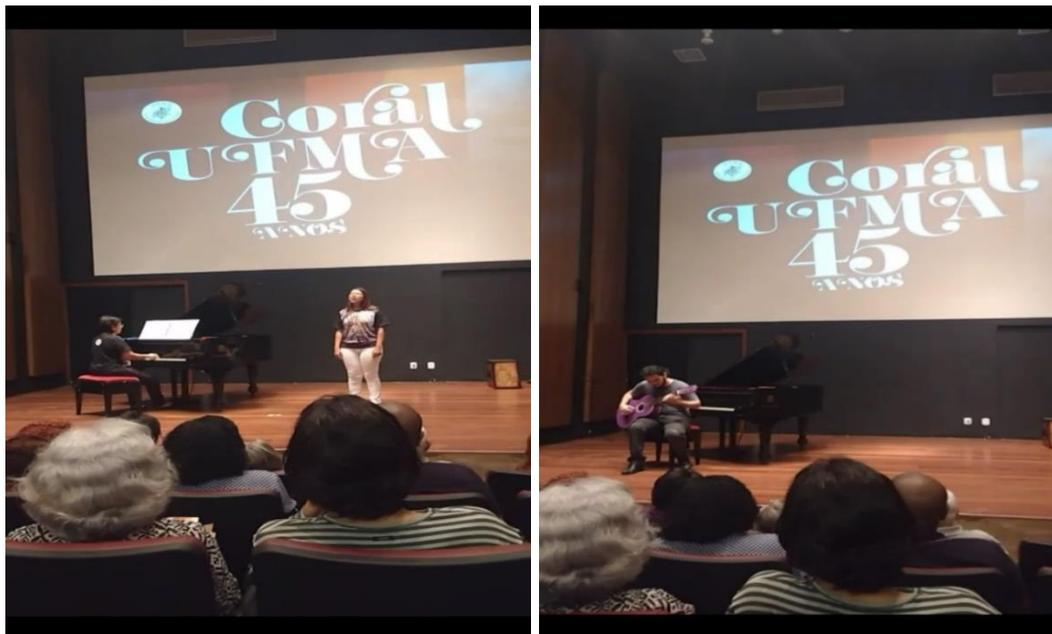


Foto: Dados da Pesquisa (2018)

Como já citado, outro evento importante na história do Coral UFMA e do DAC, é o Festival Maranhense de Coros (FEMACO) é um dos eventos culturais de maior repercussão da UFMA, que tem tido mais de quatro décadas de atuação, e é realizado também pelo Departamento de Assuntos Culturais (DAC) da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Empreendedorismo (PROEXCE). O objetivo do festival é estimular a difusão do canto coral nacional, além de fortalecer laços ao realizar intercâmbios culturais entre os diversos coros do Maranhão, e grupos de origens de diversas cidades, e a comunidade ludovicense. Para o seu acontecimento, além do apoio institucional da UFMA e dos seus órgãos interligados, houve apoio de uma série de empresas maranhenses (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2018b).

Repleto de uma vasta apresentação, a solenidade de abertura foi dada no dia 26 de outubro, no espetacular Teatro Artur Azevedo. Neste ambiente teatral, reuniu-se então para o espetáculo, cerca de 38 grupos de corais infantis, infanto-juvenis e adultos do Maranhão e de outros Estados (UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, 2018c). É válido ressaltar, que o regulamento elaborado para a seleção dos coros, houve essa abertura a diversidade, abrangendo democraticamente diversos tipos de corais.

Figura 7 - Cartaz do 38º Festival maranhense de Coros



Fonte: DAC/UFMA (2018)

Os relatos são concernentes a experiência do Festival Maranhense de Coros (FEMACO), como citado todos os anos, impreterivelmente a UFMA e outros órgãos parceiros organizem o FEMACO, para reunir diversos coros do Brasil e até mesmo exterior, dando oportunidade à diversos grupos se apresentarem. Dessa forma, os coralistas, destacam como uma das apresentações nas quais tem profundo significado, pois além do coro há toda uma encenação teatral, e conteúdo identitário popular, da região do Nordeste, por exemplo onde um pássaro em busca de sua amada, sai à caça. Neste momento há um repertório popular, e figurinos, bem como encenações, reunindo outras artes para além do canto.

Nesse motim, o projeto Coral universitário, realiza diversas apresentações no ano, e especialmente no período natalino há uma demanda de espetáculos institucional, tanto da universidade quanto do Estado. Na figura a seguir pode ser visto, o concerto de final de ano na data 13 de dezembro de 2018, dos projetos de extensão de música, organizado pela PROEXCE, DAC e o Departamento de Música.

Figura 8 - Concerto de Fim de ano



Fonte: DAC/UFMA (2018)

Como pode ser visto no cartaz, na programação do evento ocorrida no Auditório Central do Paulo Freire na UFMA, houve a apresentação de orquestra de cordas, camerata da UFMA formada por docentes e alunos do curso de música, o grupo de violino para crianças e a participação especial do Coral UFMA. Na ocasião, o coral UFMA apresentou uma canção cristã intitulada “*Gloria in Excelsis Deo*” de Sonja Poorman. Apesar de ser tradicional a apresentação do canto coral com músicas sacras, neste projeto há incursões em vários tipos

de músicas, especialmente o canto popular. Todavia, na programação deste evento em si, continham em sua maioria músicas eruditas.

Figura 9 - Apresentação do Coral



Foto: Dados da Pesquisa (2018)

A pesquisadora não poderia deixar de relatar, as emoções emergidas durante as apresentações. O efeito da iluminação cênica, primeiramente, o ambiente com a luz apagada criou uma atmosfera do contraste entre a escuridão e a luz, compondo um clima musical envolvente. A esta altura, a harmonia em cada grupo, transferia uma noção de sensibilidade e leveza, da mesma forma que uma ideia de ordem, ao emanar a disciplina requerida em cada um dos componentes, sendo possível reluzir o som intangível em forma de emoção no espectador. Nessa altura, não pode deixar de ser citado a importância do grupo está coeso musicalmente, mas além disso, o destaque da figura do regente à frente de todos, ao fazer movimentos com as mãos, ele se torna um guia dos sons emitidos, conduzindo cada um dos componentes na composição final do seu trabalho.

Ainda sobre o espetáculo, pôde ser visto a presença da comunidade vindo prestigiar o momento. O auditório estava parcialmente completo, com pessoas de todas as idades. Segundo Guetzkow (2002, tradução nossa) eventos em arte podem ser um recurso que proporciona orgulhos aos residentes (participantes ou não participantes de experiências em cultura) de suas comunidades, aumentando o senso de conexão com a comunidade ou local que

vive¹³. Nesse cenário, pode-se considerar a relevância que as apresentações artísticas do projeto Coral possibilitam ao aproximar outros públicos da comunidade a esta experiência cultural.

¹³ “Arts events may be a source of pride for residents (participants and nonparticipants alike) in their community, increasing their sense of connection to that Community.” (GUETZKOW, 2002, p. 6).

7 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS: os impactos da experiência artística na dimensão individual e coletiva

Todas as pessoas que encontro apresentam múltiplas camadas interpretativas, vale a pena distingui-las, tentar analisa-las. Há elementos, mais ou menos identificáveis, que as influenciam naquele momento específico e, também, características mais permanentes que as distinguem como peças únicas.

José Luiz Peixoto

Para o delineamento da análise de conteúdo, houve a organização das categorias em dois universos, os quais são chamados de dimensões – individual e coletivo. Nesse espaço do estudo será tratado, primeiramente, o aspecto individual, quando são discutidas as características intrínsecas, pessoais, sentimentos, relatos com menções sobre melhorias pessoais, musicais e artísticas, bem como o despertar de sonhos e objetivos. Posteriormente, trata-se da dimensão coletiva, discorrendo sobre os impactos ressonantes no âmbito social e cultural.

7.1 Dimensão Individual

Os dados foram emergindo das falas e, à medida que a análise se encaminhava, após diversas leituras exaustivas, a sistematização se concretizou conforme detalhado abaixo. No Quadro 8, pode ser observado o conteúdo da dimensão individual com suas respectivas categorias e subcategorias. Para a sistematização de cada categoria (impacto artístico e pessoal) elencou-se outra coluna com o significado de cada um dos seus itens.

Quadro 8 – Dimensão Individual

Dimensão Individual	
Categoria	Subcategoria
Impacto Artístico	Relação com o mundo das artes
	Habilidades artísticas
	Sobre ser artista
Impacto Pessoal	Transformação Pessoal
	Significados Intrínsecos
	Relacionamentos Interpessoais
	Momentos Impactantes

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Neste estudo, apesar de se trabalhar em categorias, é laborioso haver essa separação em blocos, quando tudo, de alguma forma, está consubstanciando em um mesmo significado: a de que a arte é um instrumento de elevação humana. Nesse sentido, o que se quer dizer é que, as categorias de impacto artístico e pessoal a serem explanadas, apesar de delineadas, possuem respostas que se relacionam entre si. Logo, cada tópico é uma peça que contribui para todas as outras, formando um conjunto da sua respectiva dimensão.

7.1.1 Impacto Artístico

Como dito, o Quadro 9 irá conduzir sinteticamente o conteúdo de cada subcategoria. No âmbito do impacto artístico, discorre-se sobre as menções que envolvem particularmente a relação dos envolvidos com a arte, o seu desenvolvimento musical e o despertar para outras habilidades artísticas. A intenção é identificar as diferenças antes e pós experiência coral.

Quadro 9- Impacto Artístico

Impacto Artístico	
Subcategoria	Conteúdo
Relação com o mundo das artes	Menções que refletem a percepção dos integrantes do coral sobre o que significa arte
Habilidades artísticas	Percepções acerca do aprendizado musical; o despertar para outras habilidades artísticas
Sobre ser artista	Percepções acerca da visão de si mesmos; conteúdo que reflete as perspectivas de futuro na área

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

a) Relação com o mundo das artes

[...] De uma forma mais prática eu pensaria a arte como uma forma de comunicar ideias, mas na realidade a arte pra mim é um utensílio, é uma coisa que não tem finalidade prática e não precisa ter... é uma coisa com um fim em si mesma...eu to tocando-me não preciso está tocando pensando em fazer alguma coisa...posso tocar por tocar...o prazer pra mim está em fazer a arte. Todos os motivos que a gente pode carregar pra arte...eles existem e eles são muito poderosos...mas pra mim antes de qualquer motivo que eu coloque...ao expressar minha arte...antes de qualquer coisa que eu queira passar através dela... o primeiro sentimento que vem dela pra mim... é dela por ela mesma. (E2).

[...] arte é isso né, nos tira do mundo real um pouco, as vezes é bom fazer isso, entrar no mundo criativo [...]. (E4).

[...] de repente pode ser só uma música para aquela pessoa, mas de repente pode explodir uma galáxia. Pra que fazer arte se não for pra acender luz/? (E8).

Para o início dessa discussão, há uma questão na entrevista que se destina a saber o grau de envolvimento com as artes dos participantes, após a entrada e participação no canto coral (ver anexo). Para tanto, este tópico irá apresentar como se deu o envolvimento com o mundo das artes. É válido destacar que cada entrevistado tinha uma relação em maior ou menor grau com o mundo artístico, especialmente com a música, porém, com a entrada no coral, tornou-se latente não apenas a habilidade de cantar e ler partituras, mas de explorar outras artes, aprender a tocar outros instrumentos, ou rememorar habilidades que tinham sido deixadas de lado.

No primeiro depoimento (E2) deve-se levar em consideração que o respondente é músico, já tinha um contato prévio com a arte, de forma que, com a entrada no coral, fez com que ampliasse a forma de ver o mundo artístico. O indivíduo possui ar de introspecção, mas, em palavras, conseguiu transmitir todos os seus sentimentos com aprofundamento. O mesmo citou que a arte é um instrumento de comunicação, é algo que tem o fim em si mesmo, ou seja, não necessariamente a arte deve ter uma razão instrumental ou um objetivo como meio de expressão. A seguir, ressaltam-se os seguintes depoimentos:

Eu diria que antes a arte tinha uma importância mais metafísica...e mental...era uma coisa essencial mas era uma coisa essencial no sentido pessoal...tipo eu tenho minha vida e a arte é uma coisa que tem lá, é uma válvula de escape...é uma coisa que eu quero fazer...é uma coisa interna...após o coral, quanto pela prática e pelas oportunidades que o coral me abriu...virou uma coisa externa e a minha vida completa gira em torno da arte...principalmente da música...toda minha rotina...todos os meus dias...meus projetos...está tudo relacionado a isso. Como disse anteriormente antes era uma coisa interna mais pessoal, e o coral fez externa lizar essa coisa, a gente tocar em casa fazer nossas coisas em casa é uma coisa, mas a gente tá em um grupo fazendo música em conjunto, colaborando com outras pessoas, com um projeto já em mente... uma data pra apresentação, uma coisa que tá sendo regido em um ambiente musical tão grande... faz uma grande diferença...é uma coisa que isso me melhorou como pessoa...e como músico também...fez com que eu aceitasse e conhecesse outros projetos...e em seguida começaram a pautar a minha vida. (E2).

Nesse relato, em especial, o indivíduo trouxe a significância da relação com o mundo da arte e, de forma eloquente, demonstrou a importância da arte na sua vida. No prenúncio dessa imersão com o mundo artístico, é citado especialmente o seu valor estético. Após a entrada no coral, a arte começou a ser vista de outra maneira, de uma forma não somente intrínseca, ou da arte por ela mesma, mas sob um viés muito mais instrumental, tornando-se

uma ferramenta de melhoria pessoal, de conexão com outras pessoas, facilitando a expressão das emoções e o desenvolvimento cultural.

b) Habilidades Artísticas

Ninguém que me chegue aqui no primeiro dia, pode se dizer incapaz, eu não sabia nem falar direito, e hoje eu canto [...]. (E5).

Sim, acho que as habilidades musicais melhoram muito, eu desafinava muito, e não era um problema musical era um problema de timidez...assim fui estudando mais.[...] porque realmente eu não tinha fé que conseguiria melhorar mas estudando eu vi que melhorou consideravelmente... mas claro que ainda tem muito pra crescer... (E1) Eu acho que foi trabalhar minha insegurança, ter me ajudado a trabalhar muito a minha insegurança, por exemplo a escala musical que é uma coisa tão simples, e no começo eu te falei que eu desafinada, e pra mim eu nunca iria cantar isso direito, como é que essas pessoas conseguem...a escala musical certinha... e estudando isso pra mim foi meu deus, eu consegui! E pra mim foi libertador, a gente faz um exercício todo mundo junto, e regente pede uma nota e eu sei da, é uma coisa tão simples, mas me dá muita alegria. (E1).

Elas afloraram não tem nem comparação do que era antes pro que foi depois do coral...a composição assim como outras coisas na vida é uma coisa que a gente vai fazendo com o que a gente tem...se tu sabe três acordes tu sabe compor uma música divina...mas conforme tu vai tendo insights sobre outras coisas tu vai ganhando novas possibilidades...então pra mim foi isso o coral, eu tinha uma ideia de música. Antes de entrar...quando eu entrei a minha visão de música se expandiu de uma forma gigantesca...isso mudou tudo que eu fazia...principalmente por conta da leitura de partitura...porquê desde muito cedo eu tinha vontade de compor músicas instrumentais...porque eu não tinha conhecimento de como aquilo funcionava...e até mesmo instrumentos pra escrever sobre esses instrumentos eu não tinha... e coral tive isso não pratica então, nossa! não tem comparação.(E2).

Dentre os objetivos do coral que foram apresentados, indubitavelmente o principal é o intuito de despertar e desenvolver o lado musical dos seus componentes. Nos depoimentos que foram apresentados percebe-se como isso tem sido atingido de uma forma que ressoa para além do âmbito musical. Deve-se considerar que há uma particularidade especial: o coral aceita todos os tipos de pessoas, tendo essa característica como um aspecto democrático. Nesse sentido, atendem aqueles que têm interesse independente de sua origem e nível de experiência, ou seja, pessoas que nunca tenham cantado até aqueles que já possuam vasta vivência na área.

Uma luz inicial para esse contexto é que a música os atrai, a direção de quem ensina conecta e os deixam confortáveis para dar os passos iniciais, desde um suspiro à voz de peito. Medir a cultura e o grau que ela impacta é uma proposta profunda, sobretudo por dar forma aos sentimentos humanos e por transpor tais sentimentos em linguagem. Nesse sentido, esta pesquisa se insere em outra dimensão: significar ou simbolizar as emoções em palavras.

Há uma consciência na atmosfera do coral, propagada pela visão da regente, de que quem fala consegue cantar. Essa visão pode ser considerada até um lema, visto que é repetida por diversos respondentes. Por isso, seu impacto em nível musical é perceptível em diversos aspectos, dos mais elementares, como aprender a cantar afinado, ler partituras, até aqueles que exploram outras áreas artísticas, como o aprendizado de novos instrumentos e o desenvolvimento profissional. Por isso, os impactos e os resultados podem ser medidos de uma forma singular em cada âmbito, visto que, anteriormente, algumas pessoas não sabiam nem como cantar e conseguem desenvolver sua musicalidade.

[...] com as experiências que eu tive com a música, com pessoas assim que me inspiraram eu acabei entrando no violino, que eu to fazendo desde o começo do ano, aprendendo a tocar na verdade, antigos gostos que eu tinha por pintar, desenhar estão retornando. [...]eu me sinto mais inspirada pra aprender coisas novas, por exemplo hoje eu tava apresentando uma música no teclado, assim uma música bem basiquinha mas é uma coisa nova, e eu vou me lançando em coisas novas mesmo com a insegurança, que é muito forte ainda [...]. (E1).

Os dois relatos supracitados exemplificam como o contato com uma experiência artística pode levar a exploração de outras áreas que não apenas a música. Ao conseguir se desenvolver musicalmente, a criatividade aguça em outros campos. Novas inspirações surgem, tal qual, o entrevistado (E1), explica sobre como o gosto por pintar e desenhar retorna ao seu cotidiano. Outro fato, dito pelo mesmo respondente, foi o estímulo para prender um instrumento, levando-o a ingressar em aulas de violino, de outro curso de extensão da UFMA. Assim, além de aprender a cantar em um grupo coral, dentro de cada âmbito subjetivo, desperta-se para outras incursões artísticas.

No seguinte relato abaixo, o entrevistado, além de se descobrir a si mesmo, começou a fazer algo que não imaginava - a composição de canções.

Acho que eu já fiz, poder cantar, eu sempre quis cantar, então eu acho que mesmo que eu não perceba isso eu to realizando um sonho, a pessoa que eu era há 5 anos, não imaginava que eu seria essa pessoa que eu sou hoje, e pro futuro eu não penso em deixar isso de mão, independentemente da área que eu trabalhe se vai ser uma coisa muito técnica, assim que eu não deixe de lado a música, a arte as coisas que eu gosto. As coisas que fazem ser quem eu sou, mais do que qualquer profissão. (E1).

Percebe-se que, de alguma forma, há uma série de esferas a serem interpretadas, mas cada um possui um modo de significar o coral em suas vidas. O sonho de cantar e a quebra de barreiras limitantes são alguns dos impedimentos que dificultam o reconhecimento de se ver cantando. Com efeito, cada entrevistado foi um universo único a ser percebido, já que suas vidas e seus objetivos tiveram mudanças significativas ou, até mesmo, impactantes na formação de suas identidades.

A capacidade de cantar era algo até inimaginável para alguns, como relata o Entrevistado (3): “[...] eu achava que só podia cantar no banheiro.” Mas, ao descobrir-se como alguém que canta, o interesse em se aprimorar alargou, fazendo-o buscar outros cursos para aprimorar suas habilidades musicais.

Com emoção no dizer, observa-se que, independentemente de como utilizará o recurso da arte musical, essa fluência cultural permite a identificação como ser humano, e desperta o próprio sentido de sua existência.

[...] você aprender a cantar uma música em uma outra língua, pensa cantar em alemão, totalmente fora do comum, você aprende pronuncia, aprende tradução, pra você entender o que é a que música ta dizendo, as vezes até pra você pronuncia saber falar certo, latim...então é outro aprendizado maravilhoso. [...] esse aprendizado saber que eu to lendo partitura hoje...é uma coisa que realmente me rejuvenesce...me dá essa força assim extasiante até...de eu chegar em casa assim... e cada música nova que tem uma dificuldade grande. (E9).

Outra experiência e conhecimento adquiridos corresponde à particularidade de que algumas canções do coral são cantadas em línguas estrangeiras, fornecendo aos seus participantes uma forma de interagir com outras vertentes musicais clássicas e explorar outra linguagem, de outra cultura. No discurso a seguir, o Entrevistado (6) explica: “[...] então, o coral da UFMA me proporcionou isso, aprender um pouco do inglês, do francês, do alemão, e a gente já cantou, tem um grupo da segunda e quarta, que canta outras línguas já, línguas mais desafiadoras, e ai você acaba tendo a curiosidade em aprender a tradução.”

Um dos maiores desafios citados foi o exercício da leitura da partitura. Essa tarefa é apontada como um dos conhecimentos essenciais a serem trabalhados na participação do coral. Para muitos, o primeiro contato foi assustador, mas com o incentivo do estudo, o apoio da regente e de outros participantes veteranos, as dificuldades passavam a ser sanadas, pois aprendiam e se sentiam cada vez mais motivados. Uma estratégia apontada pela coordenadora é que são criadas oficinas de forma esporádicas para aperfeiçoar várias técnicas musicais, nas quais os integrantes estão livres para participar.

Um olhar sobre o efeito do aprendizado da leitura da partitura é apresentado pelo Entrevistado (5), que desenvolveu um gosto por decifrar códigos, por pesquisar e aprender sobre novos mundos. Nesse ínterim, o impacto não é apenas no âmbito musical, pois a leitura da partitura significa adentrar em um novo universo que revela o seu gosto por descobrir.

Outro relato concernente a essa atividade no âmbito do coral é dado pela Entrevistada (9), que diz ter superado essa dificuldade e associa o aprendizado como renovador de si mesma. Para ela, aprender a partitura foi uma espécie de abertura de horizonte, dando a ideia de que se ela pode aprender essa técnica, ela pode aprender muito mais.

c) Sobre ser artista

Por um lado, sim, que eu já estudei algumas coisas...e ainda mais o artista da música, ler uma partitura, e por um outro lado não...porque eu ainda tenho que me aprofundar muito mais para chegar em um nível artístico...realmente almejado. Possa se dizer [...] eles me veem como um artista. O artista da família...o artista dos amigos e tal...e sempre tem um conhecimento um pouco além para que possa dividir com a gente [...]. (E6).

Eu acho que eu me considero uma aprendedora, talvez quem me olha de fora toda uma vida talvez diga... ali vai uma artista [...] eu prefiro me ver como uma metamorfose [...] sempre indo na direção com meu teatro musical [...]. (E8).

Olha no momento que eu estou. Estou começando a me sentir assim... faz parte do contexto[...] então minha irmã diz assim: tu já é uma artista. (E9).

A sensibilidade artística é um ponto que é ressaltado, ainda que este estudo não se proponha a discutir sobre o que significa ser artista. Mesmo assim, os respondentes deixam suas perspectivas e, nesse sentido, busca-se perceber se diante tal experiência, que aflora os sentidos musicais e emocionais, existe a sensação de ser artista no âmago dos entrevistados.

Nos discursos há algo em comum: o reconhecimento do olhar do outro. Os sentimentos despertados em cada um, ao passar a habilidade artística aos outros, fazem com que os entrevistados se reconheçam como artistas à medida que recebem o olhar de quem os vê. Apesar de destacarem que há ainda muito a aprender, ou há um longo caminho a ser percorrido, eles já se enxergam no percurso.

Sendo artista ou não, os entrevistados pretendem desenvolver sua arte de coral para diversas vertentes. Alguns decidem permanecer pela sensação de melhoria, outros enxergam no projeto coral a chance de se aperfeiçoarem por outras razões extrínsecas, tais como:

Pretendo ingressar na musicoterapia, eu falo que ela me curou, nesses probleminhas de saúde que comprometeram muito uma fase da minha vida, e pretendo também por ela ajudar as pessoas, pretendo também viajar pro exterior, fazer cursos de pós, eu quero me especializar nessa área da música [...]. (E5).

No relato acima, observa-se que o sujeito pretende ingressar na musicoterapia, pois sua crença foi fortalecida ao se ver como exemplo de superação. Por esse motivo, traça para o futuro a sua especialização na área de musicoterapia, cujo fim é ajudar outras pessoas.

Em outro caso, o Entrevistado (6) apresenta uma visão em longo prazo, visto que o seu desejo é, desde o começo do engajamento com o âmbito musical coral, chegar no topo da hierarquia coralista, tornando-se regente de um coral: “[...] assim, eu sempre desde quando entrei no coral, era realmente queria chegar ao topo. O coral me proporcionou algumas vezes ser regente, no coral e no teatro e em praça pública [...] e o coral me proporcionou essa

experiência.” O entrevistado 6 informa que já teve essa oportunidade no Coral UFMA, o que faz com que ele alimente seu objetivo.

À medida que a presença no coral é continuada, é possível notar que os impactos estão relacionados às ações na área musical sob diversas formas. Para alguns, o sonho era fazer parte do coral; para outros, a possibilidade de cantar; enquanto outros, a vontade é ascender como artista e não menos a vontade de melhorar como pessoa.

7.1.2 Impactos Pessoais

Quadro 10 – Categoria de Impactos Pessoais

Impactos Pessoais	
Subcategoria	Conteúdo
Transformações pessoais	Menções que permitem visualizar o grau de mudança e melhoria pessoal o coral permitiu às vossas vidas
Sentido Intrínseco	A significância do coral para os participantes em nível emocional e espiritual; a felicidade e o bem-estar;
Relacionamento Interpessoal	Percepções que refletem sobre como o ambiente coral estimula a conexão com o outro;
Momentos Impactantes	Relatos singulares acerca dos momentos que mais impactaram na experiência do coral;

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

A segunda categoria trata dos impactos pessoais, conjunto da dimensão individual, e contém relatos que explanam especialmente os sentidos particulares a respeito das transformações pessoais, o significado singular do coral nas vidas dos entrevistados, a melhoria nas relações interpessoais e os momentos que mais marcaram os envolvidos no decorrer de suas experiências com o projeto Coral.

a) Transformações Pessoais

[...] e assim pode parecer só um coral numa cidade e num país imenso, mas eu acho que realmente sai daqui entendeu, por exemplo, a energia que eu tenho hoje, o pensamento que eu tenho hoje e a pessoa que eu sou hoje, o coral tem uma grande responsabilidade, por isso. [...] Acho que a valorizar do jeito que eu sou, [...] eu acho que eu comecei a me aceitar do jeito que eu sou, com as coisas que eu gosto, com as opiniões que eu tenho, mesmo que não seja tão próximas a mim, não concordam, não sei acho que é assim [...]. (E1).

Quando eu penso naquela menina que entrou naquela porta, doida pra cantar e a pessoa que eu sou hoje, eu digo, nossa! O coral foi essencial nisso...tanto na minha

noção do que eu sou eu, eu não sou só eu, eu não sou melhor do que ninguém, eu sou parte de um todo.[...] grosso modo quem vem ao coral quer cantar, só que o interessante do coral UFMA não é que você apenas canta, você aprende cantando, você muda cantando, você cresce cantando. (E8).

[...] por conta que o coral e por conta de coisas que o coral me trouxe ...então meio que o coral me abriu diversas portas que minha vida hoje só é o que é por conta de eu ter entrado no coral [...] o momento que eu entrei no coral e começou essa prática [...] foi um momento de grande quebra e grande transformação da minha vida [...] eu realmente sou outra pessoa por conta disso tudo e se não fosse o coral nem sei onde eu estaria agora, provavelmente no meu quarto [...] tocando o violão e só isso. (E2).

“As vezes é algo tão pequeno [...] as pessoas pensam, ah! Só porque você foi cantar ali [...] o fato de você participar [...] daquele grupo e o que aquele grupo faz. O retorno que vc tem quando chega em casa [...] você sente outra pessoa. Mudou muito minha vida.(E9).

[...] É a minha identidade que eu encontrei aqui, é principalmente foi onde eu me encontrei como pessoa, em casa eu costumo falar muito isso, temos engenheiros, temos advogados, médicos e tem o cantor coral universitário, que sou eu [...] Então é minha identidade [...]. (E5).

A partir dos discursos apresentados, percebe-se a relação do impacto na questão individual sob diversas formas. À medida que há uma participação efetiva dos membros, há a percepção de como o coral começa a ser responsável por mudá-los, transformar não apenas um dia triste em um dia bom, mas, de fato, aperfeiçoá-los dentro de uma perspectiva muito mais profunda, relacionada à mudança interna e pessoal. Fica evidente que a ação cultural do coral é também uma ação educativa, mas, ao se basear no que afirma Coelho (2008), a ação da cultura é um universo sem limitações e está aquém do sentido educacional. Esse dado é consoante à própria explanação da entrevistada, ao dizer que, em um país tão imenso, as ações do coral ressoam para além do seu ambiente de atuação, pois move energias e pessoas, as quais buscam seus próprios instrumentos de melhorias. Para além da educação, promove uma ação cultural que ressoa na vida dos participantes.

Outra perspectiva pode ser visualizada no discurso da entrevistada 8 sobre como o Coral “abriu portas”, até mesmo aquelas que a entrevistada não imaginava. É válido citar que a respondente tem mais de uma década de permanência no coral, reunindo diversas experiências marcantes na sua vida. Dessa forma, percebe-se no seu discurso um grau de identificação e um impacto em nível profundo no seu próprio ser. Dito isso, o que se observa é que, inicialmente, o coral foi visto como a oportunidade de exercer e aprimorar a sua arte, mas, para além desse intuito artístico e conforme o aprimoramento da sua educação musical, a entrevistada se transformava pessoalmente. A sua visão de mundo dilatou-se e a conduziu ao entendimento sobre quem ela é pessoalmente, a sua razão de ser.

Um relato que favorece as perspectivas de melhora no âmbito pessoal, espiritual e saúde mental é o seguinte:

[...] o coral ajuda em todos os sentidos, não só na área musical , mas na área sentimental, em todos os sentidos, se fosse indicar uma terapia pra uma pessoa, eu recomendo que a pessoa entre no coral, se ela faça teatro, uma música, qualquer coisa que ela for fazer, que envolva isso ai, é melhor do que qualquer tipo de remédio. (E10).

Ah eu acho que eu ganho um conjunto, a gente se sente bem, a gente se sente realizado...a gente se sente feliz por aquilo que fez [...] porque o coral aflora tudo, a pessoa aflora a educação a percepção...então eu acho que é tudo um conjunto de coisas. (E3).

[...] a última coisa que a gente pode citar é cantar, nesse processo tem tanta coisa tem tanto aprendizado, tem tanto suporte, apoio, descoberta, desafio, superação, que todo mundo em algum ponto da vida deveria fazer parte do coral, nem que seja por dois dias. (E8).

As trocas realizadas no contexto do canto coral promovem aprendizados que moldam a própria estrutura educacional, pessoal, artística do seu grupo, contribuindo culturalmente. Por mais que se pense que esta é apenas uma ação da universidade nesse vasto mundo, a sociedade, por estar cada vez mais conectada, potencializada por essa estrutura em redes, denota-se que uma pequena ação pode impactar outras. No outro relato, destaca-se a visão da entrevistada acerca da capacidade da arte enquanto transformação pessoal.

[...] o coral muda, quem quer realmente mudar, ele muda, a música faz isso, a música tem seus mistérios, a arte em si transforma, eu já vi pessoas também em situação de rua, que conseguiu achar prazer da vida em teatro, então eu acho que tanto faz a arte musical , teatral ...então envolve as pessoas em todo sentido, eu acho que ajuda. (E10).

Um projeto cultural muda as pessoas, assim como quando decidem em que grau desejam esse aperfeiçoamento pessoal e em que extensão esse aprendizado pode se propagar em outros ambientes sociais.

Outro aspecto intrínseco à experiência do coral, ou que pode ser interpretado pelo âmago dessa experiência cultural, corresponde à alegria de participar desse projeto. Um dos sentimentos que essa vivência proporciona é especialmente a alegria de estar ali. Além da sensação de felicidade, nota-se que o coral é um instrumento de desenvolvimento e que traz a possibilidade de melhoria e bem-estar.

No mundo moderno, repleto de imagens em telas cintilantes, que chamam a atenção e causam dispersão, a escritora Paglia, com suas próprias palavras, afirma que “[...] a única maneira de ensinar o foco é oferecer aos olhos oportunidades de percepção estável – e o melhor caminho para isso é a contemplação da arte [...]” (PAGLIA, 2014, p. 7). Nesse âmbito da arte que está se explorando, que é a música, adiciona-se que não apenas pelos olhos, mas por meio

de todos os outros sentidos, como a audição, é possível estimular a conexão entre corpo e mente. A reflexão de Paglia (2014) relaciona-se com o relato da respondente (E7), que diz que a prática do canto coral a tornou uma pessoa mais concentrada. Ao estudar música, sentiu-se estimulada a ter disciplina e foco, ajudando-a a estar mais atenta em diversos aspectos da sua vida.

A participação e o envolvimento com o coral possuem benefícios que ressoam em diversos âmbitos pessoais e sociais. Além de desenvolver a forma de ser e estar com o mundo, aprendendo habilidades como a partitura, que outrora era impensável, ou se apresentando ao público, o coral desperta sentidos e habilidades. O foco e a concentração são apontados pela Entrevistada (7), bem como a melhoria da timidez, já que a interação e as atividades recorrentes a desafiam.

b) Significados Intrínsecos

O coral é como se fosse minha alma gêmea, como se fosse meu outro pedaço [...]. (E10).

Aí tu me perguntas, o que o coral é pra ti? É um pedaço de mim. (E10).

O coral foi como minhas asas, eles me mostraram que eu podia voar, tudo que vem deles me eleva. (E8).

[...] toma o primeiro grode, e aí a gente sente aquele gosto bom, e aí a gente continua sendo, vamos dizer até que viciado. Então teve uma época que eu passei um ano sem vir aqui no coral [...] mas era uma saudade louca [...] voltei de novo [...] então é uma coisa assim que a gente se sente bem, se esquece de tudo [...] a gente quando chega aqui tem aquela expectativa de [...] uma coisa boa [...] e é isso que a gente sente [...] a gente não sabia explicar o que a gente sente sobre isso [...] é uma coisa assim que tá dentro da gente [...] que a gente não sabe nem explicar [...] o que significa aquilo essa emoção [...] Porque a gente ama [...] a gente passa a amar aqui...a gente passa amar a gente mesmo [...] porque primeiro se você quer gostar desse caderno [...] você tem que amar primeiro você mesmo [...] então a gente passa e transmite isso para as outras pessoas [...] porque eu pelo menos sou assim. (E3).

Não tenho palavras não [...] É não tenho palavras, coral é o coral [...] tipo aquela sensação! Nossa! café é tão bom que tipo assim [...] aquela pessoa é tão legal e tu pensa: poxa tu és tão café! (E5).

Os trechos selecionados acima refletem os significados intrínsecos dos discursos dos entrevistados. São dizeres que configuram o que poderia ser de mais profundo, o néctar da experiência e da representatividade do coral na vida dos colaboradores. São menções que resplandecem especialmente os aspectos emocionais da experiência cultural do coral. São manifestações, como diz Eagleton (2011) que mapeiam as complexidades do coração humano, pois a arte tem esse potencial.

A música já é tão presente na vida de alguns entrevistados que, algumas vezes, eles não tinham muitas palavras para serem ditas. A profundidade das respostas era percebida

através do olhar e, por ser algo tão natural à vida dos entrevistados, a arte do coral é quase que intrínseca à própria existência deles. A busca por materializar um sentimento despertado pela arte é, por si só, uma ideia do que é possível descrever pelo dito “sem palavras” quando algo impressiona ou estonteia, ou seja, não existem vocábulos que possam explicar a particularidade e a riqueza dessa experiência cultural. Ao procurar tangibilidade pela linguagem sobre algo que é tão parte do cotidiano, torna-se possível interpretar a própria vivência e encontrar reflexão de si mesmo.

Muitas vezes, essa marca da experiência com a arte não pode ser traduzida, podendo somente ser percebida através das sutilezas, como o brilho nos olhos, o sorriso ou a lágrima. O participante envolvido com o empirismo artístico sente de uma maneira singular o que não se pode sentir de outra forma. A experiência em arte representa, então, os mais diversos sentimentos humanos, pois evocam instintos.

Ao resgatar o que significa o sentido intrínseco nesse propósito, os valores intrínsecos apresentados por Holden (2006) estão relacionados às experiências em cultura, as quais refletem os aspectos intelectual, emocional ou espiritual. Para atingir esse propósito em vários momentos da entrevista, buscava-se a emersão dessas características, as quais poderiam refletir a intangibilidade dos sentimentos. Uma das questões era sobre o que significava o coral na vida dos entrevistados. Em alguns momentos, havia uma pausa na fala dos respondentes, ocasião em que poderiam ser extraídas muitas riquezas, dando sentido a uma experiência que é especial na vida dos participantes.

Alguns desses discursos emanam sentimentos dos integrantes, conforme pode ser visto na fala do Entrevistado (6): “O coral é conhecer o melhor... é fazer bem realmente... é pra mim...no meu ponto de vista... até chegar triste e o coral vem com a alegria... é a música em forma de alegria [...]” Já o Entrevistado (9) reflete sobre o significado do coral: “[...] acho que é felicidade. Criação [...] é uma coisa que envolve as pessoas. É nas artes plásticas, no canto é na música.”

O relato do E5 ilustra a sensação do que significa ser parte do coral ou do grau de relevância em sua vida quando retrata a experiência como se fosse um ente humano. Num primeiro instante, sem saber o que dizer ou como medir palavras, o respondente encontrou a resposta a partir de uma metáfora: a relação da sua experiência no coral com o gosto pelo café. O E5 acredita que o coral é tão positivo em sua vida que já é parte da sua vivência tanto quanto tomar o café pela manhã. Ao comparar o coral com uma bebida energética que é o café, percebe-se essa atividade é algo que alimenta não somente a sua organicidade, mas a sua alma. O coral é tão intrínseco à sua existência quanto o hábito de tomar o café pela manhã.

No relato a seguir, é possível visualizar outros sentidos em relação à experiência do coral, como a sensação recorrente de alegria e bem-estar em diversas situações, seja nos ensaios ou na emoção de cantar em algum espetáculo.

Às vezes eu chego em casa...e me perguntam assim? Eai como foi la? Eu digo: ah foi bom...e me dizem, deve ter sido bom mesmo, do jeito que estás feliz. [...] Acho que felicidade, bem-estar, acho que é isso, a gente se sente em casa, a gente se sente até quando a gente chega cansado aborrecido e a gente chega aqui a gente se sente outra pessoa. (E3).

O sentido intrínseco, difícil de medir em termos que não sejam linguísticos, intangível por característica, pode ser percebido, conforme nos relatos anteriores, como uma fortaleza, um ambiente que permite ao participante a chance de ser alguém, de poder realizar seus sonhos. De acordo com a possibilidade de experiência cultural, é possível crescer pessoalmente e buscar por momentos de alegria. No relato da Entrevistada (7), estar no coral é o ponto alto do seu dia: “[...] a gente pode vir pra cá, cheio de coisa na cabeça... mas quando começa a cantar esquece tudo... por isso que eu nunca saí, porque eu me sinto bem aqui.” O Entrevistado (5) complementa essa sensação, ao dizer: “[...] então em algum momento de tristeza, esse momento coral... a música ela te dá essa sensação de melhoria.”

Estar participando do coral e ser alguém são aspectos importantes para todos os entrevistados. Pode-se enxergar essa relação quando a Entrevistada (10) explica o que sentiu quando ficou sem estar no coral: “[...] e quando eu fiquei sem o coral me dava um vazio.” O depoimento da mesma entrevistada serve para refletir e dar um *feedback* à própria experiência do coral: “[...] o coral não sabe o quanto eu passei e o quanto eles me ajudaram sem saber que estavam me ajudando.”

c) Relacionamento Interpessoal

Acho que habilidades pessoais porque eu não imaginava que eu era uma pessoa tímida, mas eu acho que tenho uma certa timidez para lidar com pessoas e o coral é muito grupo né, e a gente depende um do outro, pra cantar harmonicamente pra fazer a coisa funcionar, assim me descobri muito como pessoa, sabe, conseguindo me relacionar com os outros,[...] E acho que aprender a lidar comigo também, aceitar as pessoas, eu não sei como explicar isso mas, talvez esse olhar, aceitar as pessoas, a estar mais aberta a falar com as pessoas, enfim porque tudo é uma questão de trajetória também, e quando eu entrei no coral eu tava um pouco mais, muito fechada em mim mesma, questões assim pessoais, que me atormentavam, estar aqui melhorou muito...o coral me ajudou bastante nesse sentido. (E1).

Tem toda questão musical...mas uma coisa diria que a questão da timidez da minha comunicabilidade [...] são as coisas realmente mais importantes...que eu consegui aqui...foram as coisas realmente que mudaram a minha vida [...] mudaram a minha forma como eu lido com o mundo e com mim mesmo [...] Ah se eu dissesse, qual foi a coisa mais preciosa que tu ganhaste nessa prática coral... pra mim foi isso [...]. (E2).

Sim no campo das relações [...] aprendi a me relacionar com os diferentes...com as pessoas diferentes de você [...] diferente que é muita gente [...] diferente do que você pensa do que você vive de como você age [...] porque aqui tem pessoas de várias vivências [...] cada um tem vivências. (E9).

[...] a gente melhora a percepção...a gente melhora até a convivência...com as outras pessoas... a gente melhora consigo mesmo...pois eu me sinto assim...com bem-estar. (E3).

A arte de socializar, eu acredito, que através do coral você realmente aprende a ser mais humano [...] a música que te atrai, que atrai essas questões tudo que há em ti [...] então é uma arte de socializar. (E6).

Nesta seção, a perspectiva da melhoria no âmbito do relacionamento interpessoal foi unânime entre os entrevistados. A atmosfera do coral favorece a conexão entre as pessoas, a qual se dá de forma quase que gratuita. O interessante é que, como o coral é um grupo, há a necessidade do outro, já que a relevância do próximo é fundamental em todos os sentidos. Nesse cenário, todos devem estar bem uns com os outros, criando-se uma sintonia não apenas musical, mas de laços pessoais, que se firmam com o tempo.

Para Fonteles *et al* (2009, p. 31), “[...] na confluência dos bens simbólicos e espirituais, temos a arte, que impulsiona relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo.”

O cantar em grupo, em um ambiente colaborativo que deve ser o coral, é visto a partir dos comentários, sobre como os entrevistados se sentem à vontade nesse ambiente, onde é possível ser o que é. No primeiro caso, a entrevistada relata que as suas habilidades, desenvolvidas pelo relacionamento com outras pessoas, não podem ser medidas. Nessa instância, percebe-se que, ao conhecer diferentes pessoas, de origens diversas, a sua noção de mundo expande, assim como a percepção sobre si mesma. Há uma abertura para esse outro mundo, que não a sua zona de conforto. Portanto, no instante em que ela se sente aceita e acolhida com todas suas qualidades e insuficiências, ela passa a se abrir cada vez mais ao mundo.

No trecho acima, fica evidente como a percepção aflorada em vários níveis, musicais, artísticos e pessoais, melhora todo um sistema. A coexistência se torna mais valorada e faz parte do desenvolvimento pessoal.

d) Momentos Impactantes

[...] era lindo de se ver, na verdade nunca tinha ido apresentação de coral, na igreja tem vocais é diferentes, que era só uma voz, agora vozes divididas, a minha vontade

era de chorar e sorrir ao mesmo tempo, era uma sensação sei lá, não tem explicação, aí as pessoas olhavam a forma que eu admirava parecia aquelas crianças. (E4).

[...] lembro de cantarem música erudita...mas lembro de está mexendo o dedidinho sem estar fazendo nada...mas me achando o maestro, depois sentei na minha cadeirinha e fiquei com vergonha, eu lembro que foi algo que me impactou muito no momento, e quando eu vi aquilo ali eu fiquei nossa, eu quero ver mais disso, eu quero criar isso e quero participar disso[...] não sabia como funcionava, e outra coisa que eu tinha muita curiosidade era saber como as vozes se comportavam, cada pessoa se comportando de um jeito diferente, eu não entendia direito como aquilo se encaixava tão bem, e ficava algo tão grande e poderoso, assisti algumas apresentações de corais, mesmo depois com algumas apresentações de música popular, é uma coisa, mas quando a gente entra e ver, aquilo por dentro e como funciona e tudo, como a nossa regente consegue fazer tantas pessoas diferentes, cantarem a mesma coisa em harmonia, e nossa é uma coisa realmente incrível. (E2).

Nesta seção, destacam-se os momentos marcantes ou impactantes ressaltados pelos envolvidos. No primeiro caso, têm-se dois depoimentos: o primeiro reflete a sensação de observar isso de fora, de ver e ser expectador do coral antes de fazer parte dele; o segundo corresponde à indicação de uma das experiências mais marcantes, que é a apresentação a um público. Nesse sentido, recebe destaque as apresentações no *Zé Curió*, espetáculo produzido pelo Coral UFMA, que ganhou tradição e repercussão nos Festivais Maranhenses de Coro. Por fim, têm-se a visão e o *feedback* que outras pessoas deram aos participantes do coral.

[...] experiência marcante, essa foi muito gratificante, foi muito emocionante e eu nunca esqueço disso, foi quando nos cantamos na UTI do Dutra, eles pediam que nos fossemos e que não podiam adentrar, era um ambiente esterilizado, então a gente cantou dentro de um caixa de vidro praticamente, pra aquelas pessoas que estavam ali há um ano há dois anos, há dez anos deitados, tinha algumas pessoas que estavam completamente enfaixadas, só o que dava pra ver é que ele mexiam os olhos, a gente via os olhos lacrimejando, ou o rosto deformado ou chorando, e quem ainda podia se mexer, mexia as mãozinhas assim, essa experiência me marcou tanto, que ela redefiniu tudo, todo conceito do canto, ela redefiniu e eu decidi, eu voltei pra casa e chorei e decidi que todas as vezes que fosse cantar, isso que tinha que significar alguma coisa para as pessoas[...]. (E8).

Impactante foi a primeira vez que eu fui cantar, a gente foi cantar em frente à igreja, com uma cantata, eu sempre tive medo de público, tinha terror de falar em público, nunca gostei, então quando a gente foi eu pensei o povo daqui não são muito ligado com artes, então não vai ninguém, quando a gente foi aquela multidão de gente, e tipo nossa! eu não tinha ideia de daquilo tudo. Nossa! foi tal legal, tão maravilhoso, e tipo eu me superei aí. (E4).

A minha primeira cantata foi assim uma emoção muito grande...eu não acreditava que eu tava ali [...] que são vários corais que se apresentam, na porta da igreja, aquilo pra mim foi uma emoção muito grande, eu não sabia se eu chorava, se eu tinha que ter cuidado para não engasgar e se eu engasgasse de emoção acabava não cantando. (E9).

[...] uma vez a gente tava no shopping e a gente resolveu cantar no corredor, até uma música simples, uma música brasileira a gente resolveu cantar, com pouco foi juntando foi juntado, daqui a pouco tinha monte de gente chegou dizendo que a gente não podia fazer aquela apresentação no corredor, tirou a gente de lá, porque tem todo um processo um protocolo pra poder se apresentar ali, então acabou a brincadeira da gente, mas foi assim rapidinho lotou, então foi emocionante, eu olhava pro lado e me via, to fazendo parte disso aqui, foi um barato. (E9).

Neste espaço apresentam-se os depoimentos dos entrevistados que entregaram suas versões sobre o momento mais impactante que pudesse emergir em suas memórias. No primeiro caso discorrido, esse dia em especial foi citado por mais de um entrevistado, bem como o momento em que fizeram a apresentação musical aos pacientes em estado terminal. Na ocasião, os entrevistados perceberam, na prática, como o ato de cantar impacta não apenas os cantores, mas os outros que reconhecem a emoção nos demais, favorecendo uma unicidade do significado dessa experiência cultural.

O grupo, ao cantar, se identifica com o outro, e quem ouve, especialmente aqueles que estão em uma situação delicada de saúde, enxerga uma beleza, uma esperança, sentimentos que se externaliza pelo poder que a música possui de tocar o ser humano.

A mesma participante explica ainda outra questão que veio à tona a partir dessa circunstância, relacionada ao sentido do canto na sua própria vida. A participante se deu conta de que há algo que transcende o ato de fazer parte do coral, além da magnitude de como isso pode refletir na sua audiência. Todo ato cultural relacionado a essa arte só faz sentido a partir do momento em que há significância para além dela mesma e impacta os próximos. Nesse mesmo instante, outra respondente reafirmou o significado dessa apresentação: “[...] outra emoção muito grande... nós fomos cantar no hospital Carlos Macieira, foi pouca gente né, não tinha muitos participantes. E as pessoas aplaudindo a gente pelo corredor, a gente causa uma emoção nas pessoas, é muito gostoso, é muito bom.” (E9).

Um relato peculiar, foi apresentado pelo entrevistado 2, em um momento impactante durante um dos ensaios do grupo:

[...] eu estava um dia meio triste e preferi não participar do ensaio...então eu vim pra essa sala...fiquei sentado e eles lá cantando...e quando eu escutei eles cantando e eu pude prestar atenção somente na música...eu me emocionei muito e eu fiquei com a imagem... nossa!...tão lindo e tão bonito e que coisa grandiosa que a gente ta fazendo...então unindo as duas coisas esse ensaio foi um ensaio que me marcou muito...foi o ensaio que eu percebi o quão grande era aquilo e quanto tava me fazendo muito bem...e que era muito bom fazer parte de tudo isso. (E3).

Ao citar que não estava em um dia bom e, por isso, resolveu ficar alocado em outro espaço, o entrevistado se deu conta de que o coral estava cantando e direcionou a sua atenção apenas para isso. Envolvido pela emoção da música, o entrevistado destaca como despertou a sua atenção para a beleza do que estava sendo criado naquele ambiente.

No discurso a seguir do entrevistado 3 percebe-se como o coral pode causar impacto em outras pessoas, até mesmo em quem nunca teve a oportunidade de assisti-lo.

[...] tem pessoas que nunca viram...que eu me lembro que uma vez a gente foi numa apresentação no interior quando eu cheguei lá teve um senhor que disse assim: eu pensei que ia morrer e não ia ver uma coisa dessa... então aquilo toca a gente...porque aquilo marcou ele....e como marcou outras pessoas [...]. (E3).

A partir desses discursos, verifica-se que os momentos impactantes são aqueles de surpresa, superação e emoção coletiva. Os sentimentos emergidos a partir da experiência coletiva do grupo do coral e dos *feedbacks* da audiência tornam imprescindíveis o reconhecimento positivo das artes, visto que a emoção despertada no público retorna aos emissores da canção, que se impactam de volta. Nesse sentido, a experiência cultural marca o ser humano sob diversos vieses, através de um senso maior e que envolve a todos singularmente.

7.2 Dimensão Coletiva: sobre os impactos sociais e culturais

A dimensão coletiva agrupa duas categorias fundamentais: impacto social e cultural. Tal dimensão são significados que resplandecem para além do ambiente individual; são interpretações que indicam como a ação do coral causa efeito em nível coletivo.

Sobre o conteúdo da categoria do impacto social, este é representado pelos sentimentos de inclusão, senso de pertença, desenvolvimento e alargamento de visão de mundo, e exemplos de impactos sociais indiretos. No que diz respeito à categoria impacto cultural, esta será tratada como a experiência do coral que permitiu uma aproximação entre os seus participantes, a cultura, o patrimônio local, a visão sobre a importância da cultura e a desvalorização do canto coral na sociedade.

Quadro 11 – Dimensão Coletiva

Dimensão Coletiva	
Categoria	Subcategorias
Impacto Social	Inclusão
	Senso de Pertencimento
	Visão Social
	Impactos indiretos
Impacto Cultural	Identidade e valorização
	Aproximação com o patrimônio local
	Visão Cultural
	Desvalorização do canto coral na sociedade

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

À medida que uma sociedade, grupo ou indivíduo tem elo com a cultura, a interação e a confluência da coletividade se tornam maiores. A importância social da cultura reflete

especialmente nas condições criadas para a participação do homem na vida coletiva. Ademais, permite o exercício da cidadania, pois não há como imaginar o processo de inclusão e pertencimento sem estar envolto por uma determinada cultura ou culturas. Por esse motivo, a experimentação da cultura em suas diversas vertentes fornece a possibilidade de inclusão, pertencimento e identidade dos concidadãos (BARROS, 2013).

Um dos papéis da cultura é o desenvolvimento não só intrínseco e humano, mas também o social. Dentre as discussões apresentadas, verifica-se que esse impacto social, causado por uma ação em cultura, é considerado como instrumental, visto que é utilizado para outro fim, como a inclusão social.

O coral, sendo um agente que tem esse intuito de transformação sociocultural, atinge diversas camadas pessoais e sociais. Com efeito, nesta seção são apresentadas diversas confirmações e reflexões acerca de como os projetos que estimulam esse contato artístico criam um ambiente singular e contribuem socialmente.

7.2.1 Impacto Social

A categoria impacto social, componente da dimensão coletiva, destaca a iniciativa cultural do coral como um meio de desenvolvimento social e coletivo. Tal categoria parte de conteúdos que emergem da noção de inclusão social, do sentido de pertencimento, da expansão de visão de mundo e dos impactos sociais indiretos. Para guiar o leitor, o Quadro 12 explica o que significa cada subcategoria do impacto social.

Quadro 12 – Conteúdo da categoria Impacto Social

Impacto Social	
Subcategoria	Conteúdo
Inclusão Social	Menções que refletem sobre sentimentos de acolhimento; o senso coletivo; e o ambiente familiar construído na atmosfera do coral
Sentido de Pertencimento	Sentimentos sobre o senso de pertença; sentir-se parte de um todo; orgulho por representar e fazer parte desse todo
Visão Social	Percepções acerca da expansão da visão; alargamento do conhecimento; a noção que o todo é maior do que a soma das partes.
Impactos Sociais Indiretos	Iniciativas dos integrantes do coral, fora do contexto do projeto.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

a) Inclusão Social

O impacto é esse...de renovação ...de eu me sentir igual as outras pessoas...eu sou a mais velha do coral de idade...mas como eu sou a mais velha...eu me sinto muito bem com os meninos...eu me sinto acolhido eu me sinto igual...sem querer ser aquela juvenzinha... eu sou uma pessoas de 64 anos mas que to participando de igual pra igual com todo mundo [...]. (E9).

[...] saber que eles são fortes o suficiente pra me sustentar...são leves o suficiente pra me amparar...são grandes o suficiente pra me fazer sentir acolhida...são unidos o suficiente pra fazer eu sentir que eu tenho um lugar. (E8).

Eu acho que dá muita oportunidade da gente trabalhar a autoestima, saber que a gente tem importância em grupo, que a gente não é invisível, porque no coral cada pequena coisinha faz diferença, e a gente pode pensar que não que a gente está no meio de uma multidão, a gente é só mais um, e muitos momentos eu me sinto assim, na faculdade por exemplo [...] e aqui é diferente, cada pessoa é única, cada pessoa é ouvida, as peculiaridades de cada pessoa são aceitas, são integradas, enfim acho que trabalha muito a auto -estima, dá muito essa noção de - eu sou importante também. [...]. (E1).

[...] aqui é um coral bem aberto e há muita gente que entra sem ter algum contato anterior...sem tocar nenhum instrumento ou cantar...então esse povo todo junto... sem se conhecer...seria difícil organizar essas pessoas principalmente pra um trabalho desse nível mas o que aconteceu... foi simplesmente fantástico...todos os componentes antigos do coral nos acolheram de uma forma incrível...nunca me senti tão acolhido tão bem recebido em um lugar...realmente [...]O coral...é a minha mãe adotiva ...foi a coisa que me pegou e me acolheu...(procurando palavras) seria aquele professor...aquela pessoa que acolhe a gente e dá um direcionamento...aquela pessoa que entra na tua vida e fala...olha beleza eu reconheço quem tu é...e eu vou te ajudar a ser quem tu é...ao tu alcançar as coisas que tu pode alcançar... ah não é nem isso (ah! gente é tão difícil explicar) mas é basicamente isso... é uma mãe adotiva...é um lugar que me acolheu e um lugar que me ajudou....a me transformar em quem eu sou de verdade...que me ajudou a me revelar a mim mesmo...a me conhecer mais...e não só isso me ajudou botar em prática coisas que eu gostaria de colocar mais...e me apoiou em tudo...é uma grande segunda casa...segundo lar [...]. (E2).

Nesta seção recebe destaque a relação profunda entre os dizeres dos entrevistados. Há algo unânime entre as citações, que é a sensação de acolhimento, de inclusão e o senso de troca e compartilhamento com o outro.

Eu acho incrível que tem gente que está há menos tempo, e as vezes consegue se desenvolver mais do que uma pessoa que está há mais tempo, mas não tem problema nenhum, ninguém se sente mal por isso. É um coral muito plural, porque tem gente que quer trabalhar com isso, e tem gente que faz isso por hobby. (E1).

O grupo coral é plural, o que faz com que as diferenças não sejam exaltadas. Pessoas de todas as idades, formações e credos estão ali com o intuito de cantar, bem como de preencherem-se afetivamente, por meio dos intercâmbios de conhecimentos, despertando tanto o olhar sobre si mesmo quanto a importância do sentido coletivo.

No primeiro relato do entrevistado (9) percebe-se a realização da entrevistada, que se sente acolhida. Mesmo com a diferença da idade, aquele ambiente a faz se sentir igual a todos os outros integrantes. Dessa forma, há uma quebra de barreira dentro dela mesma, pois a idade

não é o seu limitador. Na verdade, ela é importante também, dada a chance que é proporcionada pela troca de saberes. Nesse sentido, todos têm algo a aprender com o outro.

Já o segundo dizer destacado do entrevistado (8), tem outro viés, mas que se interconecta com a sensação de acolhimento, pois a entrevistada percebe a chance de enxergar a sua unicidade dentro do grupo. Nessa atmosfera do coral, as diferenças e as semelhanças parecem caminhar juntas, pois todos são considerados iguais e diferentes ao mesmo tempo. Essa sensação de acolhimento é enaltecida justamente quando as diferenças são respeitadas. O sentimento despertado nessa entrevistada, em específico, é que a sua particularidade enquanto ser humana é aceita. Além de ser um ambiente em que a entrevistada pode se expandir culturalmente, por meio de uma experiência coletiva, ela também tem a oportunidade de se expressar criativamente, de forma que se sinta integrada.

Um dos fatores que ajudam essa conexão com o outro no ambiente do coral é a estratégia de adoção de um novato. Todos os anos, com a entrada de novos participantes, um integrante antigo adota um novo, apoiando-o na sua ambiência à arte do coral e no apoio às dificuldades. Nos dizeres abaixo esse exercício é explicado:

Sobre receber o outro, uma coisa que lá que funciona muito, os antigos abraçam os novatos, eles adotam e ajudam, tipo eu não tinha noção de ler partitura [...] no coral eles tiveram paciência pra eu entender 100% o que era cada notinha ou o que significava cada notinha daquela, eles adotavam os novatos, isso que eu achava a diferença dos outros corais, e outros locais nunca fizeram isso comigo. (E10).

O relato acima está em consonância com o discurso da Entrevistada (9): “[...] outra coisa maravilhosa... se prestar ajudar o outro... sabe a chegar com uma pessoa nova. Que não sabe como é a partitura. Saber onde que canta... então essa coisa do ajudar. Do acolhimento... também me ensinou bastante.” Percebe-se que os antigos resgatam a lembrança do acolhimento por alguém e como essa ação foi essencial para o entendimento da partitura. Essa sensação de ter sido ajudado faz com que os participantes se sintam motivados a fazerem o mesmo com o próximo.

No relato do Entrevistado (2), percebe-se esta noção: “[...] e assim como eu fui completamente muito bem-recebido... e acolhido e ajudado no início... eu quero fazer isso conforme os anos passem... com as pessoas que forem entrando... [...]”.

Um sentimento muito grande...não era ninguém querendo desmerecer ninguém, não é só falar que era algo negativo, mas pelo contrário...era uma coisa positiva a gente sentia...e há todo mundo uma vontade imensa de ajudar e fazer com que o outro crescesse... isso foi uma coisa que também foi transformadora...e só esse primeiro impacto de quando eu cheguei na sala...naquele dia...já foi bem transformador [...] ..como eu já falei...a energia e as pessoas...as pessoas me ajudaram muito. (E2).

Despertado esse senso coletivo, essa energia que acolhe é explicada da seguinte maneira pela Entrevistada (7): “Porque ele é assim, ele é um coral que a pessoa chega não tem aquele estrelismo... a pessoa chega ele tem um aconchego... todo mundo apoia... eles tratam bem as pessoas quando entram [...]”. Com outras palavras, o Entrevistado (3) compartilha a seguinte opinião: “[...] a gente se sente bem... porque aí a gente se ajunta todo mundo, com aquela expectativa... e todo mundo se ajuda... fulano chega tal hora... vamos fazer isso... então isso marca a gente.”

Os discursos que estão corridos representam como a colaboração é inerente a todo o trabalho grupal. Reitera-se a necessidade de reconhecer e ajudar o outro, ação que faz parte de uma união saudável e que reflete no conjunto final. Quando há a culminância e as apresentações em público, o grupo consegue transparecer essa conexão.

Decerto, esse ambiente de apoio é basilar para uns e outros crescerem em consonância. Conforme esse laço é estreitado, enxerga-se um ambiente acolhedor e familiar. Nessa conjuntura, criam-se laços significantes na vida dos coralistas, permitindo a criação de uma afinidade. Nos discursos abaixo podem ser conferidas essas sensações particulares.

A gente tem aquele laço familiar, todo mundo se respeita, por incrível que pareça, quando eu falo isso as pessoas de fora não acreditam, porque sempre tem problemas debaixo dos bastidores e aqui eu nunca presenciei, acho que essa marca afetiva, acho que isso traz, aquele respeito todo, da gente, se alguém tá com dificuldade, a gente entende a dificuldade do outro, a gente respeita. (E5).

[...] Porque a família coral é como se fosse uma família mesmo...então quando falta alguém a gente já fica, porque que fulano não veio...então a gente se preocupa com nossos componentes com nossos colegas. É outra coisa que a gente se envolve, se sente outra pessoa, talvez assim a gente se sente privilegiado, nesse sentido, de fazer parte dessa família coral [...]. (E3).

A demonstração dessa inclusão faz com que o ambiente crie um laço familiar. O estreitamento das relações é algo quase que natural, pois ainda há a peculiaridade do coral ser um grupo. Nesse caso, o “eu” não deve sobrepor o “nós”. A forma que funciona no momento dos espetáculos e a engrenagem utilizada para a organização do coral refletem em seus relacionamentos antes e depois do evento, pois, para que o coral consiga ser um grupo coeso, é essencial que se crie um ambiente onde as pessoas se sintam inseridas.

O depoimento do Entrevistado (2) reitera uma das funções sociais do coral, que favorece a superação de várias barreiras pessoais: “Eu tenho problemas pessoais e o coral sempre foi uma coisa que me acolheu... e me ajudou muito a superar tudo isso... talvez eu não estivesse mais nem aqui... se não fosse o coral... se não fosse pela prática... não só pela prática... ou pelas músicas... vai muito além disso.”

[...] É um ambiente bom em que a gente não tem muito aquilo de ambiente de competição [...] frequentemente eu lido com sentimentos de insuficiência, de não está fazendo as coisas direito, e aqui mesmo que eu não esteja fazendo perfeito, eu sei que eu posso ir no meu tempo, não tem pressa nenhuma, que tá tudo bem.[...] Deixa seguir o fluxo assim de cada um... não tem aquela corrida contra o tempo, sabe... não tô aqui para competir com ninguém, para atingir algum alvo... sei lá ganhar alguma coisa com isso. (E1).

Observa-se algo sobre a característica do ambiente e do grupo coral citados pelos respondentes. No primeiro relato, verifica-se como o projeto coral é um meio em que não há competições, é algo que permite com que o participante se sinta à vontade, sem pressões para atingir algum fim. Percebe-se que o encontro de uma diversidade de pessoas, com experiências, idades e origens diferentes, é harmonioso. Outra característica informada é o respeito pelo tempo do outro: cada um, dentro da sua possibilidade, desenvolve o seu potencial. Assim, a pluralidade é algo inerente ao coral e que permite o engrandecimento dessa experiência em cultura.

No relato seguinte, do mesmo entrevistado, percebe-se que o respondente sente pressão em outras áreas da sua vida, mas, com a experiência do coral, é possível encontrar a leveza, sem uma pressão contra o tempo, para ser o melhor, ou apenas para ter a possibilidade de sorrir e de ser a própria pessoa, sem preocupações.

A inclusão no ambiente do coral se estrutura em três pontos: a sensação de acolhimento, o compartilhamento e o senso coletivo. Logo, cria-se uma atmosfera familiar entre os participantes

b) Senso de Pertencimento

[...] e eu fiquei super feliz na época (meu deus! Vou fazer parte de um coral) eu fiquei muito emocionada, digamos assim! (E1).

Nós temos a sala de ensaio e o teatro, que acontece essas apresentações especiais...e nesse primeiro dia que eu cheguei a gente foi ao teatro.... e eu cheguei lá...nossa um piano...tá sendo parte daquilo... e aí eu toquei e fez uma diferença tão grande [...]. (E2).

[...] acho que as pessoas que veem o coral, ela tem sede de fazer parte, todo mundo quer fazer parte de alguma coisa, e o coral te dá o bônus de fazer parte, é uma sensação de pertencimento e de utilidade, você tá fazendo alguma coisa acontecer. (E8).

Fazer parte da Universidade Federal, eu acho um certo diferencial e levo aquele orgulho...nossa faço parte do coral universitário.... Acho que sim até porque é voluntário, não temos proventos através desse meio, a gente faz por prazer mesmo...tá representando a universidade, tá representado, assim eu sinto representar o Maranhão. (E5).

Esses trechos, além de demonstrarem os sentimentos que apetezem à experiência do coral, apresentam o sentido de pertencimento. Nota-se no primeiro discurso a aparente

felicidade da respondente ao saber que irá fazer parte do grupo coral. A sensação de pertença foi despertada de modo que a ideia de participar a emociona. Há outra singela exemplificação quando o Entrevistado (2) vê o piano nas instalações do Palacete. Ao tocar o instrumento, ele demonstra o entusiasmo em fazer parte do coral.

Até esse ponto, os dizeres explicam sensações singulares. Todavia, percebe-se que no âmbito dos sentimentos há um significado mais profundo: a experiência conjunta com todos os simbolismos da experiência artística, pela qual emana a sensação de pertença. Nessa conjuntura, explica-se como acontece a conexão com os outros, pela qual também é possível reconhecer a sua própria identidade. Nesse viés, “[...] pertencer significa partilhar características, vivências e experiências com outros membros das comunidades de pertencimento, desenvolvendo sentimento de pertença [...]” (CASTRO, 2015, p. 39).

c) Visão Social

[...] a gente tem uma outra visão das coisas, todo um mundo se abre, e é muito bom ter contato com essas pessoas que a gente não teria normalmente. (E1).

Sim, conhecendo novas pessoas novas realidades, novos mundos internos e externos. A minha visão se expandiu de uma forma que é difícil explicar...porque assim eu me considerava uma pessoa com uma mente bem aberta porque eu gostava de pesquisar...sobre essas coisas...sempre gostava de estar inteirado nos assuntos...mas ficava em uma coisa teórica...porque as vezes eu não conhecia gente que era de determinada realidade...e aqui há exatamente todo tipo de pessoa...eu por exemplo que tenho uma condição de vida bem baixa...e há gente aqui que tem muito dinheiro...então há todo os tipos de pessoas de todas as áreas, me fazendo conhecer esses diferentes mundos[...]A gente só sabe quando vai conhecer as pessoas a fundo..., mas aqui a gente não tem nenhuma separação...isso realmente...me colocando nessa outra visão me colocando nessa outra realidade...fez que eu expandisse meus conceitos e hoje a minha consciência diante disso...é completamente diferente diante do coral [...]. (E2).

Acho que principalmente foi a noção de todo, a visão social, porque por exemplo eu posso pensar em várias coisas, como o coral, eu posso pensar o coral como uma casa, cada voz tem um lugar, cada discurso tem um lugar, um país é como um coral, o coral se for regido bem ele vai bem, se for mal. Mas também cada corista é responsável por esse som...acho que as pessoas que não tem essa noção de trabalho...cooperativo...elas pensam que mudando um nome...elas vão mudar tudo...mas a responsabilidade é de cada voz e de cada indivíduo [...] nós precisamos de um bom regente...isso é um exemplo do que o canto coral fez comigo...ver as coisas na totalidade. (E8).

Este espaço reflete sobre como o ambiente do coral permite uma abertura para novos mundos. Nesse ambiente de trocas, com pessoas de características diversas, surge a oportunidade de conhecer novos pontos de vista, novos valores, novos seres culturais. As artes, por si sós, como já foi discutido, representam um mergulho em outras culturas, em sensações, em conhecimentos. Por meio desse projeto em cultura, entra-se em contato empiricamente com diversas singularidades humana. É claro que a necessidade de trabalho conjunto de uma

maneira, incute que ao apresentar as vossas artes, em formato musical, requer uma noção não só de arte, mas de processar e confluir o ato compartilhar, e parece que outro ganho disto é perceber como ao entrar em contato com uma outra realidade conjuntural, apetece o seu senso de totalidade. De forma que a experiência em um projeto cultural como o coral, onde não há uma separação de pessoas, mas há uma fluidez entre o grupo, contribui com outros ganhos além dos artísticos.

[...] porque a gente ta em um ambiente inspirador e faz com que a gente se inspire...então aqui eu conheci novas histórias novas vidas novas formas de pensar...a minha própria rotina mudou diante da prática...isso faz com que a gente tenha inspirações diferentes...e consequentemente fiquei mais envolvido por conta disso. [...]ta em um conjunto ta ensaiando com uma serie de pessoas que estão interessadas naquilo...é uma energia muito boa [...]. (E2).

Dessa forma, o ambiente do Coral, é criado por essa conexão de pessoas, logo é um ambiente que se possibilita aprender sobre um pouco de outros universos, e nesse encontro surgem inspirações que de outra forma poderia não ser possível. A particularidade de ser um conjunto propicia essa troca, e como relatado pelo entrevistado (E2), a atmosfera do coral é movido por essa energia que os fazem aprender uns com os outros. Como diz, o mesmo entrevistado, “[...] são essas pequenas pecinhas que somos nós coralistas, que em conjunto faça com que tudo isso seja muito grande.” (E2)

A noção do todo pode ser vista, dentro da própria engrenagem do coral, onde todos possuem um papel, onde cada um existe o momento de cantar ou de ficar calado, onde todos devem trabalhar em prol do outro, para terem êxito no seu trabalho final. A Entrevistada (8) inclusive, usa este momento para citar sobre a situação política do país, pois ao perceber como funciona o próprio coral, a fez notar que as vozes de todos os âmbitos da sociedade estão desalinhadas, todos estão gritando mas ninguém está enxergando a realidade como ela é, culpabilizando o outro sem nenhuma noção de grupo ou sobre como pessoas despreparadas estão sendo o regente do nosso país. Neste contexto, infere-se sobre como a experiencia grupal permitida pelo coral exercita também a visão de cidadania dos integrantes.

Diante o contexto da pesquisa, a experiencia com o canto coral, é informado pelos interlocutores, como um mecanismo, que provoca o alargamento dos conteúdos internos. Dessa forma, os indivíduos possuem novas óticas, possibilitando novas interpretações, por conseguinte, novos moldes e perspectivas sobre si e o mundo.

d) Impactos Sociais Indiretos

Nesta seção é possível verificar os impactos sociais para além do âmbito coral. As ações do coral incentivam os seus participantes a criarem ações em ambientes externos, ou, de alguma forma, o coral é elemento propulsor para tais iniciativas dos coralistas. No primeiro exemplo, pode ser destacado o relato de um dos entrevistados, que iniciou um projeto no interior do Maranhão, utilizando seus conhecimentos aprendidos no coral, local onde há pouco acesso ou praticamente nenhum acesso às atividades culturais. Essa entrevistada deu início a um projeto voluntário especialmente voltado às crianças da região. Nota-se que o envolvimento com o grupo coral ressoa em outros setores comunitários, já que a participante teve a iniciativa de elaborar projetos beneficentes.

A mesma respondente esclarece que o projeto no interior do Maranhão foi um sonho realizado, pois, a partir do envolvimento com o coral, pôde utilizar a música como instrumento em vários aspectos, tanto pessoais quanto profissionais. As suas estratégias como formada em Pedagogia deixam evidente que, ao utilizar a música, as crianças desenvolvem muito mais rápido, sobretudo quando estão começando a alfabetização. Ao utilizar repertórios que mesclam educação e música, a entrevistada cita que esse estímulo favorece o aprendizado do canto. Uma das suas estratégias para captar a atenção dos participantes é a utilização de um repertório diversificado, desde músicas religiosas até músicas populares, de modo que elas se adaptem. Nas suas palavras, “o coral me incentivou isso aí, porque se eu não participasse do coral... eu não tinha esse conhecimento para repassar pra eles... eles só não cantam com partitura pois são crianças e eles não sabem ainda mesmo... mas eu já falo pra eles... olha essa é a nota tal” (E7).

7.2.2 Impacto Cultural

Na categoria impacto cultural, componente da dimensão coletiva, recebe destaque os aspectos que refletem a mudança de visão cultural dos indivíduos a partir do ingresso no projeto coral, indicando resultados como a aproximação com a cultura local e a valorização da comunidade São Luís. Entre outros conteúdos que destacam o significado da importância do investimento em cultura, com relatos que tratam das visões errôneas e preconcebidas sobre a arte do canto coral na sociedade. Dessa maneira, no quadro 13, destacam-se as categorias e os seus respectivos significados.

Quadro 13 – Impacto Cultural

Impacto Cultural	
Subcategoria	Conteúdo
Identidade e Valorização	Menções que refletem sobre a aproximação com a cultura local; especialmente no mundo musical
Aproximação com o patrimônio local	O despertar e orgulho do espaço considerado Patrimônio Cultural
Sobre incentivar a cultura	Percepções acerca da importância da cultura na sociedade; o valor da extensão para a comunidade; a importância do incentivo da arte
Outras percepções	A desvalorização do canto coral na sociedade; como melhorar essa visão;

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

a) Identidade e Valorização

É me deixou mais inspirada...acho que também eu aprendi a valorizar mais o que é daqui, que tem coisas que estão tão próximas da gente, tipo as músicas, bumba-meu - boi tem canções lindíssimas, Sim é uma coisa que pega lá no fundo, eu acho que é uma coisa que me ajudou a valorizar mais o que é daqui...as coisas que a gente faz e a valorizar mais o trabalho das pessoas [...]. (E1).

Fez diferença por eu conhecer novas coisas que eu não conhecia...músicas maranhenses, músicas nordestinas...influência dos outros alunos...traziam alguma coisa diferente...de algo que eu não conhecia mas nesse quesito de ser eclético e não ter um preconceito musical foi desenvolvimento da minha vida mesmo que... [...] e as músicas nordestinas são muito boas...são muito maravilhosas...porque é uma roupagem nova...e aquelas músicas que a gente escutou a vida inteira...e tem como referência...de repente a gente ta cantando ela de um jeito completamente diferente... elas ganham um tom diferente... não que seja mais do que as outras.... mas é algo muito bonito. (E2).

Os relatos acima explicam como o contato com o coral, a partir da música, trouxe uma aproximação com a cultura local. Os integrantes passam a apreciar canções que não estavam em seu repertório musical e se expandem musicalmente, bem como o conhecimento sobre o mundo e sobre a sua própria identidade. Segundo Barbosa (2004), não se pode conhecer um país sem conhecer a sua arte. Nesse sentido, resgatar as identidades culturais “é um elemento vital para a autopreservação de uma comunidade, e a memória cultural de uma região deve ser mantida como referência de identidade para os grupos sociais do amanhã.” (SOBOLL, p.3, 2012)”. Portanto, à medida que os integrantes do coral têm acesso às músicas que destacam a identidade local, eles se aproximam e sentem mais orgulho do que é produzido localmente. Ao saber apreciar e enxergar a beleza de manifestações e canções, aprendem a ter um senso de valorização.

O conceito de cultura de uma forma universal, traduz as criações e propagações da criatividade humana, em um eterno fluxo entre o material e o imaterial. Nesse sentido, cada ser humano coleciona experiências que corroboram na sua formação enquanto ser, formando alicerces da sua identidade. Com a relação em grupos, dar-se-á outras possibilidades nas quais cada um se recria culturalmente (MIRANDA, 2010). Nessa linha de pensamento, a arte permite possibilidades de experienciar culturas diversas, independentemente de sua forma de expressão, tornando concreta a criatividade humana.

b) Aproximação com o patrimônio local

[...] Despertou, pela visão de apreciar um azulejo que tenha...e fica ali apreciando...acho que o coral trouxe isso [...]. (E6).

Eu acho que o fato de ser aqui e tanto o outro lugar antes daqui, no reviver, acordou muito meu olhar, sabe de ta integrada, de ta dentro de um espaço que é antigo, esses prédios que as pessoas passam, ficam encantadas, por ser um prédio antigo e tal...e eu fico poxa! Eu ensaio lá toda semana [...]. (E1).

[...] faz muita diferença estar em um ambiente que a gente considere inspirador...esse é um ambiente que eu considero muito inspirador...embora na sala do coral não tenha muita coisa que se diferencia de outras salas....mas o palacete em si é um lugar muito inspirador... a gente tem toda essa área além do teatro...só da gente chegar aqui no centro e ver todos esses casarões ...toda essa história....é uma coisa muito rica....muito preciosa...realmente. (E2).

Outros relatos podem ser vistos ao considerar o sentido de valorização do próprio patrimônio local. Nesta seção é possível observar a aproximação que o canto coral permite à cultura local universal, tendo em vista os cantos eruditos e outras canções consagradas no canto coletivo. Ademais, permite uma relação estreita com a própria comunidade de São Luís. Como foi visto anteriormente, o Palacete Gentil Braga, edificação tombada pelo IPHAN, é o ambiente onde são realizados os ensaios e que funciona o setor cultural da Universidade. Acerca da sua presença em um ambiente cultural e inspirador, a entrevistada 9 explica o orgulho de fazer parte desse espaço: “Você se sente... uma pessoa participando... frequentando um lugar desse. É um lugar de arte, é um lugar de canto”.

c) Sobre incentivar a cultura

[...] Eu acho a extensão muito bonita, atingem uma parcela da população que normalmente não atinge. (E1).

Eu acho que deveria ser mais investido, acho que a direção da UFMA que deveriam investir mais, Sempre tem algo que limita ... entre oferta e demanda. (E5).

O que eu acho que deveria ser feito? As escolas da mais oportunidade, nesse meio artístico, também promover mais projetos sociais, ser mais divulgado...pra esse meio de incentivar e mostrar o verdadeiro sentido da coisa...É muito fácil tu ouvir uma música e dizer gosto ou não gosto, agora sentir a música... Aprender a sentir é um outro processo muito longo. Tudo isso depende do esforço e do incentivo para as pessoas...acho que deveria ter mais incentivo. (E5).

No canto coral eu amo essas músicas...e a gente vai conhecendo pessoas...compositores que você nunca ouviu falar...porque você não era do meio...então se expandisse o mundo para as pessoas...conhecerem...ir num domingo de tarde...numa praça...ir no canto coral[...] a gente vê como o povo é carente disso, cada apresentação que a gente via...que eu observo as pessoas que vão assistir...o tipo de pessoas que vão assistir. Se você tá na praça...a carência que as pessoas têm da cultura do conhecimento. (E9).

[...] É muito fácil tu ouvir uma música e dizer gosto ou não gosto, agora sentir a música... Aprender a sentir é um outro processo muito longo. Tudo isso depende do esforço e do incentivo para as pessoas...acho que deveria ter mais incentivo[...]. (E5).

Até este ponto do trabalho foi demonstrado o quanto a arte do coral permite diversos benefícios aos participantes. Os coralistas ressaltam pelos seus discursos o papel da arte em suas vidas, o que demonstra o grau da significância do investimento e incentivo na experiência em cultura. Nas palavras de Coli (1995, p. 129), “[...] em nossa sociedade, têm consciência do papel fundamental desempenhado pela arte no seio da cultura, são forçosamente obrigadas a colocar o problema do acesso à obra. É necessário exigir os meios da frequência.” Para o autor, é apontada a questão do acesso à obra. Nesse caso, expande-se a sua colocação para a experiência em si, que não é só o usufruto de alguma obra artística, mas das diversas formas de acesso das expressões artísticas. Esse acesso não é somente como apreciador, mas como participante ou apreendedor.

A Entrevistada (1) resalta a importância desses incentivos para a sociedade, especialmente pela extensão dos projetos comunitários: “[...] sabe quanto que eu poderia pagar uma hora aula se não fosse por esses projetos, eu acho que realmente a extensão é muito pouco valorizada [...]”. Outra percepção dada pela Entrevistada (9) é que participar da vida cultural local, como coralista, levou-a a perceber como as pessoas sentem necessidade de ver e de assistir um concerto. Por isso, levar ao público o conhecimento de que o coral existe, mesmo que seja uma pequena porção desse todo, favorece a crença de um traço diferenciador não só na vida dos participantes, mas do público, ao lançar novos despertamentos em torno de uma fruição artística e musical.

Nesse ponto, há uma questão a ser colocada acerca dos investimentos na área cultural. De acordo com Holden (2008, p. 32, tradução nossa)¹⁴, “[...] democracia cultural não implica a arte como plebiscito [...] pelo contrário, implica uma relação madura onde o público reconhece, respeita e se beneficia da expertise da arte, e ao mesmo tempo estão cientes dos seus perigos [...]”. Assim, não se pretende incutir a ideia de que todos devem ter acesso ou devem aprender alguma arte, mas que a opção do despertar cultural deveria ser uma possibilidade em todos os vértices sociais.

Outro sentido é que a razão da ampliação desse livre fruir cultural não deve ser apenas pela emoção que a arte proporciona, ou pela inclusão social, mas pelo reconhecimento das suas potencialidades como um todo. Para Porto (2010), só há valorização quando se tem conhecimento, e talvez reconhecer os impactos da arte seja um início, bem como a promulgação da cultura em todas as suas vertentes.

d) Outras percepções: a desvalorização do canto coral

[...] Por eles não saberem o que significa o coral, tem gente que meio que se frustra, chama a música lírica, ou música de morto [...] porque por exemplo algumas músicas despertam muitos sentimentos que tu não quer lidar, por exemplo tu ouve uma lacrimosa do Mozart, tem gente que fica dizendo que é uma música de morto, realmente né...mas assim hoje eu escuto e aquilo me dá alegria sabe...mas antigamente eu poderia escutar aquilo e não conseguiria lidar...não iria querer escutar...então esse e um exemplo, eu acho que tem muitas músicas sentimentais e mexe com sentimentos que as pessoas não querem lidar com isso... como exemplo essa coisa da música de morto, que remete a algo triste e as pessoas não querem escutar. (E1).

[...] **Talvez muita gente ainda tem aquela ideia de que determinada música é pra determinada classe social**, e não se vê escutando aquilo, por exemplo, eu moro na vila Luizão que é um bairro de periferia, e as pessoas não escutam música sacra, por exemplo, elas tem um estilo de música assim característico, se eu fosse fazer uma pesquisa eu poderia encontrar alguns tipos de musicais que são mais escutados, então não tem, e a questão do pré-conceito de não conhecer a coisa e já ter aquela ideia, essa é música de morto, é uma coisa que eu escutei desde criancinha, essa música lírica ou sacra e as pessoas não querem ouvir, (e dizem Ah tira isso, essa música de morto). (E1).

[...] Até lembrei de uma história, que não é minha, é de outra pessoa do coral não sei onde ele mora mas é um bairro como o meu periférico, e ai ele passava com o teclado, e ele tocava o teclado em casa, e as pessoas ao redor os vizinhos, criticavam ele, e tipo (ah essa pessoa, daqui da periferia e ta tocando música clássica, ele ta querendo se mostrar) tem essa coisa quando tu gosta de algo diferente pensam que tu ta querendo ser. (E1).

[...] Eu acho que todo mundo em algum momento devia ter contato com o coral, acho que seria essencial pra muita coisa, primeiro pra quebra de preconceitos de que o coral é música pra velho, que só canta música de igreja, música de morto. (E7).

¹⁴ [...] Cultural democracy does not imply art by plebiscite [...] On the contrary, it implies a mature relationship where the public recognizes, respects and benefits from expertise, while simultaneously being alive to its dangers and able to question its credentials (HOLDEN, 2008, p. 32).

Como pode ser visto, ainda há uma série de concepções errôneas retratadas pelos próprios participantes sobre o que significa essa modalidade artística. A canção adaptada ao coral deve tomar uma particularidade, uma nova forma em relação às canções originais, pois o estilo característico do canto, ao unir diferentes vozes e tonalidades, é trazer uma perspectiva diferente para as canções.

Sob o desconhecimento de como funciona, segundo os participantes, há uma idealização sobre o que significa coral e que impede a apreciação de algumas pessoas. Em seus relatos, há geralmente uma associação das canções do canto coral com as músicas de louvor, líricas, ou ainda “música de morto”. Vale ressaltar que não é objetivo deste trabalho tratar sobre isso profundamente, mas esse aspecto tem sua relevância, visto que o impacto do coral no público externo tem uma relação direta com a conexão dessa musicalidade. Nesse âmbito, o canto coral UFMA tem uma característica estratégica, que é unir a versatilidade musical, incluindo, além das canções clássicas, como as natalinas e eruditas, músicas populares com uma nova roupagem.

Há um outro viés a ser destacado, que é a abertura musical aflorada por essa experiência. Abrir-se musicalmente é conhecer realidades culturais diversas e, por isso, estar na experiência do coral é sair da zona de conforto, ou do que se está habituado a ouvir para caminhar em novos rumos sonoros. Sobre essa perspectiva, o discurso a seguir ressalta:

Eu digo sempre nosso coral canta tudo...abertura musical vem e você perde preconceitos...você se abre pra outros estilos e ritmos [...] e a gente passa a gostar...as vezes é uma música que a gente não gostava e dizia assim (ah! Essa música é enjoada, aí quando canta no coral, aí pronto começa a se apaixonar pela música) [...] começa ver de outras formas a música[...] o coral ele amplia as coisas pra gente. (E7).

Outro relato que corrobora acerca da perda dos preconceitos quaisquer, corresponde ao fato de a entrevistada não conhecer o tambor de mina e crioula e, por isso, essas manifestações não a interessavam: “transformei a minha visão quando vi uma apresentação sobre os tambores e ali era como se tivesse feito uma lavagem cerebral, tirou todo meu preconceito” e conclui “antes de julgar, conheça e estude”. Dewey¹⁵ (1958, p. 4) traz uma alusão sobre o sentido de apreciação:

É bem possível desfrutar de flores em sua forma colorida e fragrância delicada sem saber nada sobre plantas teoricamente. Mas se alguém se propõe a entender o florescimento das plantas, ele está empenhado em descobrir algo sobre as interações do solo, ar, água e luz solar que condicionam o crescimento de plantas.

¹⁵ “It is quite possible to enjoy flowers in their colored form and delicate fragrance without knowing anything about plants theoretically. But if one sets out to understand the flowering of plants, he is committed to finding out something about the interactions of soil, air, water and sunlight that condition the growth of plants”.

Por isso, verifica-se que há várias questões a serem colocadas acerca da desvalorização sobre o que significa a arte coral, ou, até mesmo, sobre o seu ganho social, pois ainda há uma errônea concepção do que o coral representa como um todo. O incentivo aos investimentos ou a outras iniciativas de canto coral podem trazer algumas dessas perspectivas, pois vê-se que, nos discursos dos entrevistados, a audiência tende a apreciar aquilo que, culturalmente, é apresentado pelos corais.

7.3 Conexões entre a dimensão individual e coletiva

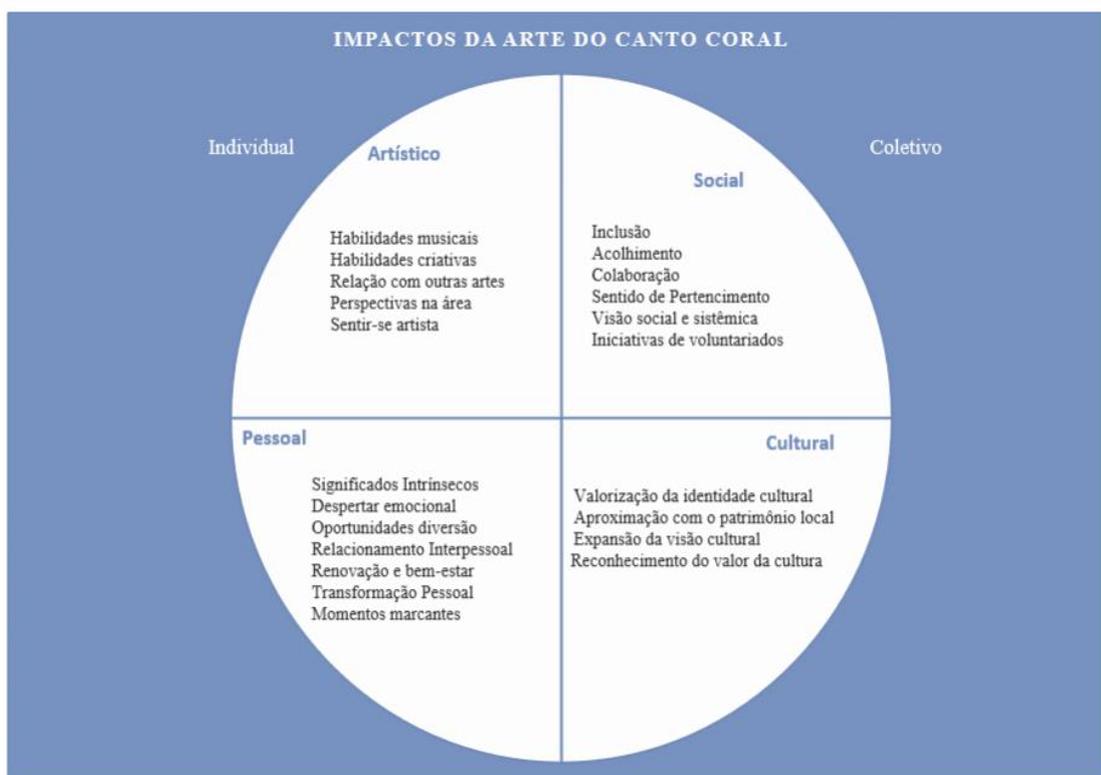
Teve impacto musical, pessoal, interpessoal, teve impacto social, tanto na questão de consciência quanto na questão de me portar...teve um impacto no desenvolvimento, como eu te falei ainda agora no sentido prático...pegando no sentido de independência, inclusive de independência financeira... O coral fez com que portas se abrissem pra mim...e que eu estivesse preparado a aceitar em entrar em determinadas oportunidades...e por conta de isso ter uma independência maior na minha vida. (E2).

Para corroborar com estes dizeres, Miranda (2010) explica que na modernidade, a cultura assume diversos papéis, entre eles a de tornar pessoas cada vez mais conscientes sobre si mesmas e sobre o mundo. Outro pensamento do autor, que servirá para a conexão com os relatos que serão discorridos, é a ideia de que a arte é instrumento que une as pessoas. Durante as entrevistas, é possível notar que para além o sentido de bem-estar, a busca por instantes de alegria, felicidades, ou breves momentos no dia dos participantes ressoa nas suas vidas de uma forma singular. Pôde ser percebido, que existe um grau diferente entre os respondentes, mas são movidos por uma convivência que inspira.

A medida que os integrantes do coral interagem com novas vidas, com novas histórias, e novos mundos, eles possuem a chance de trabalharem o lado subjetivo de vossa humanidade. Os efeitos interacionais de culturas singulares se conectam, trazendo novos sentidos, a partir das confluências desses universos individuais. Há o encontro com o diferente, com situações desafiantes, que os estimulam a sair da sua zona de costume para descobrir suas capacidades. Desse modo, a iniciativa do coral intervém na vida de cada um de maneira particular, e os ensinam emocionalmente(intrínseco) e coletivamente a se reinventarem. Nesse sentido, a citação seguinte vem ao encontro dessas proposições “[...] nós somos todos ‘estranhos’ para os outros, portanto, é somente através do diálogo com o outro, na frente de uma plateia (real ou imaginária), que podemos nos conhecer.” (FONTELES *et al*, 2009, p. 97-98).

No quadro a seguir, ilustra-se de forma sintética os principais impactos da experiência do canto coral. Como poderá ser visto, além da apresentação das categorias abordadas, inseriu-se informações que estão destrinchadas nos dizeres dos interlocutores no decorrer do texto, ratificando o objetivo da categoria a qual foi elencada.

Quadro 14 – Resultados dos impactos individual e coletivos do Coral UFMA



Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Dessa forma, os resultados estão interconectados, do âmbito individual ao coletivo, apresenta-se sobre como cada indivíduo possui uma identidade a qual baseia a sua posição no mundo, pois cada cultura individual carrega suas crenças, valores e sonhos, ao mesmo tempo que interage com o mundo ao redor. Para a sua afirmação ser procedida, busca-se na relação com o outro uma forma de confluir e desenvolver-se culturalmente. Logo, a sua independência se concretiza à medida que se dá conta de seus interesses e encontra no ambiente coletivo, uma forma de afirmar os seus sentidos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida sem recursos criativos como a arte, sem articulações com o passado, presente e futuro permaneceria vazia e imóvel. Sem as experimentações de equipamentos culturais, como museus, teatros, cinemas ou mesmo a experiência pessoal com música, literatura, pinturas, não se estimularia confluências entre as diversas culturas.

Relembra-se que cultura não é somente arte. Todavia, a arte é o coração da cultura. Logo, os homens, enquanto seres racionais, procuram dar sentido às suas vidas à medida que convivem em sociedade e se distanciam dos animais por serem seres pensantes. A cultura diferencia os homens dos demais seres vivos do planeta, mas a natureza lembra que todos são seres orgânicos e que, como todos os outros seres, estão aqui de passagem.

A cultura e a natureza trazem à tona o caos, os desafios e mistérios, para que cada um dê sentido às suas vidas. Nesse ponto, a arte entra em contexto seja para distrair ou para refletir, pois ela pode acompanhar o homem em sua vida. Pesquisar mecanismos para emergir os seus impactos é adentrar em âmbitos subjetivos, porém universais, já que em todas as sociedades há problemas particulares, mas também comuns, que podem aproximá-los mesmo com suas diferenças.

A problematização do presente estudo emergiu da discussão acerca do valor da cultura no século XXI e da importância de se construir novas técnicas de mensuração no campo cultural, as quais consigam identificar os principais impactos da experiência com a arte. Portanto, para compreender o fenômeno pesquisado, o **primeiro objetivo específico** destinava-se a conhecer as diversas abordagens sobre cultura, o seu universo indefinível, a significância da arte como principal canal de comunicação e, também, as discussões contemporâneas sobre o tópico.

A partir de todos esses entendimentos, é preciso entender o que atrai as pessoas a terem experiências culturais, como despertar esse desejo, e como criar envolvimento com os indivíduos participantes. Dessa forma, o **segundo objetivo específico** teve o intuito de apresentar discussões sobre a política cultural e contextualizá-la, pois, esse é um processo essencial na construção dos mecanismos de acesso, criação e difusão da cultura. Além disso, relatou-se a relação da universidade com o campo cultural, sob o canal da extensão e, mesmo que ainda seja ínfima essa discussão, denota-se o mérito das instituições em disseminar ações culturais para a sociedade, cumprindo seu papel social por meio da capacidade de realizar impactos. Revela-se, portanto, a importância de refletir sobre o cenário da extensão e o

reconhecimento das universidades como instituições indispensáveis à formação das políticas culturais.

O **terceiro objetivo específico** expôs a temática da avaliação dos projetos artístico-culturais, detalhando os seus atributos e modelos de impactos, os quais serviram de base para a construção de indicadores qualitativos da pesquisa. A partir de um suporte de indicadores, reflexos de experiências empíricas, do modelo de Guetzkow (2002) intitulado “Mecanismo dos Impactos da Arte”, deu-se início ao desenvolvimento de um mapa metodológico. Ademais, apresentou-se também reflexões que contribuem para um novo olhar sobre o processo avaliativo do campo referido, reconhecendo o valor da cultura. Nesse bojo, a criação das dimensões de análise da pesquisa se baseou em duas dimensões específicas: individual e coletiva. Contudo, com base em Holden (2006), incluiu-se mais uma dimensão, a institucional.

Não se quer dizer que a arte e a cultura são a resolução de todos os problemas do mundo, mas acredita-se que o seu estímulo deve ser propagado para um ambiente mais saudável no planeta. As pessoas sentem a necessidade de se conectar com algo, de se sentir parte, e a arte tem essa capacidade de preenchimento, como um meio de ter algum lugar no mundo. Além de ser um recurso criativo no âmbito pessoal, seus efeitos ressoam em níveis sociais e econômicos.

Sabe-se que medir a cultura é uma questão que transpõe o próprio sentido da avaliação, pois, para além de informações estatísticas relacionadas ao arcabouço informacional da cultura, é necessário entender não apenas quantas pessoas assistiram àquela peça, ou a quantidade de pessoas atraídas como audiência, mas sim o grau de êxito da iniciativa.

Para responder ao objetivo geral preconizado acerca dos impactos em nível individual e coletivo, tomou-se como experiência o projeto Coral da UFMA, cuja amostra é composta pelo seu público participante. Durante o desenvolvimento desta pesquisa, a experiência como pesquisadora foi desafiadora, mas engrandecedora. Conhecer as histórias dos participantes e sentir de perto a atmosfera dos ensaios e apresentações ao público foi fundamental para a escolha do referido projeto. Dentre tantas linguagens artísticas, o coral apresenta-se como uma modalidade que desenvolve o indivíduo e o coletivo sob diversos aspectos.

Dentre os principais resultados está a conexão do indivíduo consigo mesmo por meio da arte, refletindo sobre diversos aspectos da sua vida. Sob influência dela, relaciona-se com o próximo. Por tal experimentação artística, houve a oportunidade de uma reconstrução pessoal e, até mesmo, uma nova identidade. Nesse espectro, os integrantes desenvolvem tanto a sua habilidade artística quanto criativa, estabelecendo mais autoestima e confiança em suas vidas.

No âmbito coletivo, os resultados obtidos correspondem ao âmbito social e cultural. Desse modo, além dos quesitos citados em torno do melhoramento no “eu” dos participantes, houve uma mudança significativa no “nós”. Os integrantes afirmam que se sentiram acolhidos, pois o ambiente permite a inclusão social e um senso de pertencimento a quem se integra. No que tange ao aspecto cultural, as interpretações apontam para a aproximação dos coralistas com a cultura local e universal, criando um senso de valorização da sua identidade e de contemplação de artes diferentes do seu repertório.

Desse modo, a iniciativa do coral intervém na vida de cada um de maneira particular, ensinando-os emocionalmente (intrínseco) e coletivamente a se reinventarem. Após a vasta profundidade das entrevistas, seguida das interpretações e das conexões literárias, o presente estudo teve o objetivo de contribuir com novos métodos de avaliação da cultura. Por fim, cabe destacar a importância e o papel da universidade para além dos seus muros, permitindo a diversas pessoas oportunidades culturais.

A comprovação das dimensões serviu de orientação para a efetivação do objetivo final, favorecendo as discussões acerca da modalidade avaliativa no campo da cultura. Contudo, algumas limitações da pesquisa precisam ser mencionadas, pois o aprofundamento de campo na dimensão institucional não aconteceu conforme o esperado, já que requereu além de tempo, uma revisão literária muito mais aprofundada no campo da gestão. Apesar disso, tendo em vista a profundidade das entrevistas dos participantes, houve a coleta de um material significativo para o estudo e que respondiam às questões essenciais da problemática, corroborando o sentido do valor da cultura na sociedade.

As articulações entre os diversos âmbitos culturais são importantes para viabilizar esse teor transversal. Do nível individual ao coletivo é preciso reconhecer a arte como elemento de desenvolvimento, já que é um recurso que deve estar conectado à educação, saúde pública, entre outros setores. Como defende Holden (2006), é indispensável que o valor da cultura ressoe como um recurso estratégico em cada nação, sem esquecer de sua especificidade particular, pois a arte traz a oportunidade de conhecer os diversos sentimentos do mundo. Assim, zela-se por uma estabilidade entre o viés instrumental e o intrínseco, algo inerente ao campo artístico.

Como sugestão de estudos futuros, tal modelo de impacto das artes pode ser explorado em diversos contextos. Portanto, recomenda-se que, para uma avaliação holística dos projetos artístico-culturais, haja a visão das seguintes perspectivas: público-alvo, instituição e audiência. Ademais, novas pesquisas devem ser feitas para conhecer a singularidade dos efeitos de cada modalidade artística.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Antônio Carlos **et al.** **Reflexões sobre Indicadores Culturais.** **Revista Observatório Itaú Cultural**-N. 4: Itaú Cultural, 2015. Disponível em: < https://issuu.com/itaucultural/docs/revista_observatorio_15_issuu>_ Acesso em: 22 jan. 2018
- AMATO, Rita Fucci. **O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical.** Opus, v. 13, n. 1, p. 75-96, 2007. Disponível: < <http://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/295> > Acesso: 10 jan.2018
- ARTS COUNCIL ENGLAND. **The value of arts and culture to people and society.** 2014, Disponível em: < <https://www.artscouncil.org.uk/exploring-value-arts-and-culture/value-arts-and-culture-people-and-society> > Acesso em: 19 dez.2018
- BARBA, Alfonso Hernández. **Dilemas para os gestores culturais:** uma proposta formativa com cinco eixos. In: _____. **Políticas culturais:** reflexões sobre gestão, processos participativos e desenvolvimento. Observatório Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2009. Disponível em: <<http://www.santoandre.sp.gov.br/pesquisa/ebooks/360512.PDF>> Acesso em: 21 jul. 2018
- BARBALHO, Alexandre. **Política cultural.** Coleção Política e Gestão Culturais. Secretaria da Cultura.Salvador: 2013.Disponível em: <http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/politica_cultural.pdf.>Acesso em: 22 mar. 2018
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte, educação e cultura.** [S.l.]: Portal Domínio Público, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do,2004>>. Acesso em: 09 nov. 2018
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016. (Edição revista e atualizada).
- BARROS, Jose Marcio. **Arte e cultura:** caminhos para o desenvolvimento regional? - Papo XXI. [S.l.]: Centro Cultural Banco do Nordeste, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gKw8jShb4u0&t=710s>>. Acesso em: 12 mar. 2018
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo:** produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 10-80.
- CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no Brasil:** balanço e perspectivas. Campinas, SP: Guia Cultural, 2007. Disponível em: <http://www.guiacultural.unicamp.br/sites/default/files/calabre_1_politicas_culturais_no_brasil_balanco_e_perspectivas.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2018
- CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre CULTURA.** 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

CAMPENHOUDT, Luc Van; QUIVY, Raymond. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 2008.

CARASSO, J. G. **Ação cultural, ação artística. Se há duas palavras... Há duas coisas**. Sala Preta, v. 12, n. 1, jun. 2012, p. 18-23. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57543/60579>. Acesso em: 10 out. 2018

CARNWATH, John D.; BROWN, Alan S. **Understanding the value and impacts of cultural experiences**. Manchester, United Kingdom: Arts Council England, 2014. Disponível em: <https://www.artscouncil.org.uk/publication/understanding-value-and-impacts-cultural-experiences>. Acesso em: 23 mar 2018

CASCÃO, Rodolfo. *et al.* **Glossário de cultura**. Brasília, DF: Serviço Social da Indústria (SESI), 2007. Disponível: http://www2.cultura.gov.br/site/wpcontent/uploads/2007/11/sesivol_03.pdf. Acesso em: 21 jan. 2018.

CASTRO, Paula Almeida de. **Tornar-se aluno: identidade e pertencimento: perspectivas etnográficas**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2015. Disponível em: <http://www.uepb.edu.br/download/ebooks/Tornar-se%20aluno%20-%20identidade%20e%20pertencimento%20-%20perspectivas%20etnogr%C3%A1ficas.pdf> Acesso em: 22 mar. 2018

CEREZUELA, David Roselló. **Planejamento e avaliação de projetos culturais: da ideia à razão**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

COELHO, José Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 3 edições. 2004.

COELHO, José Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008. 160 p. Disponível em: http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001054.pdf. Acesso em: 10 jan. 2018

COELHO, José Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2012

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995

COSTA, Patrícia Maneschy Duarte da; SANTOS, Sonia Regina Mendes dos; GRINSPUN, Mirian Paura Sabrosa Zippin. **Extensão Universitária e o campo da Política Cultural. Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 352-368, set./dez. 2009. Disponível em: <http://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/48>. Acesso em: 11 nov. 2018.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia: ser, saber e fazer: elementos da história do pensamento ocidental**. São Paulo: Saraiva, 1996.

CUCHE, Denys; **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Newton. **Cultura e ação cultural: uma contribuição a sua história e conceito**. São Paulo: Edições Sesc, 2010.

DENNING, Michael. **A cultura na era dos três mundos**. São Paulo: Francis, 2005.

DEWEY, John. **Art as Experience** (New York, 1934). Chapter I, 1958. Disponível em: <https://sites.evergreen.edu/danceasart/wp-content/uploads/sites/124/2015/09/Art-as-Experience-ch.1.pdf> Acesso em: 22 nov.2018

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

ETZKOWITZ, Henry; ZHOU, Chunyan. **Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo**. Estudos Avançados, v. 31, n. 90, p. 23-48, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142017000200023&script=sci_arttext Acesso em: 27 set. 2018

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**. [S.l.: s.n.], 2003. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/425/POLIS_arte_identidade_cultural_constru%E7%E3o_mundo_solidario.pdf?sequence=1 Acesso: 30 out. 2018

FAVERO, Maria. **A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1550/155013353003/> Acesso: 15 abr. 2018

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. 9. ed. LTC. Rio de Janeiro, 1987.

FONTELES, Bene. *et al.* **Arte e cultura pelo reencantamento do mundo**. São Paulo: Instituto Pólis, 2009. 108 p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, 13). Disponível: <http://www.polis.org.br/uploads/1085/1085.pdf>. >Acesso em: 17 jul. 2018

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão universitária: organização e sistematização**. Belo Horizonte: COOPMED, 2007. 117 p. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Organizacao-e-Sistematizacao.pdf> Acesso: 10 nov. 2018

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS/Pró-Reitoria de Extensão, 2012. Disponível em: https://www.ufrgs.br/proext/wp-content/uploads/2015/10/PNE_07.11.2012.pdf Acesso em: 12 nov. 2018

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 2008.

GREFFE, Xavier. **A Economia Artisticamente criativa: Arte, Mercado, sociedade**. São Paulo: Iluminuras e Itaú Cultural, 2016. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/a-economia-artisticamente-criativa;>> Acesso em: 22 set. 2018

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 327 p.

GUERRA, Paula; QUINTELA, Pedro. **A Cultura como alavanca de inclusão e de participação social: uma nova geração de políticas públicas de proximidade**. In: First International Conference of Young Urban Researchers. 2007. **Anais...** [S.l.: s.n.], 2007. Disponível: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/53670/2/75021.pdf>> Acesso em: 19 set 2018

GUETZKOW, J. **How the arts impacts communities**. NJ: Princeton University Center for Arts and Cultural Policy Studies, 2002. Disponível em: <https://www.princeton.edu/~artspol/workpap/WP20%20-%20Guetzkow.pdf>. Acesso: 10 jan. 2018

HOLDEN, John. **Capturing cultural value: how culture has become a tool of government policy**. London: Demos, 2004. Disponível em: <https://www.demos.co.uk/files/CapturingCulturalValue.pdf> Acesso em: 22 jan. 2018

HOLDEN, John. **Cultural value and the crisis of legitimacy**. London: s.n., 2006. Disponível em: <https://www.demos.co.uk/files/Culturalvalueweb.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018

HOLDEN, John. **Democratic culture opening up the arts to everyone**. London: Demos, 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30685956.pdf> Acesso em: 22 jan. 2018

HOLDEN, John. **Valuing culture in the global city**. Kultur vol. 1, nº1, 2014 - pp. 121-134. Disponível em: <http://www.e-revistas.uji.es/index.php/kult-ur/article/download/1250/1227>. Acesso: 11 jan. 2018

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Palacete Gentil Braga**. São Luís: IPHAN, 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1247>. Acesso em: 09 nov. 2018

ITAU CULTURAL. **Avaliação da cultura: gestão e políticas culturais**. [São Paulo]: s.n., 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IKCoVNiD_bo>. Acesso em: 17 ago. 2018

JUNKER, David. **O movimento do canto coral no Brasil: breve perspectiva administrativa e histórica**. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. 1., 1999. **Anais...** [S.l.: s.n.], 1999.

KEATING, Clare. **Evaluating community arts and community well being**. Eds. Arts Victoria, et al.: Effective Change, 2002. Disponível em:

<https://creative.vic.gov.au/__data/assets/pdf_file/0007/57175/Evaluating_Community_Arts_and_Wellbeing-2.pdf> Acesso em: 6 fev. 2018

LEITE, Pedro Pereira. **Cultura e Desenvolvimento?** Informal Museology Studies, 2015.

Disponível em:

<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/7317/culturaedesenvolvimento.pdf?sequence=1>> Acesso em: 22 out. 2018

LIMA, Alceu Amoroso. **Cultura Brasileira e a Universidade.** Conselho Federal da

Educação. Separata de Documenta, Rio de Janeiro, n. 21, v. 2, 1963. Disponível em:

<<http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me001750.pdf>> Acesso em: 23 fev. 2018

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Arte e desenvolvimento.** Belém: Instituto de Artes do Pará, 1999

MAAS, K.; LIKET, K. (2011). **Social Impact Measurement: Classification of Methods.** In R. BURRITT, R. et al. (Ed.). Environmental Management Accounting and Supply Chain Management. [S.l.]: Springer Netherlands, 2011. p. 171-202.

MARQUES, Angélica. **Trajetórias do canto coral no Maranhão: FEMACO como referência histórica num processo de continuidades e rupturas.** 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Aveiro, Aveiro, 2016

MARTINEZ, P. G. D.; RAWLINGS, P. P. L.; VERMEERSCH, C. M. J. **Avaliação de Impactos na prática.** [S.l.]: Grupo Banco Mundial, 2011

MEIRELLES, F.S.C.; SANTOS, S. R. M. **A avaliação e a construção de indicadores; um estudo sobre as principais diretrizes e suas repercussões para a avaliação da extensão.**

Coleção Extensão Universitária, v. 8, 2013. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/proex/renex/images/avalia%C3%A7%C3%A3o_da_extens%C3%A3o_livro_8.pdf> Acesso em: 12 out 2018

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão popular.** 2.ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014

MELO, Sara. **Projetos artísticos (d)e intervenção comunitária: texturas, uma experiência do Festival Internacional de Teatro de Rua de Santa Maria da Feira.** 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: teoria, método, criatividade.** 6. ed. Petrópolis: Vozes; 1994

MIRANDA, Danilo. **Cultura e desenvolvimento humano.** Cadernos Cenpec - Nova série, v. 5, n. 7, 2010.

MONIZ, Carolina. **Evento debate relação entre cultura e universidade.** Jornal do Campus, 2012, p. 1-3. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2012/10/evento-debate-relacao-entre-universidade-e-cultura>>. Acesso em: 13 abr. 2018

NOGUEIRA, M. D. P. *et al.* **Avaliação da extensão universitária: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão.** Coleção Extensão Universitária, v. 8, 2013.

NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. **Avaliação e monitoramento de políticas e programas e sociais: revendo conceitos básicos.** *Katálysis*, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 141-152, jul./dez. 2002.

UNESCO, ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração universal sobre a diversidade cultural.** Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PAGLIA, Camille. **Imagens cintilantes: uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cultura e representações, uma trajetória.** Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p. 45-58. Disponível: <
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/31549/000632033.pdf?sequence=>>
Acesso em: 11 nov. 2018

PHIPPS, Carter. **Evolucionários: revelando o potencial espiritual e cultural de uma das maiores ideias da ciência.** Ed. Cultrix 2014.

PINHO, Minon; MARTINEZ, André. **Guia do empreendedor sociocultural: reflexões, orientações, metodologias e práticas para amparar o desenho e a gestão de projetos socioculturais sustentáveis.** [S. l.: s. n.], 2012

PORTO, Marta. **Arte, cultura e o espírito de um tempo.** Cadernos Cenpec - Nova série, v. 5, n. 7, 2010. Disponível em:
<<http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/62>>. Acesso em: 13 jan. 2018

RAMOS, Luis A. **A universidade em tempo de cooperação.** *Jornal do Campus*, 2012, p. 1-3. Disponível em: <<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2012/10/evento-debate-relacao-entre-universidade-e-cultura/>> Acesso em: 14 abr. 2018

REIS, Ana Carla Fonseca. **Marketing cultural e financiamento da cultura.** São Paulo: Thomson Pioneira, 2003

ROUSSEAU, Jean Jacques. **“Ensaio sobre a origem das línguas”.** Tradução de Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. S. Paulo: Nova Cultural, (Coleção Os Pensadores; Vol. I). 1999

RUBIM, Antônio; **Cultura e política cultural.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

SALATINI, Rafael. (Org.). **Cultura e Direitos humanos nas relações internacionais: reflexões sobre direitos humanos.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. Disponível em: < https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/cultura-e-direitos-humanos-v.-2_ebook.pdf; > Acesso: 12 dez 2018

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. Coimbra: Almedina, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SOBOLL, Renate Stephanes. **Música Regional Brasileira No Cânone Do Canto Coral Como Veículo De Difusão, Divulgação E Preservação Da Cultura Brasileira**. II Encontro Funarte: Políticas para as artes. 2012. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/119.255.988-61_Renate-Soboll.pdf> Acesso em: 28 jan 2019

THIERY-CHERQUES, Hermano Roberto. **De falácias e de cultura**. RAP, Rio de Janeiro, v. 35, n. 4, jul./ago. 2001. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6393>> Acesso: 2 jan 2018

THIERY-CHERQUES, Hermano Roberto. **Projetos culturais: técnicas de modelagem**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

THOMPSON, Derek. Hit Makers. **Como nascem as tendências**. [S.l.]: Editora Harper Collins. 2017

TRAVASSOS, Susana. **Arte cultura e entretenimento: breves considerações**. Mural Sonoro, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.muralsonoro.com/mural-sonoro-blog/2014/7/12/arte-cultura-e-entretenimento-breves-consideraes-por-susana-travassos>>. Acesso em: 29 jan. 2018

UFMA, Universidade Federal Do Maranhão **Coral da UFMA comemora 45 anos e encanta o público durante apresentação**. São Luís: UFMA, 2018c. Disponível em: <<http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=52482>>. Acesso em: 09 nov. 2018

UFMA, Universidade Federal Do Maranhão. Departamento de Assuntos Culturais. **Coral UFMA celebrara 45 anos**. São Luís, DAC/UFMA, 2018a. 2 p. Disponível em: <<http://www.cultura.ufma.br/index.php/coral-ufma-celebrara-45-anos/>>. Acesso em: 10 nov. 2018

UFMA, Universidade Federal Do Maranhão. Departamento de Assuntos Culturais. **Solenidade de Abertura do 38 festival maranhense de coros será nesta sexta**. São Luís, DAC/UFMA, 2018b. Disponível em: <<http://www.cultura.ufma.br/index.php/solenidade-de-abertura-do-38o-festivalmaranhense-de-coros-sera-nesta-sexta/>> Acesso em: 09 nov. 2018

UFMA, Universidade Federal Do Maranhão. **Plano de desenvolvimento institucional**. São Luís: UFMA, 2017. Disponível em: <<http://www.ufma.br/portalUFMA/arquivo/puwEW8dc9aoshs4.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018

UFRB, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Sobre o coral.** Disponível em: <<https://www2.ufrb.edu.br/cantocoral.>> Acesso em: 12 jan 2019

USP, Universidade de São Paulo. **Trilha sonora por conta dos corais.** Uma das tradições natalinas mais antigas é a apresentação dos grupos de canto. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/arquivo/2005/espaco62dez/atualiza/cultura.htm> > Acesso: 12 jan, 2019

VERGARA, S. C. **Método de pesquisa em administração.** São Paulo: Atlas. 2011

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em Administração.** 4. ed. São Paulo: Atlas. 2013

YÚDICE, George; SILVA, Marie-Anne e. **A conveniência da cultura:** usos da cultura na era global. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA – DIMENSÃO INDIVIDUAL

Entrevista

Conteúdo: Dimensão Individual
Sujeito da Pesquisa: Participante do Projeto

- Como conhecestes o canto coral? Como foi essa inserção?
- O que te chamou atenção na época?
- Lembras da primeira vez que assistiu uma apresentação?
- Lembras como foi a tua primeira apresentação ao vivo, o que sentiste?
- O que o coral te proporcionou de experiências? Já viajaste, ou participaste de outro contexto na qual o coral foi conexão?
- Anteriormente a entrada no coral, como era a tua relação com a arte?
- E como tal relação mudou após o coral?
- Quais as experiências mais impactantes? Podes descrever esse dia?
- Quais foram os maiores desafios? Como você superou essas dificuldades?
- Que sonhos o coral te despertou?
- Aprendeste tocar algum instrumento musical?
- Despertou para compor melodias?
- Quais inspirações o coral te desperta?
- Você se sente uma artista?
- O coral em poucas palavras pra você? E a arte...
- Quais tuas canções favoritas para canto e porquê?
- Que outros aprendizados poderiam citar?
- Como eram as relações interpessoais?

APÊNDICE B – ENTREVISTA - DIMENSÃO COLETIVA

Entrevista:

Conteúdo: Dimensão Coletiva

Sujeito da Pesquisa: Participante do Projeto

- Consideraria que teve impacto na tua visão social?
- Como a experiencia do coral pode expandir a tua visão de mundo?
- Teve impacto na maneira como se relacionava com a cidade local?
- O que consideras que teve mudança na tua visão cultural local e universal?
- Qual a singularidade do espaço Palacete Gentil Braga? Te aproximou de alguma forma com o patrimônio local da cidade?
- Como você se sente fazendo parte do ambiente, dos ensaios?
- Consideras que o projeto teve impacto em outros aspetos da tua vida que não referiste até aqui?
- Em que grau se sentes inclusas no ambiente do Coral?
- O envolvimento com o projeto trouxe mudanças na sua forma de ver o mundo?
- Acreditas que essa sensação de inclusão, se deve a que?
- Qual a sua visão sobre a importância de se investir cultura na sociedade?
- Na sua opinião, o que pode ser melhorado?
- Existe algo mais, que gostaria de dizer e não foi perguntado?

APÊNDICE C – ENTREVISTA – DIMENSÃO INSTITUCIONAL

Entrevista:

Conteúdo: Dimensão Institucional

Sujeito da Pesquisa: Coordenadora do Coral UFMA

- 1 Breve Histórico do Coral e do DAC
- 2 Quais os objetivos do Canto Coral na comunidade?
- 3 Quais as principais metas?
- 4 Como são planejadas as ações?
- 5 Quantos participantes atualmente?
- 6 Como funciona a entrada e as turmas?
- 7 Quais os eventos de participação?
- 8 Há arrecadação de recursos externos?

ANEXOS

ANEXO A – LISTA DOS REGENTES DO CORAL UFMA

(1973-1987) - Giovanni Pelella

(1988-1992) - Alberto Pedrosa Dantas Filho

(1993-1994) Hilton Assunção. Ciro de Castro, Lindaura de Carvalho e Volga Lena Guimarães

(1995-1996) -Giovanni Pelella

(1997-2000) Angélica Vieira da Silva Marques

(2002-2004) Alberto Pedrosa Dantas Filho

(2004-2008) Fernando Elias Mouchreck

(2009-2013) Angélica Vieira da Silva Marques *

(2014) -Wadson Fernandes

(*) Angélica Vieira Marques é a atual regente oficial do Coral UFMA. De 2014 a novembro/2015 – foi licenciada para Mestrado). Reassumiu em dezembro de 2015.

Fonte: Do Carmo, Coordenadora da Divisão de Atividades Literárias e Musicais - DAC